

THAIS DE ABREU GARCIA

INTERNET, ENTÃO, NEM EM SONHOS! :

UM ESTUDO INTERACIONISTA SOCIODISCURSIVO SOBRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL NO PROJETO DE EXTENSÃO “PESCADORES ONLINE”



UFPB – PROLING

2012



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING**

THAÍS DE ABREU GARCIA

INTERNET, ENTÃO, NEM EM SONHOS! :
**UM ESTUDO INTERACIONISTA SOCIODISCURSIVO SOBRE PRÁTICAS DE
LETRAMENTO DIGITAL NO PROJETO DE EXTENSÃO “PESCADORES
ONLINE”**

TOMO I

João Pessoa - PB
2012



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PROLING**

THAÍS DE ABREU GARCIA

INTERNET, ENTÃO, NEM EM SONHOS! :
**UM ESTUDO INTERACIONISTA SOCIODISCURSIVO SOBRE PRÁTICAS DE
LETRAMENTO DIGITAL NO PROJETO DE EXTENSÃO “PESCADORES
ONLINE”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração *Linguística e Práticas Sociais* e linha de pesquisa *Linguística Aplicada*, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Lynn Reichmann

João Pessoa - PB
2012

G216i Garcia, Thaís de Abreu.

Internet, então, nem em sonhos!: *um estudo interacionista sociodiscursivo sobre práticas de letramento digital no Projeto de Extensão “Pescadores Online”* / Thaís de Abreu Garcia. - João Pessoa, 2012.

162f. : il.

Orientadora: Carla Lynn Reichmann

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA/PROLING

1. Linguística. 2. Linguística Aplicada. 3. Práticas Sociais. 4. Letramento Digital. 5. Telecentros Comunitários Rurais. 6. Interacionismo Sociodiscursivo. 7. Modalizações.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

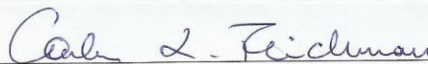
THAÍS DE ABREU GARCIA

**INTERNET, ENTÃO, NEM EM SONHOS! :
UM ESTUDO INTERACIONISTA SOCIODISCURSIVO SOBRE
PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL NO PROJETO DE
EXTENSÃO "PESCADORES ONLINE"**

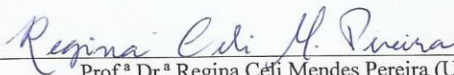
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Data de aprovação: 03, 04, 2012

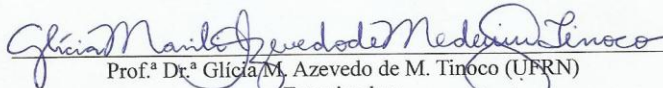
MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Carla Lynn Reichmann (UFPB)
Orientadora



Prof.^a Dr.^a Regina Céli Mendes Pereira (UFPB)
Examinadora



Prof.^a Dr.^a Glicia M. Azevedo de M. Tinoco (UFRN)
Examinadora

(...) vivemos um momento de transição, onde podemos saber de onde viemos, mas temos dificuldade de saber onde estamos, e achamos que é impossível saber para onde vamos. Essa dificuldade em achar uma direção pode ser explicada pela diferença entre caminhar e navegar. Caminhar pressupõe uma estrada em terra firme, construída anteriormente por uma outra pessoa, que deixou os sulcos abertos no chão para direcionar os viajantes. Esta estrada não existe mais. A metáfora agora não é mais caminhar, é navegar. Quando se navega não há caminhos; é impossível abrir sulcos na água. Quando se navega tem-se pela frente apenas a extensão do mar aberto. Quando se caminha, olha-se para baixo, procurando a estrada. Quando se navega olha-se para cima, procurando orientação no sol e nas estrelas. (Wilson Leffa)

Dedico este trabalho a minha mãe, Teja, e aos meus amados irmãos, Fábio e Caroline.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos meus anjos da guarda por me protegerem sempre.

Agradeço o apoio de todas as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade.

À minha mãe, Teja, cujo apoio foi fundamental em todos os sentidos. Agradeço, principalmente, por respeitar e apoiar minha escolha em desenvolver este trabalho em Barra de Mamanguape. Amo você.

Aos meus irmãos, Fábio e Caroline, por estarem sempre ao meu lado - mesmo quando estão distantes - e também por terem me deixado dormir tranquila ao saber que *mainha* estava em boas mãos! Amo vocês.

A Manu e Clarissa, grandes amigas, que me acolheram em um dos momentos mais difíceis dessa minha jornada nordestina e com as quais compartilho as dificuldades e a comicidade da vida. Vocês são sensacionais!

Aos queridos amigos Magnus e Helen, que me levaram pela primeira vez à Barra de Mamanguape. A Helen, em especial, por ter me apoiado lá no início de tudo, cuidando para que eu não abandonasse um sonho chamado *Nordeste*.

A Caio e Soni, que também cuidaram para que o sonho *Nordeste* não acabasse. Obrigada, queridos, vocês são especiais!

Ao colega Bruno Stefanis, que ajudou a abrir meus caminhos na Barra de Mamanguape.

Ao meu querido *Biscoito*, que me mostrou em suas atitudes valores essenciais da vida como a simplicidade, o amor, o respeito, a amizade e, principalmente, a paciência.

A Sé, Fábio, D. Expedita, Seu Eufrásio e Nego, pelo apoio em TODOS os momentos.

Às meninas da Ecoficina Peixe-boi: Zezé, Ana e Nalva, por terem nos acolhido durante a fase do Telecentro Embrião.

Ao colega Alexandre Merrem, por ter prestado grande apoio ao longo do projeto, um abraço!

Ao querido amigo Lino, que doou o primeiro computador para o *Telecentro Comunitário Pescadores Online*.

Ao Presidente da *Colônia de Pescadores Antonio de Brito – Z-13*, Sr. Carlos, por atender pronta e cordialmente a todas as nossas solicitações durante a fase de pesquisa.

A D. Rita, Tonho de Maria e toda sua família por terem me acolhido e me ensinado sobre a cultura e o cotidiano do pescador.

Ao amigo Zuza, que prestou imensa ajuda na minha fase de adaptação na comunidade. Foi ele quem me apresentou pessoas importantes, como Seu Zé de Joca, pescador antigo e muito resistente à presença de pesquisadores na comunidade. Seu Zé me contou as primeiras histórias da Barra e me iniciou nos ensinamentos sobre a vida do pescador. Foi ali, sentada em sua caçara, à beira do estuário, observando seu paciente e quase inacabável trabalho de tecer redes de pesca, que fui descobrindo a cultura e o valor daquele lugar e, também, o tamanho da minha responsabilidade perante aquele povo. Agradeço igualmente a todos os outros pescadores que contribuíram para aumentar meu conhecimento sobre a cultura ribeirinha, sobretudo acerca da cultura local.

À D. Aparecida, D. Moça e Monaliza, da *Pousada e Restaurante Luar nas Dunas*, pela forma carinhosa como me receberam quando cheguei à Barra de Mamanguape. Muito obrigada por terem acreditado neste trabalho.

Agradeço também a todos os moradores da Barra de Mamanguape que acreditaram neste trabalho, e a TODAS as famílias que me prestaram apoio, mesmo quando desconfiadas.

Ao pessoal do Projeto Peixe-boi, um grande abraço e obrigada por nos apoiar em todas as ações do projeto!

À D. Beta e família, que me receberam de braços abertos em Praia de Campina. À D. Beta, em especial, por ter me acompanhado diariamente ao longo desta trajetória. A Ivo, pela colaboração e apoio ao projeto. A Júnior, Isabele e Alice por terem me recebido tão bem, quebrando galhos, ajudando aqui e acolá, valeu! E a todos os funcionários do mercadinho, que sempre me atenderam gentilmente! Obrigada!

A todos os bolsistas e voluntários do projeto *Pescadores Online*: Dani, Wenia, Lidiane, Simone, Fábio, Sé e Nego, bem como aos seguintes colaboradores: Nel, Maraísa, Adriano, Rozimar e William - que infelizmente não puderam permanecer conosco ao longo do projeto, mas ofereceram todo apoio no início.

Aos parceiros do Projeto *Pescadores Online*: *Fundação Mamíferos Aquáticos*, *Projeto Edux*, *Instituto Biota de Conservação*, *APA da Barra do Rio Mamanguape/ICMBio* e *Projeto Peixe-boi*, cujo apoio foi fundamental no processo de implantação e execução do Projeto e, consequentemente, da presente pesquisa.

A toda equipe da Associação Nacional para Inclusão Digital – ANID, por ter contribuído para a inclusão digital de dezenas de famílias de pescadores da Barra de Mamanguape e por ter possibilitado o desenvolvimento desta pesquisa fornecendo banda larga gratuita para o telecentro em todas as fases do Projeto.

A Percival, presidente da ANID, que acreditou nesta pesquisa desde o primeiro instante, prestando todo o apoio e suporte para que a comunidade pudesse contar com banda larga.

A Guto Sousa, diretor pedagógico do *Yázigi* de João Pessoa, por ter mobilizado a *RCTEC Resíduos Tecnológicos* e o *Núcleo de Apoio à Inclusão Digital (AID)*, do *Centro Universitário Unipê*, para doar quatro computadores para o *Telecentro Pescadores Online*. Além de contribuir para combater a exclusão digital na zona rural, a parceria estabelecida entre as instituições citadas e o Telecentro demonstra a preocupação dessas empresas com a questão socioambiental e da sustentabilidade, já que todas trabalham a partir de uma mesma filosofia: a reciclagem. Todas as máquinas recebidas pelo Telecentro passaram por um processo de recondicionamento, ou seja, foram totalmente reformadas a partir de peças provenientes de pontos de depósito de lixo tecnológico, como o *Yázigi*, em João Pessoa. As peças são coletadas pela *RCTEC* e enviadas para o *Centro Universitário Unipê*, onde são recondicionadas por alunos do curso de Ciências da Computação, para posteriormente serem entregues à programas de inclusão digital.

À Prof.^a Dr.^a Carla Lynn Reichmann, minha orientadora, por ter me acolhido já próximo à etapa final do mestrado, reorientando a pesquisa, mostrando o caminho a ser seguido e dando forças para que eu não desistisse. Carla foi a grande responsável pelos caminhos por mim enveredados, foi ela quem me fez enxergar a pesquisa, quem me fez acreditar, quem cuidou não somente para que este

trabalho saísse bem feito, como também para que eu me reconhecesse e me tornasse pesquisadora. A você, Carla, meus sinceros agradecimentos e profunda admiração. Espero também dar continuidade aos meus estudos e, seja lá de que maneira isso ocorra, quero continuar contando com seu apoio e valiosas contribuições.

À coordenadora do PROLING, Prof.^a Dr.^a Regina Celi, que através de sua dedicação e competência me orientou nas fases mais conturbadas do mestrado, não permitindo que eu abandonasse o barco.

Ao Prof. Dr. Fillipe Silveira Marini, por ter aceitado o convite para ser o coordenador do projeto de extensão *Pescadores Online* e por ter me ensinado a trabalhar com metodologias participativas.

Ao CNPQ/CAPES pela bolsa concedida para a execução da pesquisa.

Aos professores da banca examinadora de qualificação: Prof.^a Dr.^a Carla Reichmann, Prof.^a Dr.^a Regina Celi e Prof. Dr. Erivaldo Nascimento meus sinceros agradecimentos pelas valiosas contribuições.

Às professoras da banca examinadora de defesa, por terem aceitado nosso convite.

Ao colega companheiro de militância Wilkens Lenon, pelo imenso apoio na construção do telecentro e pelas discussões promovidas sobre a filosofia e a ideologia por trás do uso de *software livre*.

A Marcelo Coutinho, amigo, produtor paraibano de audiovisual, colaborador do projeto *Pescadores Online*, meu SUPER obrigada! Estamos aí!

A Ronil, secretário do PROLING, que sempre me atendeu pronta e cordialmente.

Aos meus fiéis companheiros Duke e Ella, pela proteção e pelo amor incondicional.

A lista segue interminável...Obrigada, de coração, a todos que colaboraram comigo nesta aventura :)

RESUMO

Este estudo enquadra-se no escopo da Linguística Aplicada e caracteriza-se como pesquisa-ação de cunho qualitativo-interpretativista. Foi realizado em uma vila de pescadores, localizada no litoral norte da Paraíba, no âmbito do projeto de extensão intitulado *Pescadores Online: uma proposta de inclusão e letramento digital na comunidade de Barra de Mamanguape*, desenvolvido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O objetivo geral da presente pesquisa foi contrastar as práticas de letramento, especialmente digital, de um dos integrantes da equipe de monitores do *Telecentro Comunitário Rural Pescadores Online*, antes e depois da chegada da *internet* e da implantação do telecentro na comunidade, em 2011. Diante disso, buscamos investigar o impacto das novas Tecnologias da Informação e Comunicação nas práticas de leitura e de escrita do participante. Além disso, buscamos investigar seu olhar avaliativo acerca do projeto de extensão e dos elementos a ele relacionados, através das modalidades inscritas em seus relatos reflexivos. A fim de empreendermos esta investigação, nos apoiamos nas correntes teóricas sobre os estudos de letramento (STREET, 1984; BARTON et.al, 2000; KLEIMAN, 1995, 2005, 2007; OLIVEIRA E KLEIMAN, 2008), sobretudo no que se refere aos letramentos locais e ao letramento digital, e nos postulados do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999, 2006, 2008), principalmente no que diz respeito aos mecanismos enunciativos, mais precisamente às modalidades. Nosso *corpus* é composto por dois questionários sobre as práticas de letramento e acervos de leitura do participante e cinco relatos reflexivos. O procedimento de coleta dos dados se deu em duas etapas, a saber: na fase de formação dos monitores, que corresponde ao período anterior à chegada da *internet* na comunidade, e na fase de ação dos monitores - período posterior à implantação do telecentro na vila. A análise das práticas de letramento nos possibilitou afirmar que, no caso avaliado, ocorre uma superposição do letramento local em detrimento dos letramentos dominantes, em função do acesso limitado às práticas de leitura e de escrita na vila, principalmente antes da chegada do telecentro comunitário. Com relação às práticas de letramento digital, podemos afirmar que houve uma ampliação significativa dessas práticas ao longo do período avaliado. Quanto às modalidades, identificadas em 28 fragmentos, pudemos constatar o predomínio de marcas apreciativas, pragmáticas e lógicas nos textos, revelando opiniões, avaliações e julgamentos procedentes dos mundos objetivos e subjetivos do enunciador. De modo geral, podemos afirmar que, através da análise do agir linguageiro do participante, percebemos que o projeto *Pescadores Online* provocou uma transformação não apenas no mundo físico/objetivo, mas principalmente em seu mundo sócio-subjetivo. Por fim, acreditamos que os resultados obtidos neste estudo serviram para (re) orientar nossa prática enquanto agentes de letramento digital e estamos certos de que ele poderá servir de exemplo para outros projetos e pesquisas em comunidades rurais e periféricas.

Palavras-chave: Letramento digital. Telecentros Comunitários Rurais Interacionismo Sociodiscursivo. Modalizações.

ABSTRACT

This study is situated in the field of Applied Linguistics, and it is characterized as qualitative action research. Our goal is to examine the literacy practices of a tutor in a community computing center, located in Barra de Mamanguape - a small fishing village in the north of the state of Paraíba, Brazil. The data was collected before and after the opening of the computing center in the village. The idea was to investigate how the literacy practices of the participant, especially the digital ones, would change in the course of the academic project named *Pescadores Online*, which was responsible for building the computing center, for providing broad band connection in Barra de Mamanguape, as well as for training the present tutors. In addition to investigating the participant's literacy practices, I decided to investigate his evaluation/interpretation regarding the academic project and related aspects. The research is based on the theories of the new literacy studies (STREET, 1984; BARTON et.al, 2000; KLEIMAN, 1995, 2005, 2007; OLIVEIRA & KLEIMAN, 2008), and on the theory of the Socio-discursive Interactionism (BRONCKART, 1999, 2006, 2008), with especial attention to the enunciative mechanisms, such as modalization. Our *corpus* consists of 2 questionnaires regarding the participant's literacy practices, a reading record, and 5 reflective reports. The procedures of collection and construction of our *corpus* occurred in two different phases: the first phase refers to the period before the computing center (during the time the tutors were being trained), and the second one refers to the period after the opening of the computing center in Barra de Mamanguape (the action period itself). The results of this investigation show that the literacy practices of the participant increased in a significant way in the second phase, as compared to the first phase. The evaluations of the participant on the academic project show that, in the beginning, he was curious and suspicious, for he had never thought of having broad band connection in his village. As time went by, though, and when the actions started effectively in the community computing center, his evaluation and comments became more confident, and we could see a proud tutor who worked hard to get his community into the digital era. Thus, I came to the conclusion that this research not only helped us to understand the literacy practices and the cultural context of our participant, but it also played an important role in providing new guidelines for our practices as digital literacy agents.

Key-words: Digital literacy. Community Computing Centers. Socio-discursive Interactionism. Modalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Crianças amamentando filhotes de peixe-boi.....	53
Figura 2. Mapa de localização de Barra de Mamanguape.....	54
Figura 3. Lixo espalhado pela comunidade: falta coleta.....	55
Figura 4. Moradores fazendo a manutenção do ônibus rural.....	55
Figura 5. Vista da comunidade.....	56
Figura 6. Vista do porto das caiçaras.....	56
Figura 7. Vista da antiga igreja da comunidade.....	56
Figura 8. Vista da rua principal.....	56
Figura 9. Pesca artesanal: principal fonte de renda dos moradores.....	57
Figura 10. Vista do estuário do Rio Mamanguape.....	58
Figura 11. Alunos no 1º dia do Curso de Formação de Monitores.....	59
Figura 12. Monitores no telecentro embrião.....	60
Figura 13. Equipe em ação no telecentro comunitário.....	60
Figura 14. Torre de internet instalada na Barra.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Tipos de discurso.....	41
Quadro 2. Condições de produção de um novo texto.....	46
Quadro 3. Os três níveis da Arquitetura Textual.....	48
Quadro 4. Descrição do questionário 1.....	62
Quadro 5. Descrição do questionário 2.....	63
Quadro 6. Questões de pesquisa e procedimentos de análise.....	64
Quadro 7. Condições de produção do questionário 1 (fase de formação).....	65
Quadro 8. Acervo de leitura no âmbito doméstico.....	68
Quadro 9. Acervo de leitura no âmbito de formação escolar.....	73
Quadro 10. Práticas de letramento na esfera de formação escolar.....	74
Quadro 11. Práticas de letramento em ambiente virtual.....	75
Quadro 12. Práticas de letramento no âmbito do curso de formação de monitores.....	77
Quadro 13. Condições de produção do questionário 2 (fase de ação).....	79
Quadro 14. Práticas de letramento digital no âmbito do telecentro comunitário.....	80
Quadro 15. Práticas de letramento comparadas: fase de formação x fase de ação.....	84
Quadro 16. Contexto de produção dos relatos reflexivos (fase de formação).....	87
Quadro 17. Contexto de produção dos relatos reflexivos (fase de ação).....	87
Quadro 18. Plano global do relato nº 1: trajetória acadêmica e profissional.....	89
Quadro 19. Plano global do relato nº 2: primeiros contatos com as novas TIC.....	90
Quadro 20. Plano global do relato nº 3: expectativas iniciais com relação ao curso de formação de monitores.....	90
Quadro 21. Plano global do relato nº 4: expectativas após o curso de formação de monitores.....	90
Quadro 22. Tipos de discurso identificados nos relatos reflexivos.....	91
Quadro 23. Total de modalidades identificadas nos relatos reflexivos.....	91
Quadro 24. Modalizações apreciativas na fase de formação.....	92
Quadro 25. Modalizações pragmáticas na fase de formação.....	98
Quadro 26. Plano Global do relato nº 5: relato sobre o projeto de extensão.....	104
Quadro 27. Modalizações lógicas na fase de ação.....	105
Quadro 26. Modalizações apreciativas na fase de ação.....	107

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A: Questionário 1 (fase de formação).....	125
Apêndice B: Orientações para os relatos reflexivos (fase de formação).....	133
Apêndice C: Questionário 2 (fase de ação).....	134
Apêndice D: Orientações para os relatos reflexivos (fase de ação).....	136
Apêndice E: Objetivos do curso de formação de monitores	137

LISTA DE ANEXOS

Anexo A: Declaração de concordância com o projeto de pesquisa.....	139
Anexo B: Certidão do Comitê de Ética em Pesquisa.....	140
Anexo C: Termo de consentimento livre e esclarecido do participante.....	141
Anexo D: <i>Corpus</i> da pesquisa.....	142

TOMO II (DVD-ROM)

- I.** Dados complementares ao *corpus*
- II.** I Curso de Formação e Capacitação de Monitores
- III.** Acervo de Fotografias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1 – OS ESTUDOS DE LETRAMENTO, INCLUSÃO DIGITAL E SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO.....	23
1.1 Os Estudos de Letramento.....	23
1.2 Sociedade da Informação e letramento digital.....	27
1.2.1 Por uma política de combate à exclusão digital.....	28
1.2.2 Software livre: uma proposta democrática e inclusiva.....	30
1.2.3 Panorama da inclusão digital no Brasil.....	32
CAPÍTULO 2 – O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO.....	36
2.1 Princípios gerais do ISD e raízes epistemológicas.....	36
2.1.1 As contribuições de Vygotsky.....	37
2.1.2 As contribuições de Habermas.....	39
2.1.3 As contribuições do Círculo de Bakhtin.....	42
2.2 Quadro teórico do ISD.....	45
2.2.1 As condições de produção dos textos.....	45
2.2.2 A arquitetura textual e os mecanismos enunciativos.....	47
CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO.....	51
3.1 Natureza da pesquisa.....	51
3.2 Contexto da pesquisa.....	52
3.3 Perfil do participante.....	61
3.4 Procedimentos para geração e construção do <i>corpus</i>	62
3.5 Procedimentos de análise dos dados.....	64
CAPÍTULO 4 – PRÁTICAS DE LETRAMENTO E ACERVOS DE LEITURA.....	65
4.1 Práticas de letramento e acervos na fase de formação.....	65
4.1.1 Acervo no âmbito doméstico.....	67
4.1.2 Práticas de letramento no âmbito doméstico.....	69
4.1.3 Acervo no âmbito de socialização e convivência.....	72
4.1.4 Práticas de letramento no âmbito de socialização e convivência.....	72
4.1.5 Acervo no âmbito de formação escolar.....	73
4.1.6 Práticas de letramento no âmbito de formação escolar.....	74
4.1.7 Práticas de letramento em ambiente virtual.....	74
4.1.8 Acervo no âmbito do 1º Curso de Formação e Capacitação de monitores.....	75
4.1.9 Práticas no âmbito do 1º curso de Formação e Capacitação de monitores.....	77
4.1.10 Síntese Parcial.....	77
4.2 Práticas contrastadas: fase de formação x fase de ação.....	78
4.2.1 Práticas de letramento digital no âmbito do telecentro comunitário.....	79
4.2.2 Práticas de letramento digital no âmbito de socialização e convivência.....	82
4.2.3 Práticas de letramento digital contrastadas – fase de formação x fase de ação.....	83
4.2.4 Síntese parcial	84
CAPÍTULO 5 – AS MODALIZAÇÕES INSCRITAS NOS RELATOS REFLEXIVOS: HOJE NÃO SOU MAIS O MESMO, ISSO EU TENHO CERTEZA.....	86
5.1 Confesso minha dificuldade neste início: as modalizações na fase de formação.....	88
5.1.1 Plano Global dos relatos reflexivos na fase de formação.....	89
5.1.2 <i>No meu primeiro contato com o computador, fiquei um pouco assustado, não sabia mexer em nada, mas estava muito curioso:</i> Modalizações apreciativas na fase de formação...	91
5.1.3 <i>Hoje ainda fico assustado, mas já consigo fazer pesquisa, ver vídeos, as notícias do Brasil e do mundo...:</i> Modalizações pragmáticas na fase de formação.....	98

5.1.4 Síntese parcial.....	100
5.2 Hoje tenho meu computador, cara, quando eu iria imaginar que compraria um pc, isso nunca passou na minha cabeça...: Modalizações na fase de ação.....	103
5.2.1 (...) <i>Tem muita coisa ainda para ser feito, muita gente pra mudar, mas tudo isso vai acontecer se a gente acreditar:</i> Modalizações lógicas na fase de ação.....	104
5.2.2 <i>Como monitor, tenho muito orgulho de fazer parte desse projeto:</i> Modalizações apreciativas na fase de ação.....	106
5.2.3 Síntese parcial.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
Referências.....	119
Apêndice.....	124
Anexos	138

INTRODUÇÃO

A presente investigação é apenas um recorte, um olhar, a ponta do *iceberg* de um amplo projeto de extensão sobre inclusão e letramento digital, desenvolvido em uma pequenina vila de pescadores situada no litoral norte paraibano. Tudo começou quando optei por investigar o impacto da *internet* no cotidiano dos pescadores da Barra de Mamanguape, onde até pouco tempo, o acesso à informação e aos bens culturais era limitado pelas antenas parabólicas e pelas rádios locais, sendo as práticas de leitura e de escrita pouco frequentes.

Para tornar possível a realização desta pesquisa, era necessário, em primeiro lugar, garantir o acesso dos moradores à *internet*, algo não muito simples de se resolver, considerando a localização rural da comunidade e a falta de infraestrutura para abertura de um telecentro comunitário rural¹. Também não havia computadores na vila e, por isso, muitos moradores nunca haviam sequer usado um! Assim, era preciso não somente incluir, mas também letrar digitalmente os pescadores. Partindo dessa realidade, tínhamos que elaborar um projeto, captar recursos, pessoas - pesquisadores, extensionistas, voluntários - encontrar parceiros, instituições de apoio, etc. Como dar conta de criar o contexto e, ao mesmo tempo, desenvolver a investigação? Missão impossível? E se não desse tempo? De onde viriam tantos recursos? Seria arriscado demais atrelar uma pesquisa de Mestrado a um projeto tão grande, com tantos custos e tantas variáveis? E os dados, seria possível coletá-los num tempo tão curto? Haveria alguma mudança nas práticas de letramento dos pescadores em tão pouco tempo? Essas eram algumas questões a se pensar.

Felizmente, conforme mencionado, a presente dissertação é apenas um recorte do resultado positivo da realização desse grande projeto, ou seja, decidi assumir o risco! No primeiro ano do Mestrado, em 2010, elaborei o projeto de extensão intitulado *Pescadores Online*, que deu suporte para a realização do presente estudo. Mobilizei professores da universidade, instituições parceiras, extensionistas, voluntários e moradores da comunidade. Levantamos os recursos. No ano seguinte, executamos o projeto: montamos a equipe, levamos banda larga gratuita à comunidade de pescadores, construímos o telecentro comunitário, capacitamos monitores e usuários, desenvolvemos projetos de letramento digital e, finalmente, pudemos traçar o recorte para a presente investigação.

¹Telecentros comunitários são espaços que oferecem acesso gratuito à internet e atendem basicamente as populações de baixa renda, indígenas, quilombolas e comunidades ribeirinhas.

Se por um lado ainda é cedo para identificarmos as mudanças relevantes no desenvolvimento sustentável da comunidade como um todo - mudanças essas provocadas pelos projetos de letramento digital - por outro foi possível realizar um levantamento das práticas de letramento de um morador *antes* e *depois* da chegada da *internet* e da implantação do telecentro na vila, contrastando essas práticas nos dois momentos.² Ainda, comentários e avaliações formulados pelos participantes acerca do impacto da tecnologia em suas práticas de letramento, da relevância do telecentro como agência de letramento digital, do papel do monitor enquanto agente social, da comunidade e dos demais participantes foram coletados através de relatos reflexivos produzidos por eles nas duas fases da pesquisa. Investigar e compreender esses comentários e avaliações nos permitiu não somente conhecer melhor os voluntários extensionistas, como também (re)avaliar e (re)orientar nossa prática enquanto pesquisadores e agentes de letramento digital. Acreditamos que os projetos que visam à infoinclusão e ao letramento sociodigital devem estar fundamentalmente pautados no perfil dos novos usuários das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), de suas comunidades, seus valores, culturas e tradições.

Foi nessa perspectiva que estabelecemos o objetivo geral desta pesquisa, a saber, contrastar as práticas de letramento, especialmente digital, de um dos integrantes da equipe de monitores do *Telecentro Comunitário Rural Pescadores Online*, antes e depois da chegada da *internet* e da implantação do referido telecentro na comunidade, a fim de investigarmos o impacto das novas TIC nas práticas de leitura e de escrita do participante. Além disso, buscamos investigar seu olhar avaliativo acerca do projeto de extensão e dos elementos a ele relacionados, através das modalidades (BRONCKART, 1999, 2006, 2008) inscritas em seus relatos reflexivos. Desse modo, nossos objetivos específicos são:

- i) Mapear as práticas de letramento do participante antes e depois da chegada da *internet* e da implantação do telecentro na comunidade, contrastando esses dois momentos.
- ii) Identificar, nos relatos reflexivos, quais elementos do conteúdo temático estão sendo avaliados pelo participante, as modalidades que traduzem essas avaliações, e de que maneira elas (re)configuram esses elementos.

A fim de orientar nossa investigação, buscamos responder as seguintes questões:

- 1) Quais as práticas de letramento do participante antes e depois da chegada da *internet*

² Apesar de, inicialmente, terem sido três os participantes deste estudo, devido ao tempo curto, apresentaremos apenas os resultados referentes a um deles.

na comunidade? Como as práticas se (re) configuram ao longo do projeto de extensão?

2) Quais tipos de modalização ocorrem nos relatos reflexivos do participante e quais elementos do conteúdo temático estão sendo avaliados? De que maneira essas avaliações se (re)configuram ao longo do projeto de extensão?

Com relação ao local da pesquisa, podemos dizer que a escolha não se deu de forma aleatória. Viajante nata e amante da cultura ribeirinha, sempre sonhei em viver em algum vilarejo no litoral do Nordeste. Movida por esse desejo, viajei por inúmeras regiões, conhecendo vários povos e tradições que compõe a grande diversidade que é a cultura brasileira, até me mudar definitivamente de minha cidade natal, Piracicaba, interior de São Paulo, para João Pessoa, na Paraíba. Embora não estivesse num vilarejo, João Pessoa era uma capital muito tranquila e a cultura local se mostrava bastante diversa, o que atraía e aguçava muito a minha curiosidade. Após cinco anos na capital paraibana, a vida me levou à Barra de Mamanguape. Dona de um dos cenários mais belos por mim já visto, a comunidade tipicamente oral, de cultura ribeirinha, abriga a sede de um dos mais importantes projetos de preservação de mamíferos aquáticos no Brasil – o Projeto Peixe-boi Marinho. A Barra está localizada dentro de uma Área de Proteção Ambiental (APA) e de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), que além de atrair pesquisadores e estudantes de diversas partes do mundo, também tem atraído a atenção de turistas de diversas localidades.

Entretanto, apesar de toda beleza e importância ambiental, são constantes os desafios enfrentados pela população local, que não recebe apoio dos órgãos públicos, muito menos privados, para seu desenvolvimento sustentável e, por isso, permanece em estado de exclusão social e informacional. Desde minha primeira visita à comunidade, fiquei intrigada com a situação dos pescadores da Barra de Mamanguape. Percebi que havia ali uma cultura extremamente rica e valiosa, mas escondida, sem vez, sem voz e seriamente ameaçada, já que predominam entre os habitantes da vila as histórias tipicamente orais, contadas de pai para filho e que aos poucos vão deixando de ser cultivadas pelos mais jovens. A falta de acesso à informação e as escassas oportunidades de trabalho levam muitos moradores a deixarem o local em busca de emprego e melhores condições de vida em cidades e estados vizinhos. Nem mesmo a pesca, principal fonte de renda dos ribeirinhos, recebe incentivo para seu desenvolvimento, ou seja, a falta de políticas públicas, aliada à falta de acesso ao conhecimento, está contribuindo para aumentar a desigualdade socioeconômica não somente na Barra de Mamanguape, mas em milhares de comunidades com perfil semelhante. Perante este cenário de exclusão, eu me questionava: até quando os moradores dessas comunidades serão mantidos à margem da sociedade? É necessário fazer inclusão.

Minha primeira visita à Barra coincidiu com o início do curso de Mestrado. Meu projeto inicial era voltado para o estudo do impacto das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa. Naquela época, eu lecionava no Yázigi João Pessoa e estava realizando pesquisas sobre o assunto. Mas, já a partir do primeiro semestre do curso de Mestrado, durante as aulas de Fundamentos em Linguística Aplicada, uma inquietação tomava conta de mim e eu percebia que meus questionamentos iam muito além da sala de aula de língua estrangeira. A disciplina me mostrava cada vez mais a transdisciplinaridade da LA e eu percebia que era possível ultrapassar as barreiras da sala de aula, às quais eu me sentia limitada há onze anos. Para completar minha inquietação, durante o levantamento bibliográfico para meu projeto inicial de pesquisa, começaram a cruzar meus caminhos textos relativos à políticas públicas voltadas para inclusão e letramento digital em comunidades periféricas, quilombolas, indígenas. Pensei: por que não pescadores? Comecei então a participar de encontros sobre o assunto, conversar e pesquisar sobre inclusão digital nas zonas rurais. A partir daí, meu ideal passou a ser a criação de um projeto de inclusão e letramento digital para os pescadores da Barra de Mamanguape. Foi assim que eu vi um novo cenário se construindo à minha frente: o encantamento à primeira vista com a Barra e, ao mesmo tempo, a preocupação com a situação dos pescadores, um projeto de pesquisa sobre o impacto das novas TIC em vias de ser realizado, uma leitura que me levava cada vez mais para “outro” lugar, representando o que podia ser a conjuntura ideal para a realização de não apenas os meus sonhos, mas também os de muitas outras pessoas que, de alguma maneira, se envolveram nesta aventura.

Empolgada com a possibilidade de desenvolver um projeto dessa envergadura, comecei a estudar mais sobre metodologias participativas, mais precisamente sobre DRP (Diagnóstico Rural Participativo), com o Prof. Dr. Fillipe Silveira Marini, do Departamento de Agropecuária da UFPB. Através dele, tomei conhecimento, no início de 2010, de um edital do Proext para financiamento de projetos de extensão pelo Ministério da Educação. Foi aí onde tudo (re)começou. Uma das linhas temáticas do referido edital era justamente *Aquicultura e Pesca Artesanal*, que financiava projetos de iniciação à informática e inclusão digital para famílias de pescadores artesanais. Aquela era a minha chance. Escrevi o projeto *Pescadores Online* e convidei o professor Fillipe Marini para coordenar o projeto, já que a proposta era trabalhar com metodologias participativas.

A partir disso, reformulei meu projeto de pesquisa no curso de Mestrado. Meu intuito era pesquisar de que modo a tecnologia poderia impactar o cotidiano de uma comunidade de pescadores, afastada do centro urbano e em estado de exclusão informacional. Com a aprovação do

projeto de extensão, estava criado meu contexto de pesquisa. O que eu não sabia era que a proposta era demasiada ousada para um projeto de Mestrado com duração de apenas dois anos, e que eu não podia fazer da extensão o meu projeto de pesquisa – era necessário um recorte. Além disso, meu Mestrado era em Linguística e não em Ciências Sociais! Investigar de que modo aquela comunidade poderia mudar o curso de suas vidas através do acesso aos meios de comunicação digital, ou seja, através da ampliação de suas práticas de letramento, especialmente o digital, era no mínimo difícil do ponto de vista do tempo disponível para a realização da pesquisa. Foi assim, acreditando nas minhas reais motivações, criando coragem e oportunidades para construir meu próprio contexto de investigação, e com o apoio inestimável dos professores que me orientaram, que cheguei ao recorte final deste estudo, focalizando o curso de formação de monitores do telecentro.

Contada a história de como surgiu a ideia deste trabalho, passamos agora para a breve apresentação do arcabouço teórico que fundamentou nossa pesquisa, a saber, os Estudos de Letramento e o Interacionismo Sociodiscursivo.

Os Estudos de Letramento consideram que o uso da escrita está intrinsecamente inserido em práticas sociais mais amplas, e situadas historicamente. Conforme sugerem Barton et al (2000, p.13) é importante nos desprendermos de uma concepção de letramento localizada nos indivíduos para examinarmos o modo como as pessoas utilizam o letramento coletivamente, isto é, dentro de seus grupos e práticas sociais. É essa perspectiva que torna possível a compreensão da dimensão social das práticas de letramento. É nesse sentido, especialmente, que buscamos mapear as práticas de letramento do participante da nossa pesquisa – situando-as no tempo e no espaço em que elas se constituem, e de acordo com suas funções sociais específicas.

O termo no plural (letramentos) tem sido comumente utilizado entre os estudiosos da área, já que é consenso que existem diversos tipos de letramento, isto é, letramento não é sinônimo de alfabetização, mas sim de práticas sociais mais amplas de usos da escrita - práticas marcadas sócio historicamente, situadas em contextos múltiplos, com funções e manifestações variadas. Por esse motivo, queremos deixar claro que, quando nos referirmos a letramento neste estudo, não o concebemos em *níveis* ou *graus*, pois tais concepções nos parecem indicativas de valores e sugerem ideias equivocadas como, por exemplo, de indivíduos bem ou mal letrados. No sentido que aqui apreendemos o conceito de letramento, consideramos mais adequado tratar de diversas práticas, e não de *níveis* ou de *graus*. Conforme Barton et al (2000, p. 10)

Letramento não é o mesmo em todos os contextos; ao contrário, há

diferentes Letramentos. A noção de diferentes letramentos tem vários sentidos: por exemplo, práticas que envolvem variadas mídias e sistema simbólicos, tais como um filme ou computador, podem ser considerados diferentes letramentos, como letramento filmico e letramento computacional.

No caso do presente estudo, além de investigarmos as práticas de letramento do participante em diversas esferas da vida cotidiana na tentativa de descrever seus diversos “mundos de letramentos” (BARTON, 1993), pesquisamos também os impactos das novas TIC nessas práticas, documentando, assim, o processo de letramento digital vivenciado pelo integrante desta pesquisa durante a implantação do telecentro comunitário na vila da Barra de Mamanguape.

Com relação às avaliações, nos baseamos nos postulados do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), corrente teórica que carrega traços advindos de outros campos do saber e que se caracteriza por sua expressiva transdisciplinaridade. Bronckart (2006) não define sua teoria como sendo puramente linguística, social, psicológica, tampouco filosófica; pelo contrário, o Interacionismo Sociodiscursivo é transdisciplinar e classifica-se numa ciência que o autor denominou Ciência do Humano, justamente por rejeitar as divisões atuais dos campos de conhecimento.

Bronckart (1999, 2006, 2008) propôs o estudo do texto como ponto de partida para compreendermos o indivíduo em todas as suas dimensões, já que todo texto carrega em si *ações de linguagem externas e internas*. Isso quer dizer que todo e qualquer texto revela características dos mundos formais, ou seja, do mundo físico/materializado, observável por qualquer um de nós; como também carrega as representações subjetivas, ou seja, internas ou afetivas – tais como o agente as interiorizou (BRONCKART, 2009 {1999}, p. 91). Em outras palavras, o autor afirma que compreendemos e somos compreendidos através do nosso agir comunicativo, ou seja, pela apreensão do modo como agimos discursivamente em nossas interações sociais.

Dois quadros teóricos propostos pelo ISD nos interessam particularmente nesta pesquisa: as condições de produção dos textos e a arquitetura textual, uma vez que o primeiro descreve tanto as condições de produção referentes ao mundo objetivo, quanto do mundo sociosubjetivo; e o último fornece bases para uma análise voltada para a investigação dos níveis de organização do texto, a saber, nível da infraestrutura, nível da coerência temática e nível da coerência pragmática. Dos três, focaremos apenas o último, que diz respeito aos mecanismos enunciativos, em especial, às modalizações. Segundo Bronckart (2009, p. 149, grifos do autor), “as modalizações têm como finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos **comentários** ou **avaliações** formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático”. É nessa perspectiva

que procuramos analisar o discurso do participante através de seus relatos reflexivos.

Com relação à organização desta dissertação, ela está dividida em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos os Estudos de Letramento e discutimos a temática da inclusão sociodigital no Brasil. No segundo, tratamos das bases epistemológicas do Interacionismo Sociodiscursivo, apresentando as principais contribuições teóricas sobre as quais essa teoria está fundamentada. Apresentamos também as condições de produção textual e o esquema da arquitetura textual, priorizando o nível referente à coerência pragmática, ou seja, aos mecanismos enunciativos. No terceiro capítulo, traçamos o percurso metodológico da pesquisa, descrevendo sua natureza, o contexto da aplicação, o perfil dos participantes, o processo de construção do *corpus* e os procedimentos de análise adotados. O quarto capítulo apresenta a análise dos dados referentes às práticas de letramento do participante, ou seja, traz as experiências de letramento, historiadas de acordo com cada etapa de investigação da pesquisa. Além disso, apresentamos neste mesmo capítulo os resultados da análise do contraste das práticas de letramento do participante nas duas fases em que se sucedeu o estudo. Finalmente, o quinto capítulo traz a análise dos comentários e avaliações formuladas pelo participante, durante e após o curso de formação de monitores, acerca do projeto de extensão e de outros elementos a ele relacionados.

Por fim, concluímos nosso trabalho refletindo acerca dos resultados apresentados por nossas análises, sobretudo a forma como este trabalho poderá contribuir para a sociedade acadêmica e civil como um todo.

CAPÍTULO 1 – ESTUDOS DE LETRAMENTO, INCLUSÃO DIGITAL E SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Conforme exposto no capítulo introdutório, nossa pesquisa está fundamentada na teoria do letramento como prática social, com foco nos Estudos de Letramento (STREET, 1984, 1993; BARTON et al, 2000; KLEIMAN, 1995, 2005, 2007; OLIVEIRA E KLEIMAN, 2008). Neste capítulo, buscamos contemplar as principais contribuições teóricas acerca do tema, além de discutir a emergência do letramento digital na sociedade contemporânea. Finalmente, consideramos pertinente trazer um panorama da inclusão digital no Brasil, e comentar alguns pressupostos que acreditamos serem básicos para tornar viável uma política pública de inclusão sociodigital no país.

1.1 Os Estudos de Letramento

É na década de 1990, a partir das pesquisas de Kleiman (1995), que começaram a penetrar no país os Estudos de Letramento, propostos por Street (1984), entre outros. Conforme propõe Street (1993, p.07) as práticas de letramento estão “indissoluvelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos”. Esse novo olhar penetrou os estudos pedagógicos e motivou, entre outras teorias, a reformulação dos objetivos do ensino de Língua Portuguesa, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

No Brasil, conforme já mencionamos, os Estudos de Letramento ganharam espaço no campo da Linguística Aplicada, a partir da década de 1990, com os trabalhos de Ângela Kleiman. Em 1991, por exemplo, a autora inicia pesquisas sobre práticas de letramento entre jovens e adultos não escolarizados, destacando a multiculturalidade dessas práticas. Mais tarde, parte para a investigação das práticas de letramento de professores e grupos minoritários. A pesquisadora também coordena o Núcleo de Pesquisa *Letramento do Professor* (Unicamp), grupo de pesquisa responsável pelo incentivo e difusão de inúmeras teses e dissertações na área; a obra *Os significados do letramento* (KLEIMAN, 1995) tornou-se fundamental para todos que pretendem se aventurar pelo vasto universo do letramento, já que reúne trabalhos que redimensionam o papel da linguagem, repensam os sentidos de *alfabetização*, *escolaridade* e *formação docente*, e focam nas práticas de letramento menos visíveis e dominantes (VÓVIO, LUANDA E PAULA, 2010, p.20). É dentro dessa perspectiva sociocultural, que tem Ângela Kleiman como uma de suas expoentes, que a Linguística Aplicada no Brasil vem se consolidando como uma ciência complexa e heterogênea, preocupada com o papel central da linguagem na compreensão de práticas socioculturais mais amplas. Como

afirmam Moita Lopes & Rojo (2004, p. 37-38),

é preciso levar em conta o fato de que a linguagem não ocorre em um vácuo social e que, portanto, textos orais e escritos não têm sentido em si mesmos, mas que interlocutores situados no mundo social com seus valores, projetos políticos, histórias e desejos constroem seus significados para agir na vida social.

Foi também no âmbito dos Estudos de Letramento que surgiu a perspectiva do uso do termo no plural – letramentoS (KLEIMAN, 1995, 2005, 2007; OLIVEIRA E KLEIMAN, 2008; ROJO, 2009). Ao considerarem os letramentos como práticas sócio historicamente situadas, esses estudos as caracterizam como práticas múltiplas e culturalmente contextualizadas, daí a necessidade de nos referirmos *aos letramentos* no plural, e não *ao letramento* no singular. É exatamente esse sentido múltiplo que nos permite falar, por exemplo, de *letramentos dominantes* e de *letramentos locais*, conceitos particularmente importantes para esta pesquisa, uma vez que nosso estudo se volta para a investigação de letramentos locais.

Conforme o próprio termo expressa, os *letramentos dominantes* são aqueles de maior domínio e prestígio social. São os letramentos institucionalizados (BARTON et al, 2000), associados a instituições e organizações formais, tal como a escola, as igrejas, o local de trabalho. Esses letramentos, normalmente adquiridos através da escola enquanto agência de letramento, vão também determinar o grau de prestígio social daqueles que deles tomam parte. Nesses termos, a existência de letramentos dominantes implica a existência de letramentos *dominados*, ou seja, de letramentos tidos como inferiorizados, desvalorizados e sem prestígio social. Esses tipos de letramentos são conhecidos como *letramentos locais* e estão associados às práticas de leitura e de escrita que ocorrem na vida cotidiana, fora dos contextos institucionais formais. Tais letramentos são muitas vezes considerados *marginalizados*, justamente por serem muito ligados à cultura local e distante dos padrões formais de uso da linguagem escrita. Nessa perspectiva, reconhecemos a necessidade de voltarmos nossa pesquisa para a investigação dos letramentos locais menos valorizados, de grupos tidos como minoritários; pois eles revelam traços característicos singulares da cultura e dos costumes locais, ou seja, compreender as práticas sociais que envolvem o uso da leitura e da escrita numa dada comunidade/grupo social é essencial para ajudarmos a transformar a sociedade num espaço mais democrático e menos desigual, o que não deixa de ser uma das funções primordiais da pesquisa qualitativa.

Por essa razão, reconhecemos e defendemos a necessidade de se investigar a multiplicidade e multiculturalidade das práticas de letramento, como é o caso deste estudo. Contudo, não nos

esqueçamos do fato de que essas mesmas práticas são também contestadas nas relações de poder e estão, de uma maneira ou de outra, sujeitas a classificações de maior ou menor prestígio social. Como assume Tinoco (2008, p.115) “a abertura para o múltiplo não implica considerar da mesma forma (e com o mesmo valor social) os diferentes usos da escrita”. Sabe-se que pelas práticas de letramento perpassam inúmeras relações de poder, por isso “alguns letramentos são mais visíveis que outros” (op.cit.). É nesse sentido que acreditamos ser necessário combater a superposição dos letramentos dominantes, uma vez que ela apaga a diversidade, principalmente dos grupos tidos como minoritários, por desvalorizarem sua cultura local e seus modos de agir através da escrita. Leia-se, porém, que a ideia não é supervalorizar os letramentos locais, mas fundamentalmente percebê-los como ricos em sua diversidade e trazê-los para o diálogo com outros letramentos.

Ainda, para complementar a teoria postulada por Street (1984) sobre os Estudos de Letramento, trazemos aqui a teoria social do letramento, desenvolvida por Barton et al (2000). As proposições dessa teoria se alinham aos pressupostos dos Estudos de Letramento, pois veem as práticas de letramento como um conjunto de práticas sociais historicamente situadas e, corroboram a ideia de que existem diferentes tipos de letramentos associados a diferentes esferas da vida. Além disso, o quadro teórico proposto por Barton et al salienta a multiculturalidade das práticas de letramento, uma vez que as concebe como sendo práticas intencionais embutidas em propósitos sociais e culturais mais amplos.

Julgamos pertinente apresentar aqui dois conceitos-chave ancorados na teoria social do letramento e que se tornaram de fundamental importância para este estudo, são eles: *prática de letramento* e *evento de letramento*. Conforme Barton et al (2000, p.07), *prática de letramento* é o modo como utilizamos a linguagem escrita em diferentes âmbitos de nossas vidas. Grosso modo, nas palavras do próprio autor, “prática de letramento é aquilo que as pessoas fazem com a escrita”. Entretanto, tais práticas nem sempre são *unidades* observáveis de comportamento; pelo contrário, essas práticas envolvem o acionamento de fatores individuais para sua realização, tais como valores, atitudes, representações e sentimentos subjetivos a cada um de nós e, portanto, não podem ser totalmente apreendidos numa unidade objetiva e plenamente observável (BARTON et al, 2000, p.07).

Os *eventos de letramento* podem ser traduzidos por atividades específicas que envolvem o uso da linguagem escrita. Para Barton (op. cit., p.08), diferente das práticas de letramento, os eventos “são episódios observáveis que emergem das práticas e são modelados por elas”. A noção de eventos acentua a natureza situada do letramento, que é sempre socialmente contextualizada.

Finalmente, consideramos pertinente apresentar aqui as definições de *projetos de letramento* e *agentes de letramento*. Segundo Kleiman (2007, p.16), um projeto de letramento se constitui como

um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade.

É nesse sentido que podemos definir o professor como agente de letramento quando este “é capaz de articular interesses partilhados pelos aprendizes, organizar grupos ou comunidades para ação coletiva, auxiliar na tomada de decisões, interagir com outros agentes de forma estratégica” (KLEIMAN, 2007, p. 21). Para a autora, saberes acadêmicos e a familiaridade com diversas práticas de letramento são importantes na formação de um professor para atuar como agente de letramento, mas

essencial é a atitude de um professor, que, sabendo-se em contínuo processo de letramento, aventura-se a experimentar e, com isso, a continuar aprendendo com seus alunos através de práticas letradas que motivam o grupo todo e atendem, ao mesmo tempo, a interesses e objetivos individuais e, assim, formam leitores, despertam curiosidades, dão segurança a escritores iniciantes (op. cit., p. 21).

O agente de letramento que buscamos capacitar durante o curso de formação de monitores foi exatamente esse, citado por Kleiman – um indivíduo capaz de envolver seus formandos em práticas letradas, motivadas pelos interesses e objetivos individuais e coletivos, ajudando a formar leitores e a despertar curiosidade. Do mesmo modo, foi essa concepção de agente de letramento que orientou nossa própria prática, já que somos, nós mesmos, os agentes de letramento digital dos novos monitores em formação do *Telecentro Comunitário Pescadores Online*.

Diante do exposto, podemos afirmar que esta pesquisa está em consonância com os construtos teóricos apresentados. Acreditamos que nossa pesquisa vem agregar conhecimentos relevantes para o campo da Linguística Aplicada, em especial para os Estudos de Letramentos, já que eles “têm se voltado em especial para letramentos locais, de maneira a dar conta da heterogeneidade das práticas não valorizadas e, portanto, pouco investigadas” (ROJO, 2009, p. 105). A seguir, passamos para discussão da emergência de um novo tipo de letramento na sociedade atual – o letramento digital.

1.2 Sociedade da Informação e letramento digital

O período que compreende o final do século XX e o início do século XXI marca a passagem de uma sociedade industrializada para uma sociedade pautada no desenvolvimento tecnológico. O aprimoramento da tecnologia afetou todas as esferas da vida humana, principalmente no que diz respeito à produção e ao acesso à informação e aos bens culturais.

Foi no final da década de 1960 e início da de 1970 que surgiram na literatura os primeiros registros do conceito de Sociedade da Informação, principalmente nos trabalhos de Alain Touraine (1969) e Daniel Bell (1973). Seus estudos se voltavam para a compreensão da influência dos avanços tecnológicos nas relações de poder. Foram estes autores que primeiro identificaram a informação como sendo o elemento central da sociedade pós-moderna.

É consenso entre estudiosos de diversos campos do conhecimento que a Sociedade da Informação está baseada nas tecnologias de informação e comunicação que envolve a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos. Segundo Gouveia e Gaio (2004), as características básicas de uma sociedade dita informacional são as seguintes: uso da informação como recurso estratégico; uso intensivo das tecnologias da informação e comunicação; interação predominantemente digital entre indivíduos e instituições, o que inclui novas formas de fazer as mesmas e novas coisas baseadas no meio digital.

Entretanto, apesar de estarmos vivendo em plena Era Digital, ainda enfrentamos problemas de base, como por exemplo, a desigualdade social, o desemprego e o analfabetismo, principalmente nos países menos desenvolvidos. Para que o desenvolvimento tecnológico não se perpetue como mais um motivo de exclusão social é necessário o desenvolvimento de políticas públicas e de infraestrutura básica que permita o acesso de todos os indivíduos às novas TIC, desde aqueles provenientes de grupos tidos como minoritários até os que compõem a grande massa urbana. Conforme Gouveia (2004, p.5), “a construção da Sociedade da Informação é feita tendo em atenção os indivíduos, fomentando as suas competências, nomeadamente associadas à informação, à comunicação e à obtenção de uma cultura digital”.

Essa cultura digital citada pelo autor é que fez emergir um novo tipo de letramento na Sociedade da Informação. Assim como qualquer outro letramento, o letramento digital também pode ser compreendido como um conjunto de práticas sociais de uso da escrita, só que, neste caso, tais práticas são mediadas pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação, em especial o

computador. Numa analogia à proposta de Barton et al (2000) pode-se afirmar que as *práticas de letramento digital* se referem ao modo como usamos a linguagem escrita, principalmente através do computador e de outros aparelhos das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, para agirmos em sociedade; ou seja, é aquilo que fazemos com a escrita através do computador e dos novos meios de comunicação digital. Na vida contemporânea, esse tipo de letramento está se tornando cada vez mais dominante e necessário, já que a tecnologia vem multiplicando as práticas e os textos que circulam nas diferentes esferas da vida.

Assim como os modelos de letramento autônomo e ideológico, o letramento digital também tem suas distinções, no que diz respeito à sua conceituação. As chamadas *definições restritas* não consideram o contexto sociocultural, histórico e político que envolve o processo de letramento digital. São definições mais fechadas em um uso meramente instrumental. Já as chamadas *definições amplas*, como o próprio nome diz, consideram o letramento digital como sendo um conjunto de práticas sócio – historicamente situadas, mediadas pelo computador e pelas novas TIC (SOUZA, 2007, p. 57); nossa pesquisa se alinha a essa definição mais ampla.

Uma preocupação central levantada na Sociedade da Informação frente ao surgimento do letramento digital diz respeito ao desenvolvimento das capacidades consideradas básicas para que possamos operar as novas tecnologias digitais. Assim como no caso do letramento ideológico (que pressupõe o letramento autônomo), o letramento digital também pressupõe capacidades básicas que possibilitem seu desenvolvimento. Isso significa que é preciso não somente incluir, mas também alfabetizar e letrar digitalmente. Portanto, parece evidente que toda e qualquer iniciativa de combate à exclusão e o analfabetismo digital deve, primordialmente, levar em consideração questões como o letramento digital dos novos usuários das TIC.

1.2.1 Por uma política de combate à exclusão digital

Tendo em vista o tema da nossa pesquisa, discutiremos brevemente os pressupostos mínimos para que a inclusão digital se transforme em políticas públicas mais consistentes no Brasil. Obviamente, não é nossa intenção aprofundar ou estender a discussão, uma vez que o assunto é complexo e exigiria um conhecimento muito além do que detemos neste momento, mas consideramos pertinente chamar a atenção para a necessidade de um diálogo entre a iniciativa pública e o combate ao analfabetismo digital.

Em primeiro lugar, é preciso compreender que a exclusão digital amplia as desigualdades

sociais e prejudica o desenvolvimento local e nacional, uma vez que a falta de acesso aos bens tecnológicos de informação e comunicação não é mera consequência da pobreza; pelo contrário, a falta de acesso a esses bens é que vai propiciar o congelamento da miséria e o distanciamento das sociedades ricas na Sociedade da Informação (SILVEIRA, 2005, p.431).

Tal situação pôde ser claramente observada durante nosso estudo, uma vez que, ao chegarmos à comunidade da Barra de Mamanguape, deparamo-nos com um cenário de total exclusão social e informacional, o que nos permitiu observar que o desenvolvimento da comunidade era impedido, basicamente, pela falta de acesso à informação e aos bens culturais de uma sociedade tecnologizada.

Entretanto, ao se propor políticas públicas de inclusão digital é preciso levar em conta não somente a democratização do acesso aos meios de comunicação e informação digitais, mas também e primordialmente, a questão da alfabetização e do letramento digital. Assim como ocorre com a alfabetização tradicional e na formação básica do cidadão para viver em sociedade, “a alfabetização digital e a formação básica para viver na cibercultura também dependerão da ação do Estado para serem amplas e universalistas” (SILVEIRA, 2005, p. 431). Isso significa que o governo brasileiro terá que assumir sua responsabilidade não somente no tocante ao provimento de infraestrutura básica para a democratização do acesso às novas TIC, mas também incluir uma proposta de letramento digital em seu planejamento.

O projeto *Pescadores Online* é um exemplo de que é possível unir as duas coisas, pois através do telecentro comunitário instalado na Barra de Mamanguape, pudemos observar a união dos dois pontos fundamentais para a promoção da inclusão sociodigital, a saber: 1) o provimento de infraestrutura básica para o acesso à banda larga de qualidade³ e 2) a disseminação de práticas de letramento digital que vêm sendo trabalhadas pelos monitores do telecentro junto aos usuários da comunidade.

Assim, podemos afirmar que o referido projeto tem demonstrado capacidade de atender às reais demandas da Sociedade da Informação no que diz respeito à inclusão sociodigital, principalmente no tocante aos indivíduos das áreas rurais de difícil acesso, tal como a Barra de Mamanguape.

³ É preciso lembrar que a infraestrutura para distribuição de banda larga em Barra de Mamanguape não é de responsabilidade do governo, mas da ONG denominada Associação Nacional para Inclusão Digital, que tem sede em João Pessoa (www.anid.com.br)

1.2.2 *Software* livre: uma proposta democrática e inclusiva

A discussão sobre o combate à exclusão digital perpassa, fundamentalmente, pela questão da necessidade de defesa do uso de *software* livre. Entretanto, assim como no caso das políticas públicas contra a exclusão digital, a discussão a esse respeito é igualmente complexa e extensa. Por esse motivo, não devemos nos aprofundar no assunto, mas consideramos pertinente mencionar algumas das implicações da difusão do uso de *software livre* nas políticas de combate à exclusão digital.⁴

Em primeiro lugar, é necessário entender o que é *software* livre e como surgiu o movimento em seu favor. Ao contrário dos *software* proprietários, o *software* livre é um sistema operacional que funciona a partir de um código-fonte aberto, permitindo não somente a comunicação entre o computador e o usuário, como também o compartilhamento e o aprimoramento do *software* para que ele se adeque às necessidades de seus usuários. O *software* proprietário, cujo código-fonte é fechado, ou seja, de acesso não autorizado, impossibilita o aprimoramento da ferramenta e torna impossível o seu compartilhamento, já que, por ser privado, está protegido por licenças de direitos autorais, ou seja, emprestar e copiar um *software* proprietário é considerado crime de pirataria. Os mais conhecidos e utilizados *software* proprietários do mundo são o *Windows* e suas dezenas de versões, da empresa norte-americana *Microsoft*, e o *Mac OS*, da também norte-americana *Apple*.

No caso do *software* livre, as distribuições mais conhecidas são as do *Ubuntu*, *Fedora*, *Mandriva*, entre outras, popularmente conhecidas como *Linux*. Por manterem o código-fonte aberto, esses tipos de *software* permitem que qualquer indivíduo tenha acesso a eles para estudá-los, modificá-los, aprimorá-los e adaptá-los às suas necessidades. São quatro as chamadas liberdades fundamentais do *software* livre, a saber:

- (i) A liberdade de executar o programa, para qualquer propósito.
- (ii) A liberdade de estudar como o programa funciona, e adaptá-lo para as suas necessidades.
- (iii) A liberdade de redistribuir cópias de modo que você possa ajudar ao seu próximo.
- (iv) A liberdade de aperfeiçoar o programa e liberar os seus aperfeiçoamentos, de modo que toda a comunidade se beneficie.

É a partir dessa concepção de liberdade e de compartilhamento que defendemos o uso do *software* livre, principalmente nos projetos de inclusão digital. O dinheiro economizado com o não

⁴ Para uma leitura aprofundada sobre a questão do *software* livre, conferir os seguintes autores: Vicente Macedo de Aguiar, 2009; Nelson de Luca Pretto, 2008; Sérgio Amadeu da Silveira, 2005. Ver referências.

pagamento de licenças de direitos autorais para uso de *software* privado, por exemplo, poderia ser revertido em políticas de combate à exclusão sociodigital, contribuindo, dessa maneira, para retirar milhares de brasileiros do estado de analfabetismo digital. Além disso, a liberdade de estudar o programa, de entender como o computador funciona “por dentro” e ainda poder compartilhar esses conhecimentos é fundamental para que se desenvolvam *software* cada vez mais sofisticados e adaptados às nossas exigências. Enquanto apenas alguns mil funcionários são pagos para desenvolver os *software* privados da *Microsoft*, outros milhares de desenvolvedores espalhados por todos os continentes compartilham, diariamente, seus conhecimentos e aprimoramentos, fazendo com que o *software* livre se torne cada dia melhor e mais democrático.

Entretanto, apesar de parecer simples, a migração de um sistema operacional para outro pode ser um processo bastante complexo, principalmente se considerarmos a consolidação dos *software* proprietários entre os usuários comuns das novas tecnologias. Para muitos, existe um mito de que os sistemas operacionais livres são mais complicados e difíceis de operar. Os que utilizam esse argumento provavelmente desconhecem as vantagens dos sistemas operacionais não proprietários, sendo vítimas da mega colonização da *Microsoft*, ou, então, são mercantilistas a favor do congelamento das desigualdades econômicas e sociais. É importante deixar claro que, ao defendermos o uso de *software* livre, não estamos retirando do usuário o livre-arbítrio de escolher o sistema operacional que vai dentro do seu computador, mas defendendo uma política de democratização do acesso à informação e aos bens culturais que, como dissemos anteriormente, perpassa, inevitavelmente, pela questão do uso de *software* não proprietário.

Com relação ao movimento em prol do *software* livre, SILVEIRA (2005, p.437) afirma que esse movimento é baseado no princípio do compartilhamento do conhecimento e na solidariedade praticada pela inteligência coletiva conectada na rede mundial de computadores. Teve início em 1985, nos Estados Unidos, com a fundação da *Free Software Foundation*, resultado de um movimento liderado por Richard Stallman, membro do Instituto de Tecnologia de Massachussets (*MIT*), em protesto contra a proibição de se acessar o código - fonte de um *software* privado. Na época, Stallman ficou indignado quando procurou a *Xerox* para solicitar o código-fonte de um *software* de uma máquina copiadora para aperfeiçoá-lo e adequá-lo às suas necessidades, e teve seu pedido negado. Por se tratar de um *software* proprietário, Stallman não pôde ter acesso ao código-fonte do *software* para aprimorá-lo. O movimento a favor do *software* livre tinha como missão distribuir programas e ferramentas livres, com código - fonte aberto, com o objetivo de permitir que as pessoas tivessem acesso não somente aos programas, como também aos códigos em que foram escritos. Assim, pode-se dizer que a grande contribuição de Richard Stallman para o movimento foi

lutar para manter aberto o código-fonte dos *software* livres.

Pelos brevíssimos, mas relevantes motivos aqui apresentados, acreditamos ser o *software* livre um caminho democrático para o desenvolvimento de uma sociedade tecnológica mais justa e inclusiva. A seguir, apresentamos brevemente o cenário da inclusão digital no Brasil e mostramos de que maneira o governo brasileiro vem apostando no uso e na difusão do *software* livre em seus projetos de inclusão digital e de apoio aos telecentros.

1.2.3 Panorama da inclusão digital no Brasil

O desenvolvimento acelerado das novas Tecnologias da Informação e Comunicação - as chamadas TIC - vem revolucionando a vida contemporânea. Tal revolução pode ser percebida não somente nos meios de comunicação, mas principalmente nas nossas práticas de letramento, ou seja, no modo como utilizamos a linguagem escrita em nosso cotidiano, como produzimos e compartilhamos informações e como interagimos uns com os outros.

Com o advento da *internet* e sua rápida expansão, em todas as esferas da vida cotidiana, passamos de *receptores a produtores legítimos* de informação, de conhecimento e de bens culturais: criamos conteúdo *online*, utilizamos linguagens gráficas e audiovisuais, construímos imensas redes virtuais de aprendizagem, ultrapassamos barreiras geográficas, sociais e linguísticas. O resultado deste movimento foi o surgimento de uma sociedade que tem seu desenvolvimento pautado na tecnologia e no compartilhamento de informação e de conhecimento.

Entretanto, apesar do forte impacto das novas tecnologias na sociedade pós-moderna e do discurso voltado para a inclusão digital, é fato que a democratização do acesso à *internet* ainda está distante de se tornar realidade, principalmente se considerarmos determinados contextos, tais como o meio rural, as sociedades indígenas, as comunidades quilombolas, as regiões periféricas dos grandes centros urbanos, as vilas de pescadores e milhares de povoados esquecidos no interior do Brasil. Neste milênio, estamos diante de um novo desafio: combater a exclusão e o analfabetismo digital.

Dados de uma pesquisa realizada em 2009, pelo *Comitê Gestor da Internet no Brasil* sobre o uso das novas TIC no país, confirmam o disparate no que diz respeito ao acesso à *internet* nas zonas rurais e urbanas, por exemplo. Dos 19.998 domicílios entrevistados, somente 6% possuem acesso à *internet* na zona rural, ao passo que na área urbana a porcentagem cresce significativamente,

atingindo 27% dos domicílios pesquisados. Quanto à proporção de indivíduos que já acessaram a *internet* pelo menos uma vez na vida, de qualquer localidade, os números mostram a desigualdade entre o acesso nas zonas rural e urbana: 49% dos entrevistados que afirmaram já ter tido acesso à *internet* estão localizados nas grandes cidades, contra 23% nas comunidades rurais.

Segundo dados do *Observatório Nacional de Inclusão Digital (ONID)*, em 2010 foram contabilizados 8.351 telecentros comunitários e 94 programas de inclusão digital no Brasil. A vantagem dos telecentros é que eles oferecem acesso gratuito à *internet* para indivíduos de baixa-renda e contribuem para a democratização do acesso à informação e aos meios de comunicação no país. Por outro lado, um dos pontos negativos desse serviço é a falta de qualidade na conexão, já que o *link* disponível é lento, atingindo somente 512kbps, velocidade considerada insuficiente para uma navegação eficiente. É consenso entre especialistas da área que para caracterizar-se como banda larga, o *link* deve operar entre 2MB e 8MB – realidade bastante distante da observada nos telecentros comunitários do Brasil. Além disso, pesquisas recentes sobre inclusão digital revelaram que atualmente os programas nacionais atendem basicamente os municípios próximos aos grandes centros urbanos, com ênfase naqueles localizados nas áreas mais ricas e desenvolvidas do país. Isso significa que localidades rurais no interior do Brasil, principalmente as mais carentes, permanecem em estado de exclusão informacional.

Assim, são muitos os desafios para que a inclusão digital se torne realidade no Brasil. O país conta hoje com alguns programas de apoio à inclusão digital, como é o caso do Programa GESAC, que tem como objetivo democratizar o acesso à *internet* no país, disponibilizando conexão gratuita para telecentros comunitários. O Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO) também possui um programa de apoio à inclusão digital. Através desse programa, o SERPRO disponibiliza computadores e máquinas gratuitamente para telecentros comunitários. Com relação ao sistema operacional instalado nessas máquinas, o governo brasileiro vem apostando no uso do *software* livre.

Entretanto, vale ressaltar que o programa de apoio à inclusão digital do SERPRO, por exemplo, funciona a partir do trabalho voluntário de funcionários do órgão, ou seja, o governo não está investindo diretamente em pessoal nas políticas públicas de combate à exclusão digital. Uma das críticas mais contundentes que tecemos com relação aos programas de inclusão digital reside no fato de que tais programas priorizam quantidade em detrimento de qualidade. Em outras palavras, as políticas públicas de combate à exclusão digital preveem a massificação do acesso à *internet* e às novas TIC no Brasil, mas por outro lado nada mencionam a respeito de um plano pedagógico que

inclua o letramento digital dos usuários. Isso significa que não incentivam a criação de conteúdo por parte dos usuários de telecentros comunitários e ignoram o poder da rede para o fortalecimento e a difusão da pluralidade cultural do nosso povo.

Um dos desafios do governo com relação à inclusão digital é garantir infraestrutura básica para implantação de tecnologias avançadas em localidades mais distantes dos centros urbanos. Segundo dados do IBGE (2010), há 95.000 escolas rurais no país e muitas não contam sequer com serviço básico de distribuição de energia elétrica. O programa *Luz para Todos*, por exemplo, ainda não atingiu sua meta inicial de expansão da inclusão elétrica para dez milhões de brasileiros, primeiramente estabelecida para 2008, prorrogada para 2010 e agora para 2014. Isso evidentemente reflete de modo negativo nas propostas de inclusão digital país afora, já que para viabilizar o acesso à *internet*, é preciso contar com distribuição de energia elétrica.

Com o intuito de corrigir esses problemas, foi lançado em 2010, o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL) no Brasil, que tem como objetivo principal massificar, até 2014, a oferta de acessos à banda larga e promover o crescimento da capacidade de infraestrutura de telecomunicações no país. Além disso, o PNBL (2010) visa acelerar a entrada da população brasileira na moderna Sociedade da Informação; promover maior difusão dos serviços eletrônicos do governo - os chamados *e-gov*, facilitando aos cidadãos os usos dos serviços do Estado; contribuir para a evolução das redes de comunicação e para o desenvolvimento industrial e tecnológico no país; aumentar a competitividade das empresas brasileiras; contribuir para o aumento do nível de emprego e do PIB e expandir o Projeto Nacional de Apoio aos Telecentros.

Porém, o que não consta nas propostas do PNBL são diretrizes pedagógicas que visem à alfabetização e ao letramento digital. Como se pode observar, não é tarefa fácil combater a exclusão, já que não basta democratizar o acesso às novas TIC, é necessário letrar os novos usuários dessas tecnologias.

Finalizamos esta seção informando que, apesar da falta de incentivo por parte do governo em disponibilizar políticas pedagógicas voltadas para um programa de letramento digital nos telecentros brasileiros, alguns telecentros comunitários Brasil afora vem trabalhando neste sentido. O *Telecentro Pescadores Online*, *Índios Online* e outros localizados, principalmente, no interior do Nordeste brasileiro, com destaque aos telecentros de Olinda, Recife e outros no interior de Pernambuco são alguns exemplos em que o fortalecimento da cultura local é motivado a partir do incentivo à produção de conteúdo via *internet* (ver, por exemplo, www.indiosonline.net;

www.telecentrosgoiana.blogspot.com; www.sambadadecoco.blogspot.com – acesso em 29/11/11).

Concluído este capítulo, passamos agora para a apresentação do Interacionismo Sociodiscursivo.

CAPÍTULO 2 – O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

Neste capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo - ISD - propostos por Bronckart (1999, 2006, 2008), bem como as raízes epistemológicas desta teoria e seu quadro teórico-metodológico. Consideramos pertinente retomar aqui um dos objetivos desta pesquisa, a saber: investigar o olhar avaliativo do participante acerca do projeto de extensão e dos elementos a ele relacionados, através da análise das modalizações inscritas em seus relatos reflexivos.

2.1 Princípios gerais do ISD e raízes epistemológicas

Inscrito no quadro do interacionismo social da psicologia da linguagem, o ISD compartilha a ideia que as condutas humanas devem ser analisadas como *ações situadas*, cujas propriedades estruturais e funcionais são um produto da socialização (BRONCKART, 2009 {1999}, p. 13). Nessa perspectiva, o ISD propõe o estudo do texto e/ou discursos como ponto de partida para compreendermos melhor o ser humano em todas as suas dimensões, já que para Bronckart, as condutas humanas só podem ser compreendidas através do que Habermas denominou de *agir comunicativo*. A emergência do agir comunicativo, segundo Bronckart (op. cit, p. 33), é constitutiva tanto do psiquismo especificamente humano, como também do social propriamente dito. Nesse sentido, Bronckart afirma serem os textos e/ou os discursos “as únicas manifestações empiricamente observáveis das ações de linguagem humana” (op. cit., p.14), já que carregam em si tanto as representações do mundo objetivo, como também as representações do mundo social e subjetivo. Em outras palavras, a produção de textos é, assim como todas as atividades de linguagem, um processo interativo em que atuam tanto os aspectos sociodiscursivos, como também os psicológicos. A partir dessa concepção, podemos situar o quadro teórico e metodológico do ISD em uma corrente interacionista social, cuja proposta está baseada na análise da organização textual, dos mecanismos de textualização e dos mecanismos enunciativos para orientar a compreensão dos processos em ação em toda atividade de linguagem, como será visto adiante.

Entretanto, vale ressaltar que, embora alinhado ao quadro teórico do interacionismo social, Bronckart (2006) atenta para o fato de que sua teoria não está inserida numa corrente puramente psicológica, tampouco linguística, social ou filosófica. Para ele, o ISD se encaixa numa corrente que o autor denominou Ciência do Humano, justamente por agregar teorias advindas de todos esses campos de conhecimento e acrescentar que “as práticas languageiras situadas (ou os textos-discursos) são os instrumentos principais do desenvolvimento humano, tanto em relação aos

conhecimentos e saberes quanto em relação às capacidades do agir e da identidade das pessoas” (BRONCKART, 2006, p.10). Assim, para o autor, as ações humanas somente podem ser compreendidas a partir de suas dimensões sociais e discursivas. Eis, portanto, o projeto do ISD (BRONCKART, 2009, p. 339): sustentar, através de seu quadro teórico e metodológico para a análise textual,

(...) que a atividade de linguagem é, ao mesmo tempo, o lugar e o meio das interações sociais constitutivas de qualquer conhecimento humano; é nessa prática que se elaboram os mundos discursivos que organizam e semiotizam as representações sociais do mundo; é na intertextualidade resultante dessa prática que se conservam e se reproduzem os conhecimentos coletivos e é na confrontação com essa intertextualidade sócio histórica que se elaboram, por apropriação e interiorização, as representações de que dispõe todo agente humano (...).

Centrando, portanto, sua análise no papel desempenhado pela atividade de linguagem como lugar e meio das interações sociais que constituem todo e qualquer conhecimento humano, Bronckart busca em outros pesquisadores a ancoragem teórica que lhe permitiu não somente embasar sua teoria sociodiscursiva como também questionar e aprimorar teses anteriores. Para melhor compreendermos seu projeto, consideramos relevante trazer aqui algumas teorias que contribuíram para o desenvolvimento do ISD. Neste estudo, trataremos mais especificamente sobre as contribuições de Vygotsky, Habermas e Bakhtin.⁵

2.1.1 As contribuições de Vygotsky

Lev Semenovich Vygotsky foi um proeminente psicólogo nascido na Bielo-Rússia, que viveu entre os anos de 1896 e 1934. Dedicou a maior parte de seus estudos à compreensão da origem, desenvolvimento e evolução dos processos psíquicos superiores, inscrevendo-se no campo da psicologia genética. Dentre suas áreas de pesquisa, destacam-se aquelas voltadas para o estudo da infância, uma vez que tais investigações permitiam a compreensão da evolução dos complexos processos psíquicos desde o seu surgimento. Apesar da morte prematura (Vygotsky faleceu aos 34 anos, vítima de tuberculose), deixou um grande legado para a psicologia contemporânea e para as ciências humanas de modo geral.

⁵ Vale ressaltar que o ISD tem suas raízes epistemológicas em diversos campos do conhecimento e sofreu a influência de diversos pensadores tal como Saussure, Hegel e Marx, Darwin, Spinoza, entre outros das Ciências Humanas e Sociais. Neste estudo, nos atemos às contribuições de Vygotsky, Habermas e Bakhtin, cujas contribuições se mostraram as mais relevantes do ponto de vista da análise que buscamos empreender.

Ao longo de sua curta carreira, o pesquisador buscou compreender o desenvolvimento e funcionamento do psiquismo especificamente humano segundo uma visão holística do mundo: o homem é um ser biológico e social. Durante sua vida, realizou diversos experimentos, inclusive com abelhas e chimpanzés, a fim de identificar traços característicos no comportamento dos animais que os diferenciasssem do psiquismo humano. Foi através dessas experiências que ele concluiu que nos animais as atividades são instintivamente marcadas pelas necessidades biológicas, ao passo que as ações humanas são motivadas por necessidades diversas, tais como a necessidade de comunicação, de negociação, de ocupação de papéis na sociedade, de aquisição de novos conhecimentos, entre outras. Essa constatação permitiu ao pesquisador afirmar que se o desenvolvimento do psiquismo animal é determinado pelas leis naturais da evolução, no ser humano tal desenvolvimento ocorre segundo as leis do desenvolvimento sócio histórico. Nas relações animais, por exemplo, os instrumentos são utilizados instintivamente, para manutenção da sobrevivência. No caso dos seres humanos, aperfeiçoamos e criamos novas ferramentas que permitiram não somente a manutenção, mas também a evolução de nossa espécie. Essa capacidade de aperfeiçoamento dos instrumentos e técnicas desenvolvidas pelo homem está estritamente relacionada à capacidade de construção de representações do mundo, de cooperação, de memorização, de negociação - possibilitadas pelo surgimento da linguagem. É nessa perspectiva que surge em Vygotsky a preocupação com o papel central que a linguagem ocupa enquanto instrumento semiótico capaz de mediar as relações dos homens entre si e deles com o mundo e, por conseguinte, permitir o desenvolvimento do pensamento individual e coletivo.

Grosso modo, Vygotsky (1934) defende que a emergência do pensamento consciente humano se dá do nível social para o nível individual. Para ele, a criança está, desde o seu nascimento, inserida no meio social e, portanto, suas representações são construídas através de significados estabelecidos socialmente. Gradativamente, com o desenvolvimento da linguagem verbal propriamente dita, essas representações passam a ser internalizadas e modificadas. É nesse processo de interação social e internalização, possibilitado pelo surgimento da linguagem e pelo uso dos signos, que o ser humano se desenvolve e age no mundo e sobre si mesmo. É nessa perspectiva que Bronckart vai retomar a ideia do *agir comunicativo* herdado de Habermas. Para Bronckart (2009, p.32), “na espécie humana, a cooperação dos indivíduos na atividade é regulada e mediada por verdadeiras interações verbais e a atividade caracteriza-se, portanto, por essa dimensão que Habermas chamou de agir comunicativo”. Como se percebe, a noção de *atividade de linguagem* é central na teoria do Interacionismo Sociodiscursivo e está relacionada à teoria dos mundos representados, proposto por Habermas, como detalharemos na subseção seguinte.

Assim, de modo geral, podemos afirmar que o fio condutor que une os pensamentos de Vygotsky e Bronckart é a assertiva de que o comportamento humano só pode ser compreendido como um fenômeno marcadamente social e histórico, sendo a linguagem um dos mais importantes sistemas de signos mediadores das relações dos homens entre si e deles com o mundo. Em outras palavras, é por meio da linguagem, isto é, dos signos, que damos sentido às coisas da vida e ao mundo, e também através dos quais chegamos a uma consciência individual e coletiva. Desse modo, pensamento e linguagem são processos indissociáveis e interdependentes, resultantes das interações vivenciadas no contexto sócio histórico e cultural.

Por fim, é correto afirmar que as teses vygotskianas são centrais para o ISD na medida em que foi Vygotsky quem inaugurou uma psicologia preocupada em investigar o papel das interações sociais no processo de desenvolvimento das funções psíquicas do ser humano, opondo-se radicalmente às teorias positivistas e puramente cognitivistas. Partindo da filosofia monista de Spinoza, em que o universo é tido como uma substância única e homogênea, incluindo tanto as propriedades físicas quanto psíquicas, e profundamente influenciado pelas teorias marxistas sobre a noção de trabalho e do emprego de instrumentos enquanto mediadores das relações sociais, Vygotsky busca explicar a emergência do pensamento consciente humano levando em consideração tanto os aspectos físicos e biológicos, herdados geneticamente, quanto os aspectos psíquicos, que segundo o pesquisador, são desenvolvidos através das interações dos homens entre si e deles com o meio. É nesse sentido que a linguagem desempenha um papel fundamental, já que ela é o instrumento semiótico que permite essas interações.

2.1.2 As contribuições de Habermas

Como já mencionamos anteriormente, a *teoria do agir comunicativo*, introduzida pelo filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas (1989), é central nos postulados do Interacionismo Sociodiscursivo, pois define certos conhecimentos que devem ser partilhados pelos interactantes para que ocorra qualquer atividade de linguagem. Na teoria do filósofo alemão, tais conhecimentos podem ser agrupados em três categorias, a saber: conhecimentos provenientes do **mundo objetivo**, em que os signos remetem aos aspectos do meio físico; conhecimentos formulados a respeito do **mundo social**, em que os signos incidem sobre o modo de organização da atividade, ou seja, de cooperação entre indivíduos e, por último, os conhecimentos provenientes do **mundo subjetivo**, no qual os signos incidem sobre as características individuais daqueles envolvidos na atividade.

Bronckart (2009, p.92) argumenta que para produzir um texto empírico o “agente deve

mobilizar algumas de suas representações sobre os mundos, efetuando essa mobilização em duas direções distintas”. De um lado estão as representações dos três mundos exigidas como contexto de produção textual, isto é, são os aspectos de ordem pragmática ou ilocucional que são levados em consideração (contexto objetivo) e de outro, essas mesmas representações são exigidas como conteúdo temático, ou seja, como referente, e vão influenciar os aspectos locucionais na organização do texto (contexto sociosubjetivo). Para Bronckart (op. cit, p. 151), “a atividade de linguagem, devido à sua própria natureza semiótica baseia-se, necessariamente, na criação de mundos virtuais”, ou seja, na construção de representações dos mundos. Dessa maneira, sustenta que a construção dos mundos virtuais é nada mais nada menos do que a construção dos mundos discursivos propriamente ditos e se dá por meio do que ele chamou de *sistemas de coordenadas formais*.

Para explicar esses sistemas, Bronckart divide as coordenadas em dois eixos: de um lado estão as coordenadas que organizam o conteúdo temático de um texto, e de outro as coordenadas do mundo físico em que ocorre a ação de linguagem (op. cit, p. 152). Além disso, afirma que as operações realizadas para a construção das coordenadas gerais que organizam o conteúdo temático mobilizado em um texto “parecem poder ser resumidas a uma decisão de caráter binário” (op. cit, p152). Segundo Bronckart, essas coordenadas podem ser apresentadas como *disjuntas* das coordenadas do mundo ordinário da atividade de linguagem, ou *conjuntas* a esse mundo. No primeiro caso, as representações mobilizadas dizem respeito a fatos do passado e fatos atestados, ou a eventos futuros ou imaginários, de modo que sua organização espaço-temporal especifica uma certa disjunção marcada por fórmulas temporais (ontem, um dia, no ano 2958, etc.), estando, às vezes, associadas à marcas espaciais (era uma vez num país distante...). Assim, pode-se dizer que no caso das coordenadas disjuntas, os fatos apresentados são *narrados* pelos protagonistas da ação de linguagem em curso. No segundo caso, as representações organizam-se em referência mais ou menos direta às coordenadas gerais do mundo ordinário da atividade de linguagem. Desse modo, os fatos são apresentados como sendo acessíveis no mundo ordinário dos protagonistas da interação de linguagem e, portanto, são *expostos* e não *narrados*. A partir disso, Bronckart (2009, p. 154) vai distinguir os mundos discursivos da seguinte maneira: de um lado, encontra-se o mundo do *narrar*, situado em um “outro lugar” que não na ação de linguagem em curso, e de outro lado, o mundo do *expor*, em que o conteúdo temático dos mundos discursivos aparece conjuntos, ou seja, interpretados à luz dos critérios de validade do mundo ordinário.

Com relação aos atos de produção, Bronckart (2009, p. 154) afirma que

os parâmetros da ação de linguagem em curso parecem também poder ser descritas nos termos de uma oposição binária. Ou um texto, ou segmento de texto, explicita a relação que suas instâncias de agentividade mantêm com os parâmetros materiais da ação de linguagem (agente-produtor, interlocutor eventual e sua situação no espaço-tempo); ou essa relação não é explicitada, mantendo as instâncias de agentividade do texto uma relação de independência ou indiferença em relação aos parâmetros de ação de linguagem em curso.

O autor explica que, no primeiro caso, ele denominou de *implicação* os parâmetros da ação de linguagem que relacionam-se às instâncias de agentividade. Tais parâmetros estão integrados ao conteúdo temático, sendo fundamentais para a compreensão do texto. Já no segundo caso, os parâmetros da ação de linguagem “apresentam uma relação de autonomia, portanto não requer nenhum conhecimento das condições de produção” (BRONCKART, 2009, p. 155).

Assim, no eixo das coordenadas gerais, Bronckart vai dividir os dois mundos discursivos da ordem do *narrar* e do *expor* em quatro subtipos, que ele vai chamar de mundo do *expor implicado*; mundo do *expor autônomo*; mundo do *narrar implicado*, e mundo do *narrar autônomo*, associando a esses mundos quatro diferentes tipos de discurso. O quadro abaixo ilustra essa associação:

RELAÇÃO AO ATO DE PRODUÇÃO	MUNDO DO EXPOR (CONJUNTO)	MUNDO DO NARRAR (DISJUNTO)
IMPLICADO	Discurso interativo	Relato Interativo
AUTÔNOMO	Discurso teórico	Narração

Quadro 01. Tipos de discurso (adaptado de Bronckart, 2009, p. 157)

A partir dessa divisão, Bronckart (2009, p.155 - 164) descreve as principais características de cada um dos tipos de discurso apresentados, conforme detalharemos a seguir:

- a) Discurso Interativo: pertence ao mundo do *expor implicado*, ou seja, a ação de linguagem corresponde ao momento da interação e aos parâmetros de agentividade (personagem, grupo ou instituição) bem como a referência espaço-temporal da ação de linguagem são explícitos. Nesse tipo de discurso destacam-se a presença de unidades linguísticas que indicam o espaço e o tempo da interação (aqui, hoje, agora); o uso de nomes próprios e de dêiticos de segunda pessoa do singular e do plural (eu/tu, nós/vós), expressões como *a gente* e os auxiliares de modo (dever, querer, ser preciso).

- b) Discurso teórico: pertence ao mundo do *expor autônomo* e está no eixo das coordenadas conjuntas, ou seja, a situação da ação de linguagem coincide com o tempo da ação, mas os parâmetros (agente, referência espaço-temporal) não são explícitos. Esse tipo de discurso é marcado pela ausência de unidades que se referem aos interactantes e a dêiticos espaço-temporais. Há, ainda, a ocorrência de marcadores lógico-argumentativos, de modalizações lógicas, meta-verbos (poder, dever) e de orações na voz passiva.
- c) Relato interativo: pertence ao mundo do *narrar implicado*, ou seja, personagens e acontecimentos encontram-se implicados. A disjunção vai ser marcada pela marca de unidades espaço-temporais que situam o mundo discursivo num momento disjuncto do mundo ordinário. Encontramos com frequência a ocorrência de unidades linguísticas tais como pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, verbos no pretérito perfeito e imperfeito, organizadores espaço-temporais.
- d) Narração: pertence ao mundo do *narrar autônomo* e caracteriza-se pela disjunção, marcada pela explicitação de marcadores espaço-temporais, em relação aos parâmetros da situação da ação de linguagem em curso. As marcas linguísticas predominantes nesse tipo de discurso são os advérbios, as orações coordenativas e subordinativas, ausência de pronomes de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, predominância de verbos no pretérito perfeito e expressões que referenciam a indeterminação da situação de produção.

2.1.3 As contribuições do Círculo de Bakhtin

Círculo de Bakhtin foi o nome dado ao grupo de estudos formado por intelectuais de diferentes formações acadêmicas que se reunia regularmente na Rússia, entre 1919 e 1929, para compartilhar um conjunto de ideias que tinha, inicialmente, como um de seus principais temas a filosofia. Dentre os intelectuais do grupo, destacam-se Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev. Devido à formação de seus membros em diversas áreas do conhecimento, tratava-se de um grupo caracteristicamente transdisciplinar, sendo que a paixão pela filosofia foi um dos elos que os uniu, podendo ser nitidamente observada pelos textos que deixaram. Um dos temas que também teve destaque entre os debates do grupo foi a linguagem. Nesse sentido, suas contribuições se tornaram fundamentais para os estudos linguísticos que vieram a se desenvolver mais tarde, a partir da década de 1960, já que durante quase 30 anos muitos dos textos produzidos pelo grupo não foram publicados, devido à situação política da União Soviética. Um dos problemas

enfrentados por aqueles que mergulham em suas obras é a tradução, muitas vezes confusa, e o fato de que grande parte dos seus textos é composta de manuscritos inacabados, alguns até mesmo rascunhados. No Brasil, até pouco tempo, as ideias do grupo foram quase que exclusivamente limitadas pela obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOSHINOV) com a primeira publicação em português datada de 1979.

Devido à complexidade e amplitude das ideias discutidas pelo Círculo seria impossível tratarmos aqui de todas com profundidade. Portanto, optamos por limitar esta seção apenas à apresentação dos conceitos-chave que dialogam com a teoria do ISD.

A “prima filosofia” surgida nos primeiros textos de Bakhtin é um dos conceitos que muito interessa ao Interacionismo Sociodiscursivo. Foi pensada para desfazer o dualismo existente na época entre o mundo da teoria e o mundo da vida, já que para Bakhtin esses dois mundos só se separavam porque o mundo da teoria desconsiderava o ser e seu evento único. O psicologismo positivista em voga naquele tempo reduzia a consciência humana a um “simples conglomerado de reações psicofisiológicas fortuitas, que, por milagre, resulta numa criação ideológica significativa e unificada” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999, p.34). Foi a partir daí, então, que Bakhtin se lançou na complexa tarefa de combater essa teoria e estabelecer uma “prima filosofia”. Foi durante o processo de elaboração dessa filosofia que surgiram as mais importantes contribuições bakhtinianas para o campo da Linguística, a saber: seus postulados sobre o caráter ideológico do signo linguístico e a ideia de que as bases de uma teoria marxista da criação ideológica estão estreitamente ligadas aos problemas de linguagem (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999, p. 31). Esse assunto foi amplamente discutido em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, principalmente na primeira parte do livro, dedicada à discussão dos problemas da filosofia da linguagem dentro do conjunto de uma visão marxista. É através dessa obra consagrada que o autor tece todas as teorias que sustentarão a assertiva de que a língua é, por excelência, um produto ideológico e, por isso, deve estar na base de qualquer teoria marxista. Bakhtin explica que todo produto ideológico faz parte de uma realidade natural ou social assim como todo corpo físico, mas que diferente de outros instrumentos de produção ou de consumo, o produto ideológico “reflete e refrata uma outra realidade, que lhes é exterior” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999, p. 31). Isso significa que “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*”. Eis, portanto, o eixo norteador de toda teoria filosófico-marxista de Bakhtin sobre a linguagem: o caráter fundamentalmente ideológico do signo linguístico. A partir disso é que Bakhtin desenvolve o conceito de refração, discute a questão do sujeito dialógico, reflete sobre a plurivocidade do signo linguístico e tece contribuições fundamentais sobre uma

teoria filosófico-marxista da criação ideológica situada nos problemas da linguagem.

Centremo-nos primeiramente na chamada “doutrina da refração”, que surgiu no Círculo através das reflexões dos intelectuais sobre o papel desempenhado pelo signo linguístico na construção das representações do mundo. Para os integrantes do grupo, os signos não apenas refletem o mundo, como também o refratam, já que carregam em si representações sociais e ideológicas. Isso significa que não somente descrevemos, como também construímos diversas interpretações desses mundos através dos signos. São essas diversas interpretações que os intelectuais chamaram de *refrações*. Assim, “a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos” (FARACO, 2009, p. 51). Para a teoria do ISD, o conceito de refração se torna especialmente importante, pois é através dele que podemos depreender o conceito de plurivalência social dos signos, central na teoria de mecanismos enunciativos proposta por Bronckart. Segundo as teses bahktinianas, a plurivalência social do signo linguístico só é possível porque o signo é ideológico em sua natureza, ou seja, a linguagem é revestida de valores e significados provenientes das interações entre indivíduos socialmente constituídos. A língua é, portanto, um produto ideológico por excelência, “um fato social, cuja existência se funda nas necessidades de comunicação, que por sua vez, estão sempre associadas às estruturas sociais” (BAHKTIN, 1929).

Outro conceito-chave elaborado no âmbito do Círculo de Bakhtin que se tornou particularmente importante para o Interacionismo Sociodiscursivo é o de sujeito dialógico. Para os pensadores do grupo, a heterogeneidade das relações sociais é que vai permitir que o sujeito se constitua discursivamente através do diálogo e da interação com o outro:

Aquilo que nós falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras (...), mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral da construção (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999, p. 144).

Ainda, nas palavras de Marcuschi (2008, p.53) a língua é uma atividade social, histórica e cognitiva, desenvolvida de acordo com as prática socioculturais e, como tal, obedece a convenções de uso fundadas em normas socialmente instituídas.

A percepção dialógica também permite Bakhtin afirmar que não há uma só voz social, mas sempre muitas vozes (BRONCKART, 1999, p. 84). Nessa perspectiva, consideramos válido mencionar, brevemente, a teoria da enunciação, cujos postulados afirmam que os atos de fala jamais

podem ser explicados como atividades individuais, já que não dependem exclusivamente das condições psicofisiológicas do sujeito, mas somente podem ser compreendidos através das interações sociais, ou seja, “a enunciação é de natureza social” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999, p. 109). Nessa perspectiva é que a enunciação passou a ser tema central na tese do dialogismo bakhtiniano, uma vez que o enunciado indica o lugar dos atos de fala para dentro das interações sociais, ou seja, a enunciação se estende para além da expressão de uma consciência individual, ocorrendo *na* e *através* das relações sociais por meio de diálogos. Foi nesta perspectiva que o *diálogo*, no sentido amplo, começou a chamar “cada vez mais atenção dos linguistas e, algumas vezes, torna-se mesmo o centro das preocupações em linguística” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999, p. 145).

Expostos alguns conceitos-chave do Círculo de Bakhtin para a teoria do ISD e considerando nossas limitações, encerramos esta seção longe da pretensão de esgotarmos a rica fonte teórica que o Círculo trouxe para os estudos linguísticos como um todo.

2.2 Quadro teórico do ISD

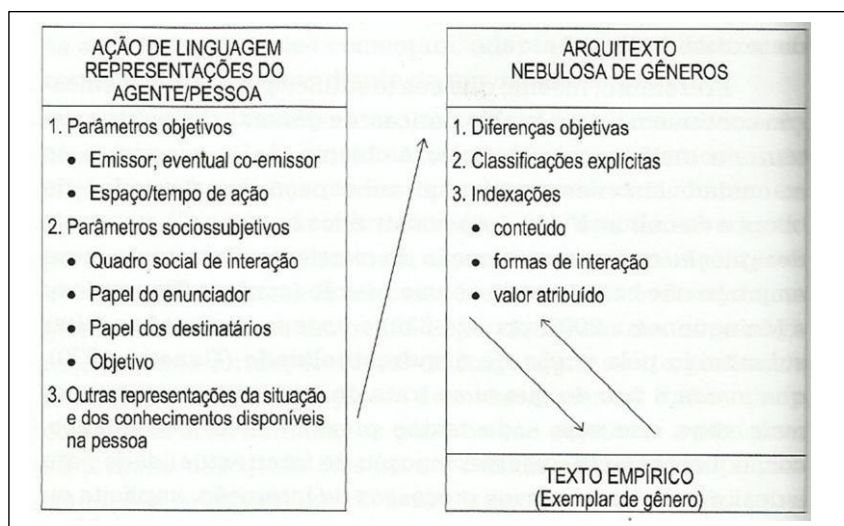
Nesta seção apresentaremos os pressupostos do ISD propriamente dito, começando pela exposição do esquema das condições de produção dos textos, passando pelo quadro da arquitetura textual e chegando, finalmente, à discussão acerca dos mecanismos enunciativos, mais precisamente das modalizações. Entretanto, consideramos relevante começarmos pela apresentação do conceito de língua/linguagem herdada de Bakhtin/Voloshinov e central para a teoria do ISD. Para Bakhtin (1999), conforme acabamos de apresentar na seção anterior, a língua é um fato social, cuja existência se funda nas necessidades de comunicação. Mas,

ao contrário da linguística unificante de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) individuais, Bakhtin por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma ser sua natureza social, não individual: a fala está estritamente ligada às condições de comunicação, que por sua vez, estão sempre associadas às estruturas sociais. (op.cit.,p. 14)

Assim, é válido sublinhar que a noção de linguagem que orienta as proposições do quadro teórico-metodológico proposto pelo ISD, bem como a presente investigação estão em pleno acordo com a definição defendida por Bakhtin. Dentro dessa perspectiva, apresentamos o quadro das condições de produção dos textos, segundo Bronckart (1999, 2006, 2008).

2.2.1 As condições de produção dos textos

Bronckart (1999) inicia sua exposição do esquema das condições de produção dos textos a partir da conceitualização do agir comunicativo como unidade psicológica. Nesse sentido, Bronckart afirma que a expressão geral *situação de ação de linguagem* designa “as propriedades dos mundos formais (físico, social e subjetivo) que podem exercer influência sobre a produção de um texto” (op.cit, 1999, p. 91). Conforme já assinalamos na apresentação das contribuições habermasianas para o ISD, tais mundos conferem uma série de representações sociais que podem, segundo Bronckart (2009), de certa forma, serem descritas. “De certa forma” porque numa dada situação de produção, o agente não dispõe de todas as versões dessas representações sociais, o que significa que é preciso distinguir dois tipos de situação de ação, a saber: a *situação de ação de linguagem externa* e a *situação de ação de linguagem interna*. A primeira se refere às representações dos mundos formais, tal como qualquer comunidade de observadores poderia descrever. Já a *situação de ação de linguagem interna* inclui representações desses mesmos mundos da maneira como o agente a internalizou. Para Bronckart (op.cit, 1999, p. 92) é essa situação de ação de linguagem interiorizada que realmente influi sobre a produção de um texto empírico. Entretanto, conforme alerta o autor, o pesquisador não tem pleno acesso a essa situação e, por isso, as relações entre uma situação de ação e um texto empírico nunca podem apresentar um caráter de “dependência direta ou mecânica”. Abaixo, reproduzimos o quadro de Bronckart sobre as condições de produção de um novo texto.



Quadro 02. Condições de produção de um novo texto (BRONCKART, 2006, p. 146)

Como podemos observar, as condições de produção de um novo texto são apresentadas a partir de um contexto objetivo, e de outro, sóciosubjetivo. No caso do contexto objetivo, as questões centrais a serem analisadas são: qual é o lugar de produção textual? Em que momento o texto é produzido? Quem é o emissor? Quem é o receptor?

Considerando que toda situação de ação de linguagem se insere em contextos e práticas sociais mais amplas, ou seja, inscreve-se no quadro da interação social, então é correto afirmar que a interação comunicativa carrega tanto as representações do mundo social quanto as representações do mundo subjetivo. Assim, Bronckart agrupa esse contexto, que ele denominou sociosubjetivo, em quatro parâmetros principais que vão, na realidade, revestir de significados sociais todos os elementos que compõem o contexto objetivo da produção textual. Apresentamos esses parâmetros a seguir:

- a) O lugar social: em que modo de interação o texto é produzido? (escola, família, interação informacional, interação comercial, etc.).
- b) A posição social do emissor: (justamente o que confere ao emissor a posição de enunciador): qual o papel social do emissor na interação (pai, professor, padre, etc.)?
- c) A posição social do receptor: (também o que lhe confere o estatuto de destinatário): qual o papel social atribuído ao receptor na interação (filho, aluno, etc.)?
- d) O(s) objetivo(s) da interação: qual o efeito que o enunciador busca causar em seu destinatário?

Através desses parâmetros, é correto afirmar que Bronckart (2006) transforma o simples espaço físico da produção textual num espaço fundamentalmente social, em que as interações e as relações de poder também entram em jogo e provocam implicações significativas no processo de produção textual. A figura do emissor enquanto enunciador carrega a dimensão social de quem produz o texto e o mesmo pode-se dizer do papel de destinatário, conferido ao receptor dentro dessa perspectiva social da produção textual.

2.2.2 A arquitetura textual e os mecanismos enunciativos

Dando sequência à proposta de análise textual sugerida pelo ISD, apresentamos o esquema desenvolvido por Bronckart (2006) para tratar da organização textual. Para ele, todo texto é composto por três níveis estruturais superpostos, conforme ilustrados no quadro a seguir:

INFRA-ESTRUTURA	COERÊNCIA TEMÁTICA (Processos Isotópicos)	COERÊNCIA PRAGMÁTICA (Engajamento enunciativo)
TIPOS DE DISCURSO EVENTUAIS SEQUÊNCIAS	CONEXÃO COESÃO NOMINAL COESÃO VERBAL	GESTÃO DAS VOZES MODALIZAÇÕES

Quadro 03. Os três níveis da arquitetura textual (BRONCKART, 2006, p. 147)

O primeiro nível da arquitetura textual, que o autor denominou *infraestrutura*, é considerado o nível mais profundo e se caracteriza pela maneira como ocorre o planejamento geral do conteúdo temático (de ordem cognitiva) e pelos tipos de discurso mobilizados e suas modalidades de articulação. O segundo nível, chamado de *coerência temática*, se refere aos mecanismos de textualização, “que contribuem para dar ao texto sua coerência linear ou temática, para além da heterogeneidade infraestrutural, pelo jogo dos processos isotópicos de conexão, de coesão nominal e coesão verbal” (BRONCKART, 2006, p. 148). Já o terceiro nível, classificado pelo autor como o nível mais superficial, diz respeito aos mecanismos enunciativos, “que explicitam o tipo de engajamento enunciativo em ação no texto e que conferem a ele sua coerência interativa” (op.cit, 2006, p. 149). É neste nível que encontramos as modalizações, que “têm como finalidade geral, traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos **comentários** ou **avaliações** formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático” (grifos do autor, op cit, 2009, p. 330).

Ao contrário dos mecanismos de textualização, que estão essencialmente articulados com a linearidade do texto por marcarem sua progressão e coerência temática, as modalizações são relativamente independentes e podem insinuar-se em qualquer nível da arquitetura textual. Assim, “as modalizações pertencem à dimensão *configuracional* do texto, contribuindo para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na *interpretação* de seu conteúdo temático” (grifos do autor, op cit, p. 330).

As modalizações possuem múltiplas classificações, propostas desde a Antiguidade Grega, mas apenas **quatro** foram conservadas pelo ISD e redefinidas de acordo com a teoria dos três mundos herdada de Habermas, são elas: as modalizações lógicas (relacionadas ao mundo objetivo), as modalizações deônticas (relacionadas ao mundo social) e as modalizações apreciativas e as modalizações pragmáticas (relacionas ao mundo subjetivo e social). Segundo Bronckart (op.cit, p. 330), essas funções podem ser identificadas no plano dos significados, traduzindo os diversos

comentários e avaliações formuladas pelo agente sobre alguns elementos do conteúdo temático, mas é no plano dos significantes que encontramos os subconjuntos de unidades ou de estruturas linguísticas que nos permitem identificar cada uma dessas funções. Vejamos, então, quais são essas funções e quais as estruturas linguísticas que marcam cada uma delas:

a) Modalizações lógicas: traduzem comentários e avaliações acerca de elementos do conteúdo temático apoiados em critérios (ou conhecimentos) elaborados e organizados no quadro das coordenadas formais que definem o mundo objetivo, e apresentam os elementos de seu conteúdo do ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados (ou certos), possíveis, prováveis, eventuais, necessários, etc. (op cit, p.330). As modalizações lógicas são usualmente marcadas por tempos verbais do condicional, auxiliares, advérbios, orações impessoais. Reproduzimos aqui um fragmento do relato do participante em que detectamos marcas desse tipo de modalização, quando ele comenta sobre a possibilidade de ter *internet* na comunidade: ***Não acreditando que seria verdade que esse projeto traria internet pra Barra (...)***. Como podemos notar, os trechos destacados revelam marcas de modalização lógica, de possibilidade: no primeiro trecho, observamos o uso do verbo no condicional (***seria verdade***), além da presença do substantivo “verdade”, que expressa a noção de fatos tidos como certos e possíveis de serem realizados.

b) Modalizações deônticas: traduzem comentários e avaliações acerca de elementos do conteúdo temático apoiados nos valores, nas opiniões e nas regras constitutivas do mundo social, apresentando os elementos do conteúdo como sendo do domínio do direito, da obrigação social e/ou da conformidade com as normas em uso (BRONCKART, 2009, p. 331). Esse tipo de modalização é normalmente marcado por auxiliares (ou metaverbos) de modo: querer, poder, ser necessário e dever, e pelos tempos verbais do condicional, auxiliares, advérbios ou orações adverbiais. No caso dos relatos analisados, podemos citar o seguinte fragmento como exemplo desse tipo de modalização, quando o participante comenta sobre suas funções como monitor do telecentro: (...) ***tenho a responsabilidade de criar projetos e melhorar os que já existem na comunidade***. No trecho em destaque, podemos dizer que as responsabilidades são citadas a partir de uma concepção formada sobre o mundo social, ou seja, do ponto de vista da obrigatoriedade, das normas e responsabilidades sociais.

c) Modalizações apreciativas: traduzem comentários e avaliações acerca de elementos do conteúdo temático procedente do mundo subjetivo da voz que é fonte desse julgamento, apresentando-os como benéficos, infelizes, estranhos, etc., do ponto de vista da entidade avaliadora. (op cit, p. 332). São preferencialmente marcadas por adjetivos, advérbios ou orações adverbiais. Um

bom exemplo desse tipo de modalização é o comentário a seguir, extraído do relato do participante:
*O meu celular caiu na água, **fiquei muito triste**, meu celular, meu presente!*

d) Modalizações pragmáticas: contribuem para a explicitação de alguns aspectos da responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático (personagem, grupo, instituição, etc.) em relação às ações de que é o agente, e atribuem a esse agente intenções, razões (causas, restrições, etc.), ou ainda, capacidades de ação. (BRONCKART, 2009, p. 332). Essas modalizações são preferencialmente marcadas pelos advérbios de modo. O fragmento a seguir ilustra bem esse tipo de modalização, que neste caso, aparece representado por um verbo: ***Espero** me tornar um agente de letramento capacitado para ajudar as pessoas da minha comunidade (...)*. Aqui, o verbo *esperar* tem uma conotação de desejo, intenção, marcando, assim, a modalização pragmática.

Com relação à presença de marcas de modalização nas produções textuais, Bronckart (2009, p. 334) afirma que tanto sua distribuição, como a escolha efetiva das unidades que as expressam são relativamente independentes dos tipos de discurso. Isso significa que não podemos identificar subconjuntos de unidades de marcação própria de um tipo de discurso, entretanto Bronckart afirma que é possível observar que alguns textos são saturados de unidades de modalização, ao passo que em outros essas mesmas unidades são raras ou ausentes. Segundo o autor, essas diferenças de ocorrência podem estar relacionadas ao gênero a que pertence o texto: as modalizações podem estar ausentes em obras como enciclopédias e manuais científicos, por exemplo, já que os elementos do conteúdo temático são normalmente apresentados como dados absolutos, ou seja, subtraídos de avaliação. Por outro lado, as marcas de modalização podem ser frequentes em textos como artigos científicos, panfletos políticos, manuais de histórias, etc., já que os elementos do conteúdo temático são objeto de debate, discussão, e, portanto, de avaliação. No caso desta pesquisa, os dados que analisamos são provenientes de relatos reflexivos saturados de modalizações, já que os elementos do conteúdo temático são fundamentalmente objetos de avaliação.

Exposta nossa ancoragem teórica, passamos agora para a apresentação do percurso metodológico traçado nesta pesquisa.

CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, descreveremos o percurso metodológico traçado neste estudo: a natureza da pesquisa, o contexto em que ela foi realizada, o perfil do participante, os procedimentos de coleta e construção do *corpus*, os procedimentos adotados para a análise dos dados, além de retomarmos nossos objetivos e questões de pesquisa.

3.1 Natureza da pesquisa

A fim de proporcionarmos uma melhor compreensão da natureza deste estudo e de todo seu percurso metodológico, julgamos pertinente retomarmos, em primeira instância, os nossos objetivos, bem como as questões que nortearam a presente investigação. Conforme mencionado diversas vezes, o objetivo deste estudo é contrastar as práticas de letramento, especialmente digital, de um dos integrantes da equipe de monitores do *Telecentro Comunitário Rural Pescadores Online*, antes e depois da chegada da *internet* e da implantação do referido telecentro na comunidade, a fim de investigarmos o impacto das novas TIC nas práticas de leitura e de escrita do participante. Além disso, buscamos investigar seu olhar avaliativo acerca do projeto de extensão e dos elementos a ele relacionados, através das modalidades inscritas em seus relatos reflexivos. Desse modo, nossos objetivos específicos são:

- I) Mapear as práticas de letramento do participante antes e depois da chegada da *internet* e da implantação do telecentro na comunidade, contrastando esses dois momentos;
- II) Identificar, nos relatos reflexivos, quais elementos do conteúdo temático estão sendo avaliados pelo participante, as modalidades que traduzem essas avaliações, e de que maneira elas (re)configuram esses elementos.

A fim de orientar nossa investigação, buscamos responder as seguintes questões:

- 1) Quais as práticas de letramento do participante antes e depois da chegada da *internet* na comunidade? Como as práticas se (re) configuram ao longo do projeto de extensão?
- 2) Quais tipos de modalidade ocorrem nos relatos reflexivos do participante e quais elementos do conteúdo temático estão sendo avaliados? De que modo essas avaliações se (re)configuram ao longo do projeto de extensão?

A partir do exposto, podemos afirmar que o presente estudo alinha-se aos paradigmas da pesquisa qualitativa-interpretativista e caracteriza-se como pesquisa-ação. Segundo Denzin et al (2006), a pesquisa qualitativa focaliza uma sociedade livre e democrática. Em outras palavras, visa não somente à interpretação dos dados coletados, como também, e principalmente, ao desenvolvimento de ações colaborativas, na tentativa de transformar a realidade social dos atores envolvidos numa realidade mais democrática. Nesse sentido, o presente estudo também se enquadra nos propósitos da pesquisa-ação, a qual, segundo Barbier (2007, p. 53), serve de instrumento de mudança social.

Assim, nosso estudo está inscrito no escopo da Linguística Aplicada, um campo de investigação transdisciplinar, cujo foco de interesse, segundo Moita Lopes (1998, p. 108), tem sido o trabalho colaborativo, isto é, aquele que envolve responsabilidade social, reflexão e a participação de diversos atores sociais na pesquisa. A união desses elementos permite uma melhor compreensão do que está sendo estudado e propicia um retorno mais imediato dos resultados da pesquisa para a prática social; além de tornar os participantes mais reflexivos de seu papel na sociedade. Essa preocupação também caracteriza a grande virada linguística da década de 1980 com a penetração dos estudos qualitativos-interpretativistas e filosófico-marxistas das ciências sociais e humanas no campo dos estudos da linguagem. A partir da década de 80 e, especialmente na década de 90, as pesquisas em Linguística Aplicada começaram a transpor as linhas fronteiriças que dividiam as disciplinas e passaram a compreender os estudos da linguagem enquanto o estudo de práticas sociais mais amplas, expandindo os contextos de pesquisa para fora do âmbito escolar, inclusive. Segundo Moita Lopes (op.cit, 1998, p.112), “há uma cobrança cada vez maior em relação à responsabilidade social do trabalho do linguista aplicado. Como é que a pesquisa que fazemos pode mudar a prática social?” O presente estudo pretende apontar, de forma bastante modesta, possíveis respostas para tal pergunta, uma vez que conseguimos unir neste trabalho, elementos fundamentais para que houvesse retorno mais imediato dos resultados da pesquisa para a prática social dos participantes, a saber: responsabilidade social, reflexão e participação de diversos atores sociais na investigAÇÃO.

3.2 Contexto da pesquisa

Conforme já mencionamos, a presente pesquisa foi realizada em Barra de Mamanguape, Paraíba, durante a implantação de um telecentro comunitário – fruto do projeto de extensão intitulado *Pescadores Online* – entre o período que antecedeu a chegada da *internet* na comunidade e a efetiva implantação do telecentro comunitário na vila. A seguir detalharemos os diversos

espaços em que esta pesquisa se realizou.

3.2.1 Panorama da vila de pescadores de Barra de Mamanguape

A Barra de Mamanguape está situada dentro de uma das mais importantes Áreas de Proteção Ambiental (APA) do estado da Paraíba – a APA da Barra do Rio Mamanguape - e abriga a primeira sede do Projeto de Preservação do Peixe-boi Marinho no Brasil, que em 2011 completou 30 anos. O peixe-boi é uma espécie ameaçada de extinção e desde a criação deste projeto, os moradores da comunidade se tornaram seus principais protetores.



Figura 1. Crianças da comunidade amamentando filhotes de peixe-boi

A comunidade pertence à zona rural do município de Rio Tinto, distante há 30 km. O acesso à vila é considerado difícil, visto que a estrada não é pavimentada. O percurso piora durante o período das chuvas (maio a agosto), chegando a levar mais de uma hora quando o trajeto é feito de carro e mais de duas quando a travessia é feita pelos ônibus rurais que fazem a linha Rio Tinto – Barra de Mamanguape.

Segundo dados do último Censo do IBGE (2010), Rio Tinto possui uma população de 22.929 pessoas. Pouco menos da metade da população (9.919 habitantes) encontra-se em área rural. O distrito de Barra de Mamanguape foi criado e anexado ao município de Rio Tinto pela lei estadual nº 3117, que data de 10 de dezembro de 1963.

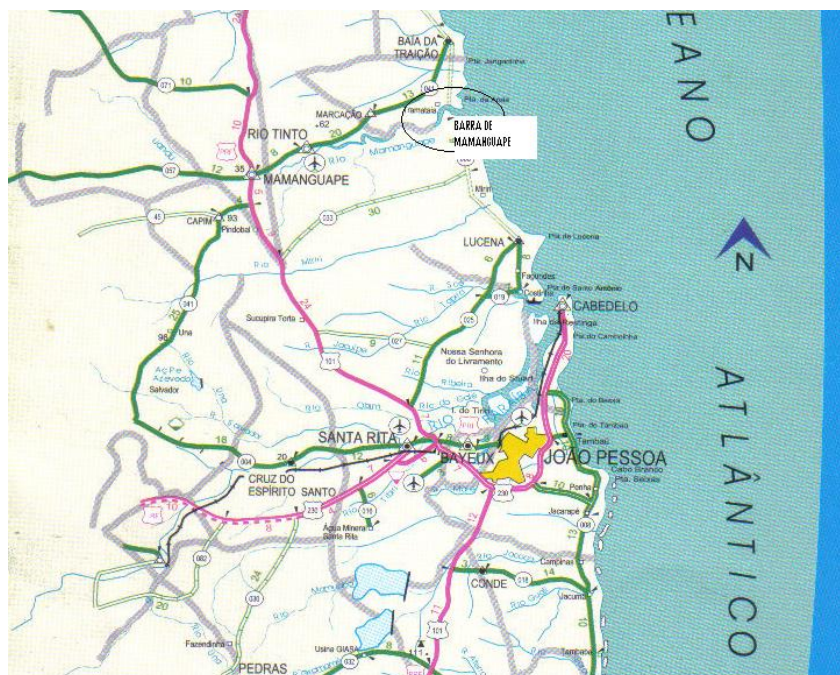


Figura 2. Mapa de localização da Barra do Rio Mamanguape

Com relação à infraestrutura, a comunidade da Barra não conta com assistência médica no local, a educação apresenta uma série de problemas, o saneamento básico e a coleta de lixo são inexistentes e o transporte público é insuficiente para atender a demanda dos moradores. Na escola, a estrutura física é precária – possui apenas uma sala de aula e um professor. Os alunos mais novos têm aula pela manhã, todos misturados sem separação de turmas por nível, e os mais velhos estudam à tarde, na mesma situação. A escola atende os alunos desde a alfabetização até o quarto ano do Ensino Fundamental. A partir do quinto ano, os alunos que quiserem dar continuidade aos estudos têm que viajar para Rio Tinto. A viagem é cansativa e desconfortável, devido às péssimas condições da estrada e dos ônibus escolares, o que provoca altos índices de evasão escolar na comunidade. No caminho, muitos estudantes viajam em pé e sofrem com a poeira da estrada nos períodos de seca. Já no inverno, é a lama que dificulta o transporte. Já ocorreram muitos casos em que os alunos tiveram de voltar para casa a pé, em meio ao canavial, por conta das más condições dos ônibus escolares e da estrada. Os ônibus escolares partem da comunidade em três horários distintos, atendendo os alunos de todos os turnos: às 5:30h para os alunos do turno matutino, às 11h para os alunos vespertinos e às 17:30h para os estudantes da noite ⁶.

⁶ Durante a realização desta pesquisa, a Prefeitura Municipal de Rio Tinto realizou uma reforma no prédio da escola da comunidade, o que melhorou muito a situação das crianças. Hoje a escola conta com novas instalações, refeitório, pequena biblioteca e uma horta. O transporte também melhorou no período matutino, com a entrega de um ônibus escolar novo para atender os alunos de Praia de Campina, Sítio Saco e Tanques, desafogando o número de passageiros do ônibus que faz a linha Barra – Tavares – Rio Tinto.



Figura 3. Lixo espalhado pela comunidade: falta coleta



Figura 4. Moradores fazendo a manutenção do ônibus rural

Com relação à informação, as notícias chegam através das antenas parabólicas e da rádio local, somente. Não há telefonia fixa na comunidade. Os moradores se comunicam através de celulares, que nem sempre têm bom sinal na região. Todas as operadoras de celular operam na Barra de Mamanguape, mas não há torres de telefonia móvel no local. Há apenas dois telefones públicos na comunidade, instalados no ano de 2005, mas ambos estão frequentemente sem funcionar. O acesso à *internet* é praticamente inexistente, já que a única possibilidade de acesso é através da conexão *wi-fi* dos celulares mais modernos, que não são comuns na região.⁷

⁷ Este cenário que descrevemos se refere à fase anterior ao Projeto *Pescadores Online*. A comunidade ganhou seu telecentro com conexão gratuita de 30MB em outubro de 2011. Além disso, está sendo implantado pela ANID um sistema de telefonia fixa via *internet* na comunidade, o que evidentemente tem modificado significativamente o cenário de inclusão digital na comunidade. A questão do lixo, das condições da estrada e de outros problemas também vem sendo constantemente debatidos com os moradores, e diversas ações vem sendo realizadas no sentido de apresentarmos alternativas para a resolução dos problemas. (Conferir TOMO II – Ações realizadas pelo projeto de extensão)



Figura 5. Vista da comunidade



Figura 6. Vista do porto das caiçaras



Figura 7. Vista da antiga igreja da comunidade



Figura 8. Vista da rua principal

As 68 famílias que residem na vila vivem basicamente da pesca artesanal e sofrem com o descaso das autoridades governamentais. Segundo um estudo sobre o desenvolvimento turístico do litoral norte e da pavimentação da rede rodoviária básica no estado da Paraíba, realizado há quase *onze* anos pelo Departamento de Estradas de Rodagem (D.E.R), em parceria com órgãos públicos e privados, a pavimentação da PB-033/NORTE fortaleceria a economia pesqueira, aumentando a oferta interna do pescado, ampliando as oportunidades de emprego e as condições gerais de vida das comunidades e dos distritos e vilas engajadas nas atividades da pesca.



Figura 09. Pesca artesanal: principal fonte de renda dos moradores

Há duas vias com possibilidade de pavimentação na região: a PB-033 e a PB 008/NORTE. A primeira ligaria as comunidades no entorno da APA à cidade de Rio Tinto, e a segunda, ao município de Lucena (via litorânea). Porém, a questão da pavimentação nessa região é bastante delicada, já que diz respeito a uma área legalmente preservada, envolvendo a atuação de diversos órgãos federais, estaduais e municipais. Entretanto, os entraves não justificam a situação de abandono em que se encontram as estradas que ligam a comunidade à zona urbana. Segundo os moradores, a estrada só não é pior por conta das usinas de cana-de-açúcar, que realizam manutenções constantes em determinados trechos para o transporte da cana-de-açúcar.

Devemos salientar que, apesar de se tratar da zona rural, a região é habitada por cerca de dez mil moradores e as estradas apresentam um grande fluxo de veículos, incluindo motos, caminhões, carros de passeios, veículos rurais, etc. Além disso, há um trânsito considerável de visitantes e pesquisadores ao Projeto Peixe-boi, várias usinas de cana-de-açúcar, centenas de casas de veraneio, especialmente em Praia de Campina, tribos indígenas, dois novos campi da UFPB (Rio Tinto e Mamanguape), despertando e motivando o desenvolvimento de pesquisas na região, ou seja, uma

série de fatores que justificam a necessidade de reformas urgentes nas estradas que ligam as comunidades da APA à zona urbana.

Não bastasse todos os desafios enfrentados pela população local, as leis ambientais e a fiscalização imposta pela APA também interferem diretamente nas atividades cotidianas dos moradores da região, dificultando até mesmo o desenvolvimento sustentável das comunidades.⁸



Figura 10. Vista do estuário: patrimônio ambiental

Percebemos que, infelizmente, a falta de diálogo entre as forças atuantes na região e o descaso das autoridades com relação à infraestrutura da zona rural é um dos fatores que prejudica o desenvolvimento dessas comunidades e vilas, mantendo-as em estado de exclusão social e informacional.⁹

3.2.2 O contexto de ação: O 1º Curso de Formação e Capacitação de Monitores do Telecentro Comunitário da Barra de Mamanguape, o Telecentro Embrião e o Telecentro Comunitário

O 1º Curso de Formação e Capacitação de Monitores do Telecentro Comunitário da Barra de Mamanguape foi desenvolvido e ministrado pela pesquisadora responsável pelo presente estudo entre os meses de maio e junho de 2011. Foi realizado na sede da Colônia de Pescadores da Barra de Mamanguape e teve carga horária de vinte horas. Participaram do curso três monitores em

⁸ Este cenário vem sendo modificado através de iniciativas da administração da APA da Barra do Rio Mamanguape, principalmente em parceria com o Projeto *Pescadores Online*, no sentido de incentivar e promover o desenvolvimento sustentável da comunidade através de ações e iniciativas públicas voltadas para o meio ambiente, o turismo e o acesso à informação e à comunicação. Além disso, o Plano de Manejo da APA, em processo licitatório, visa regulamentar as atividades de pesca, ocupação e uso sustentável dos recursos naturais na região.

⁹ Vale ressaltar que dados complementares sobre a comunidade e a APA da Barra do Rio Mamanguape encontram-se no Tomo II desta pesquisa.

formação, além de dois voluntários do curso de Ciências da Computação do campus IV da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e três membros do Conselho Gestor do projeto de extensão, nativos da comunidade da Barra de Mamanguape.



Figura 11. Alunos no 1º dia do Curso de formação de monitores

Os objetivos do curso foram: a) formar e capacitar monitores dentro da própria comunidade para atuarem diretamente no telecentro comunitário; b) promover o acesso desses monitores à informação, principalmente através da *internet*; c) sensibilizar e mobilizar os monitores com relação aos problemas enfrentados pela comunidade; d) dar suporte para o desenvolvimento de projetos de letramento que visem ao desenvolvimento sustentável da comunidade; e) desenvolver ações participativas com vistas ao desenvolvimento pessoal e coletivo dos pescadores da Barra de Mamanguape; f) promover seções reflexivas visando o desenvolvimento da prática docente dos agentes em formação e, g) contribuir para a prática reflexiva dos mesmos através da produção de relatos reflexivos sobre a formação acadêmica e profissional deles, suas relações com as novas tecnologias e suas expectativas iniciais com relação ao curso e ao telecentro. Foi no âmbito do curso de formação que ocorreu a primeira etapa do procedimento de coleta e construção do nosso *corpus* e também onde surgiu a necessidade de se criar o telecentro embrião na comunidade. A seguir, apresentamos este espaço.

O telecentro embrião nasceu da necessidade de colocarmos em prática aquilo que havíamos estudado no curso, portanto, criamos um espaço com quatro computadores conectados à *internet*, em caráter temporário, no prédio da *Associação Ecoficina Peixe-boi*, uma instituição liderada por três artesãs da Barra de Mamanguape. A partir do telecentro embrião, os participantes começaram a desenvolver suas atividades enquanto monitores, embora ainda em fase inicial, criando o *blog*



Figura 12. Monitores no telecentro embrião

Finalmente, apresentamos o telecentro comunitário, que é o telecentro oficial da comunidade. Foi inaugurado em outubro de 2011 com a chegada da *internet*, e funciona diariamente das 9h às 22h. O atendimento é realizado pelos monitores e a gestão do telecentro é feita através dos membros do Conselho Gestor e dos próprios monitores, com participação efetiva da comunidade nas decisões.¹¹ Com relação aos serviços oferecidos pelo telecentro à comunidade estão cópias e impressões de documentos, acesso gratuito à *internet*, aulas de informática e ações comunitárias voltadas para o desenvolvimento sustentável da comunidade. Foi no processo de implantação do telecentro comunitário que coletamos os dados referentes à segunda etapa de construção do nosso *corpus*.



Figura 13. A equipe em ação no telecentro comunitário



Figura 14. Torre de internet instalada na Barra

¹⁰ Nesta fase ainda não contávamos com conexão banda larga na comunidade. Os acessos eram realizados através de conexões de operadoras de telefonia celular, com o *modem* dos próprios participantes. O acesso era precário e a banda não era larga. Entretanto, essa atitude representa a força de um grupo de monitores em implantar um telecentro em sua comunidade. O endereço do *blog* é www.pescadores-online.blogspot.com

¹¹ Estão sendo formados mais três novos monitores para o Telecentro, o que representa maior participação da comunidade nas ações e a possibilidade de abrangermos cada vez mais usuários.

3.3. Perfil do participante da pesquisa

Apesar de ter sido oito o número total de participantes do *Curso de Formação e Capacitação de Monitores do Telecentro Comunitário da Barra de Mamanguape*, apenas os três monitores oficiais foram inicialmente selecionados para a presente pesquisa. Os outros participantes eram membros do Conselho Gestor do Projeto ou voluntários que não estariam diariamente envolvidos nas atividades de monitoria do telecentro, portanto estavam participando somente como ouvintes. Entretanto, conforme exposto no capítulo introdutório, apenas os dados referentes a um dos monitores foram analisados neste estudo. Devido ao grande volume de dados e o tempo disponível para concluir a pesquisa, tivemos de optar pela análise dos dados de apenas um dos participantes.

A seguir, traçaremos um breve perfil do participante selecionado, bem como da presente pesquisadora. A fim de preservar a identidade do participante, um nome fictício foi utilizado. Devemos salientar que a escolha por este participante, em específico, se deu pelo fato de que, dentre os demais monitores, ele era o único que não possuía quase nenhum contato com o computador e com a *internet* antes da chegada do projeto *Pescadores Online*. Isso permitiu que acompanhássemos o processo de letramento digital desse participante desde os seus primeiros contatos com o computador.

Gilberto nasceu e foi criado em Barra de Mamanguape, tem 23 anos, é solteiro e tem um filho de três anos. Mora com os pais, que são pescadores e com o irmão mais novo, de 22 anos. Há quatro anos, trabalha como guia recepcionista em caráter voluntário na base do Projeto Peixe-boi. É vocalista de uma banda de forró e atualmente está envolvido com o projeto de extensão *Pescadores Online*, onde atua como monitor do telecentro comunitário. Completou os estudos até o Ensino Médio em um curso supletivo de Educação para Jovens e Adultos (EJA), na cidade de Rio Tinto. O jovem nunca deixou a comunidade onde vive.

Com relação à pesquisadora, nasci e fui criada em Piracicaba, SP. Tenho 30 anos, sou solteira e não tenho filhos. Sou formada em Letras pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e durante doze anos atuei como professora de inglês em escolas particulares e institutos de idiomas em Piracicaba. Mudei para a Paraíba há cinco anos, motivada pela curiosidade e pelo interesse pela cultura nordestina. Nos últimos anos, trabalhei como professora de inglês no *Yázigi*, em João Pessoa, onde desenvolvi minhas primeiras pesquisas sobre letramento digital e ensino de língua inglesa. O crescente interesse por questões de letramento e, principalmente, pela cultura

ribeirinha levou-me a escrever o projeto de extensão *Pescadores Online* (PROEXT, 2010), de onde surgiram as oportunidades para a realização deste estudo. Vale mencionar que como parte do cumprimento de um dos grandes desafios da pesquisa-ação realizada em comunidades não formais, isto é, *in loco*, inseri-me completamente na comunidade da Barra de Mamanguape, vivenciando todas as fases de desenvolvimento da pesquisa, o que proporcionou um mergulho na cultura local e o convívio diário com a população nativa.

3.4 Procedimentos para geração e construção do *corpus*

Os dados que compõem a primeira parte do nosso *corpus* foram parcialmente coletados a partir da escrita de quatro relatos reflexivos produzidos individualmente pelo participante entre os meses de maio e junho de 2011, durante o *1º Curso de Formação e Capacitação de Monitores do Telecentro da Barra de Mamanguape*, a saber: trajetória acadêmica e profissional; primeiros contatos com as novas TIC; expectativas iniciais com relação ao curso de formação e capacitação de monitores e ao telecentro comunitário e expectativas finais com relação ao curso (ver Apêndice B e E). Compôs também a primeira parte do nosso *corpus* um questionário¹² (ver Apêndice A e E) sobre práticas de letramento e acervos de leitura do participante, que reproduzimos no quadro a seguir:

Sessões	Conteúdo temático	Questões/Múltipla escolha	Questões subjetivas	Total de Questões
A	Caracterização Socioeconômica	4	9	13
B	Práticas de leitura e escrita e acervos no âmbito doméstico	1	11	12
C	Práticas de letramento e acervos em diversos espaços de convivência	1	16	17
D	Práticas de letramento e acervo no âmbito de formação	4	3	7
E	Práticas de letramento e acervos em ambiente virtual	1	8	9
F	Práticas de letramento e acervos no âmbito do <i>Curso</i>	2	13	15

Quadro 04. Descrição do questionário 1

Resumimos em tópicos as etapas de construção e geração desta primeira parte do *corpus*:

¹²Agradecemos as contribuições de Reichmann (2009a e b), no que diz respeito ao trabalho com relatos reflexivos, e também a Tinoco (2008), no que concerne aos questionários, já que nos baseamos na metodologia utilizada em sua tese de doutoramento sobre projetos de letramento em escolas públicas do interior do RN.

a) Em junho de 2011, na semana anterior ao início do *1º Curso de Formação e Capacitação de Monitores do Telecentro Comunitário da Barra de Mamanguape*, a presente pesquisadora convidou pessoalmente os monitores para participarem da pesquisa e conversou com eles sobre o presente estudo.

b) No primeiro dia do curso, a pesquisadora entregou a cada participante uma apostila que, dentre outros materiais, continha instruções para a produção dos relatos reflexivos.

c) No mesmo dia, a presente pesquisadora ouviu os participantes sobre a expectativa deles com relação à produção dos relatos. Ficou decidido que a data de entrega dos relatos seria no último dia do curso. Na sequência, a pesquisadora entregou um caderno espiral para cada participante, pedindo para que usassem o caderno única e exclusivamente para a produção dos relatos. A professora solicitou que os relatos fossem escritos à mão, pois nem todos tinham acesso ao computador.

d) Os diários foram escritos fora da sala de aula, em casa, durante as duas semanas do curso.

e) O questionário sobre as práticas de letramento e acervos foi respondido como parte das atividades do curso, no seu terceiro dia de realização.

A segunda etapa do procedimento de geração do *corpus* ocorreu na fase de ação, após os três meses que sucederam o início das atividades dos monitores no telecentro embrião. Foi composto por um relato reflexivo sobre as práticas atuais do participante enquanto monitor e por um questionário sobre suas práticas de letramento digital nos seguintes âmbitos: do telecentro e dos espaços de socialização e convivência. No quadro abaixo apresentamos o modo de organização do questionário sobre as práticas de letramento digital dos monitores:

Seção	Questões/Múltipla escolha	Questões Subjetivas
Práticas de letramento digital no âmbito do telecentro	1	5
Práticas no âmbito de socialização	1	6

Quadro 05. Descrição do questionário 2

3.5 Procedimento de análise dos dados

Nesta seção descreveremos os procedimentos de análise dos dados deste estudo. Para tanto, retomaremos nossas questões iniciais de pesquisa para melhor situar nossos procedimentos de análise. Primeiramente, buscamos mapear as práticas de letramento e acervos de leitura do participante em diversas esferas da vida cotidiana de acordo com os dados do questionário aplicado durante a fase de formação. A fim de investigarmos de que maneira as práticas de letramento, especialmente digital, do participante se (re) configuram durante a fase de atuação, contrastamos os dados do questionário 1 com os dados do questionário 2.

Com relação às modalidades, selecionamos os trechos em que aparecem as marcas de avaliação/interpretação nos relatos reflexivos do participante tanto na primeira fase, quanto na segunda, investigamos quais elementos estão sendo avaliados, e de que maneira essas marcas (re)configuram esses elementos. O quadro a seguir sintetiza os procedimentos de análise que acabamos de descrever.

Questões de pesquisa	Procedimentos de análise
1) Quais as práticas de letramento do participante antes e depois da chegada da <i>internet</i> na comunidade? Como as práticas se (re) configuram ao longo do projeto de extensão?	Mapear, através de um questionário, as práticas de letramento do participante antes e depois da chegada da <i>internet</i> e da implantação do telecentro na comunidade, contrastando esses dois momentos (BARTON, 2000; STREET, 1984; KLEIMAN, 1995, 2005, 2007; OLIVEIRA E KLEIMAN, 2008).
2) Quais tipos de modalidade ocorrem nos relatos reflexivos do participante e quais elementos do conteúdo temático estão sendo avaliados? De que maneira essas avaliações se (re)configuram ao longo do projeto de extensão?	Identificar, nos relatos reflexivos, quais elementos do conteúdo temático estão sendo avaliados pelo participante, as modalidades que traduzem essas avaliações, e de que maneira elas (re)configuram esses elementos (BRONCKART, 1999, 2006, 2008).

Quadro 06. Questões de pesquisa e procedimentos de análise

Concluída a etapa de descrição do percurso metodológico, passamos para a apresentação dos resultados e análise.

CAPÍTULO 4 – PRÁTICAS DE LETRAMENTO E ACERVOS DE LEITURA

Neste capítulo, apresentaremos o mapeamento das práticas de letramento do participante em duas seções, a saber: na fase de formação (período que corresponde ao momento anterior ao telecentro comunitário) e na fase de ação (período que corresponde à fase posterior à implantação do telecentro na vila). Podemos afirmar que esse mapeamento nos permitiu não somente conhecer as práticas de letramento do participante, bem como contrastá-las nos dois momentos citados, especialmente no que diz respeito às práticas de letramento digital, conforme demonstraremos nas seções seguintes.

4.1 Práticas de letramento e acervo de leitura na fase de formação

Conforme mencionado anteriormente, os dados sobre práticas de letramento e acervo de leitura do participante foram coletados a partir de um questionário. Reproduzimos no quadro a seguir (REICHMANN/RODRIGUES, no prelo), o contexto em que esse questionário foi respondido, segundo os parâmetros objetivos e sociosubjetivos propostos por Bronckart (1999):

	Lugar de produção	Momento de produção	Emissor	Receptor
MUNDO FÍSICO	Sala de aula	No terceiro dia do curso de formação de monitores	Aluno do curso de formação de monitores	Prof. ^a do curso de formação de monitores
	Lugar social da produção	Objetivo - propósito comunicativo	Papel social do enunciador	Papel social do destinatário
MUNDO SÓCIOSUBJETIVO	<i>1º Curso de formação e capacitação de monitores do Telecentro Pescadores Online</i>	Responder um questionário sobre práticas de letramento e acervos de leitura em diversas esferas do cotidiano	Voluntário do projeto de extensão “Pescadores Online”	Pesquisadora do projeto de extensão

Quadro 07. Condições de produção do questionário 1 (fase de formação)

Consideramos pertinente iniciar nossa análise delineando o contexto doméstico e o perfil socioeconômico do participante para que o leitor compreenda melhor os resultados apresentados e

possa compreender as práticas de letramento mapeadas dentro do contexto sócio histórico e cultural em que o participante está inserido. O pai de Gilberto é pescador artesanal e membro da diretoria da Colônia de Pesca da comunidade de Barra de Mamanguape. Embora não saiba ler nem escrever, participa ativamente de todas as reuniões da instituição e possui voz ativa nas decisões. Um fato bastante curioso que não poderia deixar de ser mencionado aqui foi ter sido o pai de Gilberto quem propôs a criação de um termo de responsabilidade entre a Colônia e o *Projeto Pescadores Online* quando do empréstimo de um prédio de posse da Colônia para a implantação do telecentro comunitário na vila. Isso significa que, embora não seja alfabetizado, o pai de Gilberto se encontra inserido em práticas de letramento, ou seja, reconhece o papel que a escrita exerce nas relações sociais. Tal como o pai, a mãe de Gilberto não é alfabetizada, mas é ela quem efetua a venda de todo pescado e marisco que sustenta a família, além de comercializar outros produtos como roupas e cosméticos para ajudar na renda familiar. Esse é o contexto familiar de Gilberto. Apesar de ter sido criado por pais que nunca frequentaram a escola, o jovem concluiu seus estudos e hoje tem um papel de destaque na comunidade em que vive, seja pela dedicação ao Projeto Peixe-boi, seja pelo imenso esforço que tem feito como voluntário do projeto *Pescadores Online*, ou então, pelo reconhecimento por sua atuação nas ações que envolvem a comunidade. A seguir, apresentamos as práticas de letramento de Gilberto antes da chegada da *internet* na comunidade e da implantação do telecentro na vila. Vale destacar que Gilberto não era usuário propriamente dito de *internet* até ser convidado a compor a equipe de voluntários do *Projeto Pescadores Online*, seu primeiro e único contato com o computador se deu um pouco antes da chegada do Projeto na comunidade, no ano de 2010. Portanto, pode-se dizer que o participante foi efetivamente inserido em práticas de letramento digital (*internet*) somente após sua entrada no projeto de extensão.

Começaremos a apresentação dos nossos resultados através dos acervos de leitura de Gilberto em diversas esferas da vida cotidiana. De modo geral, pode-se dizer que seus acervos se mostraram notavelmente restritos e voltados para sua realidade socioeconômica e cultural, o que nos permite afirmar que são acervos centrados nas funções sociais locais de usos da escrita. A ausência de listas telefônicas na casa de Gilberto, por exemplo, justifica-se pelo fato de não haver serviço de telefonia fixa na comunidade. Em casa, são poucos os livros que possui; na comunidade em que vive, não há bancas de jornal e revistas; não há biblioteca (nem mesmo na escola); não existe serviço de *internet*. Os únicos meios de acesso à informação são a televisão e a rádio local. Conforme já mencionamos, a Barra de Mamanguape encontra-se há 30 quilômetros de distância da cidade mais próxima, Rio Tinto. Isso significa que, para se ter acesso a qualquer material impresso, seja ele veículo de notícia ou entretenimento, o morador dessa pequena comunidade precisa se deslocar 30 quilômetros em via de barro, na maioria das vezes através do ônibus rural que faz a

linha Barra – Rio Tinto, pagando o que para muitos é considerado um valor alto na passagem: R\$ 4,00 para ir e mais R\$ 4,00 reais para voltar. O total gasto em transporte para que o indivíduo tenha acesso a uma biblioteca ou até mesmo a uma banca de revistas é de R\$ 8,00 – esse é o preço mínimo que se paga pelo acesso à informação impressa (jornal, revista, livros) em Barra de Mamanguape (valor calculado considerando o empréstimo gratuito de livros, ou seja, se o sujeito optar por comprar um jornal ou revista, some aos R\$ 8,00 o valor do material adquirido, que atualmente custa em média entre R\$ 2,00 e R\$ 10,00, dependendo da revista, jornal ou livro escolhido).

Portanto, não é de causar estranhamento o fato de que a maioria das leituras que Gilberto faz é no local onde trabalha, já que é o único local da comunidade que oferece a oportunidade de se encontrar materiais de leitura. No Projeto Peixe-boi, o jovem costuma ler folhetos informativos sobre o universo dos mamíferos aquáticos – seu “objeto” de trabalho, entre outros documentos e materiais relativos ao cotidiano do Projeto. Além disso, Gilberto se interessa por leituras sobre o mundo da música, já que atua como vocalista de uma banda musical. Assim, procura ler letras de músicas nos catálogos que consegue através de amigos e gosta de copiá-las. Isso revela que as práticas de letramento de Gilberto são notavelmente limitadas, marcadas pela cultura tradicionalmente oral da comunidade em que vive. A análise revelou que as práticas de letramento de Gilberto são igualmente práticas de letramento local, situadas sócio histórica e culturalmente, o que nos permitiu dizer, no início de nossa pesquisa, que este estudo se voltava para a investigação de práticas de letramento local. Vejamos, então, através do mapeamento das práticas de letramento de Gilberto e do seu acervo de leitura, os resultados alcançados neste estudo.

4.1.1 Acervo no âmbito doméstico

Com relação ao acervo de leitura a que Gilberto tem acesso em casa, apresentamos no quadro abaixo os resultados obtidos no questionário 1:

Acervo de leitura de Gilberto no âmbito doméstico
(x) Álbuns de fotografia (x) Livros escolares (x) Dicionários (x) Folhinhas e calendário (x) Livros infantis () Livros de literatura () Bíblias ou livros religiosos () Enciclopédias () Folhetos ou livretos de movimentos sociais, de partidos políticos ou de grupos religiosos () Guia de ruas e serviços () Catálogos e listas telefônicas () Jornais e revistas () Livros de receitas () Livros técnicos ou especializados () Manuais de instrução () Outros _____

Quadro 08. Acervo de leitura no âmbito doméstico

Como podemos observar, o acervo de leitura do participante na esfera do lar (livros infantis, dicionários, álbuns de fotografias, livros escolares, folhinhas) está estritamente associado ao perfil socioeconômico de sua família, bem como às funções que a escrita exerce nas práticas sociais em que seus membros estão envolvidos. Observamos que o acervo de leitura do participante é local na medida em que é configurado por condições e motivações sociais, econômicas e geográficas, específicas desta comunidade rural, que por sua vez, caracteriza-se como sendo de tradição fortemente oral. Assim, é correto afirmar que a superposição do letramento local em detrimento dos letramentos dominantes é perceptível através do acervo de leitura do participante na esfera doméstica e em todas as esferas analisadas, como vamos demonstrar ao longo deste capítulo.

Vejamos detalhadamente de que modo o acervo de Gilberto está associado aos fatores acima mencionados. Os guias de ruas e serviços – essenciais na vida urbana - não representam nenhuma utilidade para a família de Gilberto, já que eles raramente viajam para a cidade. A comunidade da Barra de Mamanguape é formada basicamente por três ruas: a “primeira”, a “do meio” e a “terceira rua”, como são conhecidas entre os moradores. A rua principal é chamada de “rodagem” (já que é a estrada principal que dá acesso à comunidade). Com relação aos serviços, há somente um mercadinho, um restaurante e uma pousada na comunidade, o que justificaria a ausência de um guia

para tal. Como se percebe, esse tipo de material, embora seja bastante útil para quem transita pelos centros urbanos, não se revelou importante e não tem relevância contextual na vida de Gilberto e de sua família, por isso, não foi encontrado em seu acervo doméstico. Com relação aos livros técnicos e especializados e aos manuais de instrução, estes também não são comuns na casa de Gilberto, tendo em vista a pouco frequente aquisição de aparelhos e equipamentos novos. Com relação aos livros, percebe-se que não há enciclopédias ou livros de literatura na casa do participante, apenas material escolar básico e dicionário. A falta de acesso às bancas de jornal e revistas e bibliotecas ou espaços de leitura na comunidade contribuí para que esse tipo de material não circule na comunidade, tampouco na residência de Gilberto. Ainda, com relação ao acesso às notícias e à informação, pode-se dizer que o acervo do jovem é reduzido às notícias veiculadas pelas rádios locais e pela televisão. O que mais atrai a atenção do jovem na televisão são as novelas, os filmes, os desenhos, programas de humor, esportes e jornais. Já com relação ao rádio, Gilberto gosta de ouvir músicas e notícias, conforme mostra o trecho reproduzido a seguir:

10. Você costuma ouvir músicas em casa? ☒ sim ☐ não Que tipo de música você costuma ouvir? FORRÓ, BREGA, SERESTA, MPB, RAP, ETC.

11. Você ouve o rádio? O que costuma ouvir? SIM
NOTÍCIAS, MÚSICAS, NA BORREIO DO VALE, NA MIX

12. Você assiste TV em casa? O que costuma assistir? SIM - NOVELA, FILMES, ESPORTES, JORNAIS, DESENHO E PROGRAMAS HUMORÍSTICOS

4.1.2 Práticas de letramento no âmbito doméstico

Com relação às práticas de letramento de Gilberto na esfera do lar, pode-se dizer que se os acervos são locais, as práticas de leitura e escrita também são, conforme mostra o trecho abaixo extraído do questionário respondido pelo participante:

2.) Que tipo de leitura você normalmente faz em casa? DOCUMENTOS, NOME DE FILMES EM DVD

Quando questionado se costuma ler *para* ou *com* alguém em casa, o participante responde negativamente (não costuma ler com o filho, por exemplo). A resposta é outra quando questionado se costuma escrever para alguém em casa; nesse caso Gilberto responde que *sim*. Ele diz que costuma fazer anotações de nomes de pessoas para a mãe que vende produtos como roupas e

cosméticos. Abaixo, reproduzimos o trecho extraído do questionário.

7. Você costuma escrever por alguém em sua casa? ☒ sim ☐ não O quê? NOMES
DE PESSOAS SÃO ANOTAÇÕES E Para quê? MINHA MÃE VENDER
PRODUTOS (ROUPAS E COSMÉTICOS)

Com relação às práticas de letramento digital, o participante não tem acesso à *internet*, mas já é usuário das novas TIC. Em casa costuma utilizar o celular para fazer ligações, enviar mensagens, ouvir música, tirar fotos e fazer vídeos, como mostra o trecho abaixo:

9. Com relação ao uso do celular, além de ligações, para quê você usa seu celular?

2) PARA ENVIAR MENSAGENS, OUVIR MÚSICA - TIRAR FOTOS
FAZER VÍDEOS

No que diz respeito ao uso das novas TIC, inclusive, o primeiro contato de Gilberto com a tecnologia foi através do celular que ganhou de presente de aniversário de seu pai aos 18 anos. Relata que se sentiu orgulhoso, “afinal não era todo jovem da minha idade que possuía um telefone celular”. Com o tempo, adquiriu outros aparelhos e hoje os utiliza sem nenhuma dificuldade. Além de ligações para amigos e familiares, usa o aparelho para gravar e ouvir músicas, fotografar e enviar mensagens. O primeiro contato com o computador se deu no ano passado (2010), através da namorada e o participante conta que hoje quer um computador. Reproduzimos o trecho em que Gilberto expressa esse desejo e conta como se sentiu a primeira vez que usou um computador¹³:

¹³ “Hoje quero um computador. Não porque está na moda, mas pela facilidade de comunicação e pesquisa. Meu primeiro contato com o computador fiquei um pouco assustado, não sabia mexer em nada, mas estava muito curioso, sentei na frente do computador, coração disparado, era como ter feito algo de errado e ter sido descoberto, essa era minha sensação no momento”.

NÃO FOI QUE TÁ NA MODA, MAIS POR
FACILIDADE DE COMUNICAÇÃO E PESQUISA
MEU PRIMEIRO CONTATO COM COMPUTADOR
FOI EM UM PONTO ASSUETADO, NÃO SABIA
LIXAR UMA NADA, MAIS ESTAVA MUITO
CURIOSO, SENTEI NA FRENTE DO
COMPUTADOR, PORQUE DESLIGADO,
ERA COMO TER FEITO ALGO DO URGENTE
E SE SÓ DISCURSIVO, ESSA ERA
A MINHA SENSACÃO NO MOMENTO,

Aos poucos, ele foi conhecendo melhor a máquina e a *internet* e conta que gosta de assistir vídeos, saber das notícias do Brasil e do mundo, além de fazer pesquisas na *internet*. Ele se interessa por *sites* de música, técnica vocal e gosta de saber quem e quais músicas estão “bombando” na rede, como mostra o trecho reproduzido abaixo¹⁴:

ACHO QUE O COMPUTADOR É A
SUPERACÃO DO HOMEM EM TERMOS DE
TECNOLOGIA, VOCÊ PODE FAZER QUASE

¹⁴ “Acho que o computador é a superação do homem em termos de tecnologia, você pode fazer quase tudo através dele, gosto muito de pesquisar os sites de músicas e saber quem e qual música tá bombando, ver vídeos de técnica vocal, é tudo muito fácil e rápido, desde que a banda larga seja de qualidade, até tenho meu próprio gmail”.

TUDO MELHOR DELE, GOSTO MUITO DE
PESQUISAR OS SITES DE MÚSICAS,
SABER QUEM É QUAL MÚSICA TÁ
BOBANDO, VER VÍDEOS DE TÉCNICA VOCAL,
É TUDO MUITO FÁCIL E RÁPIDO DESDE
QUE A BANDA LARGA SEJA DE
QUALIDADE, ATÉ TENHO MEU PRÓPRIO
GMAIL!

4.1.3 Acervo no âmbito de socialização e convivência

Quando Gilberto foi questionado se gostava de ler de modo geral, ele afirmou que sim. Disse que as leituras que faz normalmente são de letras de música – tema fortemente marcado para Gilberto – além de gostar de ler figuras de bombons e placas informativas. Novamente observamos que a falta de acesso a materiais diversificados de leitura limitam as práticas de letramento do participante e as caracterizam como tipicamente locais. Não há em seu espaço de socialização e convivência bibliotecas, acesso aos jornais e revistas impressos, tampouco são frequentes as práticas de leitura. Quando questionado sobre o acesso aos jornais, revistas e livros nessa esfera, todas as respostas foram negativas, como mostra o trecho abaixo:

13. Em sua comunidade, você tem acesso a jornais? ☐ sim ☒ não Onde? _____
14. Em sua comunidade, você tem acesso a livros? ☐ sim ☒ não Onde? _____
15. Em sua comunidade, você tem acesso a revistas? ☐ sim ☒ não Onde? _____

4.1.4 Práticas de letramento no âmbito de socialização e convivência

Devido ao limitado acervo de leitura do participante nesta e em todas as esferas analisadas,

suas práticas de letramento são consequentemente reduzidas às práticas locais. Assim, a escrita não possui lugar privilegiado entre as práticas de socialização e convivência do nosso participante, fato já explicado pela tradição fortemente oral de sua comunidade e pela falta de acesso aos meios de comunicação impressos e bens culturais. Quando questionado sobre as práticas de escrita em seu dia a dia na comunidade, Gilberto respondeu que tais práticas se limitam ao envio de torpedos. Com relação às práticas de leitura, o mesmo foi constatado: as práticas são normalmente leitura de torpedos e placas de informação. Os trechos abaixo confirmam esse resultado:

16. Em seu convívio social, há práticas de leitura? Quais?
SIM, TORPEDOS, EMAIL, PLACAS

17. Em seu convívio social, há práticas de escrita? Quais?
SIM, TORPEDO

4.1.5 Acervo no âmbito de formação escolar

Conforme já mencionamos, Gilberto frequentou a escola até o final do Ensino Médio. O acervo de leitura ao qual o estudante tinha acesso era, conforme demonstraremos a seguir, restrito às exigências das disciplinas escolares, ou seja, muito pouco diversificado e limitado ao livro didático. Abaixo destacamos os materiais que compõem o acervo de Gilberto no âmbito de formação, segundo dados do questionário:

Acervo de leitura de Gilberto no âmbito de formação escolar
☒ Livros didáticos ☐ Livros de literatura ☒ Dicionários ☒ Notas, esquemas textos ou exercícios no caderno ☐ Ensaaios, artigos ou livros teóricos ☐ Jornais ☐ Revistas ☐ Enciclopédias ☐ Apostilas ☒ Textos ou exercícios em folhas avulsas ☐ Outros _____

Quadro 09. Acervo de leitura no âmbito de formação escolar

4.1.6 Práticas de letramento no âmbito de formação escolar

Pelos dados apresentados no questionário de Gilberto, podemos afirmar que o jovem estudou numa escola tipicamente tradicional, em que provavelmente o ensino de língua materna era voltado para metalinguagem, sendo o letramento como prática social pouco ou quase nada levado em consideração. Podemos observar isso claramente através dos dados que apresentamos abaixo sobre as práticas de letramento de Gilberto no âmbito escolar:

Práticas de letramento de Gilberto na esfera de formação escolar
☒ Trabalhos em grupo ☒ Exercícios escritos ☒ Leitura de textos ☒ Produção de textos ou redações ☐ Debates e discussões em grupos ☒ Seminários ☐ Jogos ou dramatizações com finalidade de estudo ☒ Provas ☒ Leitura em voz alta ☒ Leitura silenciosa e interpretação de textos ☐ Reescrita de textos próprios

Quadro 10. Práticas de letramento na esfera de formação escolar

Esses dados revelam que, dentre as práticas de letramento desenvolvidas pelo participante em sala de aula, não eram contemplados debates e discussões, jogos ou dramatizações com finalidade de estudo, reescrita de textos próprios, ou seja, os três itens que mais indicariam um ensino voltado para a epilinguagem não costumavam ser contemplados no âmbito de formação de Gilberto.

4.1.7 Práticas de letramento em ambiente virtual

Conforme mencionamos anteriormente, o primeiro contato do participante com o computador ocorreu em 2010, um pouco antes da chegada do Projeto *Pescadores Online* na comunidade. Segundo Gilberto, a experiência causou nervosismo pela novidade. A seguir, apresentamos as atividades que Gilberto normalmente exerce no computador, quando ele tem acesso.

Práticas de letramento digital de Gilberto em ambiente virtual
☐ Escrever relatórios e outros textos ☐ Fazer trabalhos escolares/ acadêmicos ☐ Organizar tarefas domésticas ☐ Digitar dados ou informações ☐ Elaborar planilhas e montar bancos de dados ☒ Consultar e pesquisar ☐ Fazer cursos à distância ☐ Pagar contas e movimentar contas bancárias ☒ Enviar e receber <i>e-mails</i> ☒ Comprar pela <i>internet</i> ☒ Jogar ou desenhar ☒ Navegar por diversos <i>sites</i> ☐ Copiar ou baixar músicas em CD ou arquivo eletrônico ☐ Acessar redes de relacionamento ☐ Outros _____

Quadro 11. Práticas de letramento em ambiente virtual

Gilberto deixa uma observação em seu questionário informando que não acessa mais a rede porque não tem mais acesso à *internet*. Como podemos observar, as práticas de letramento digital que envolvem o uso da *internet* são quase inexistentes na vida de Gilberto, principalmente devido à falta de acesso à rede mundial de computadores. Quando o jovem tinha acesso, suas práticas se restringiam ao uso básico da *net* para pesquisa, uso de correio eletrônico e entretenimento. Quando questionado sobre o que normalmente lia na *web*, Gilberto respondeu: *e-mails*, propagandas e letras de músicas. Com relação à escrita no ambiente virtual, Gilberto alega que utilizava a rede apenas para escrever *e-mails*. Com relação aos *sites* mais acessados, o participante cita o www.youtube.com, www.vagalume.com.br, *sites* sobre pesca e técnica vocal, ou seja, assuntos voltados para temas de seu interesse e cotidiano.

4.1.8 Acervo no âmbito do 1º Curso de Formação e Capacitação de monitores

O acervo de leitura de Gilberto foi substancialmente ampliado através do curso de formação de monitores, conforme demonstraremos. Considerando as dificuldades que o jovem enfrentava para ter acesso a textos escritos até então, as práticas de leitura do participante se resumiam à leitura de informativos sobre o Peixe-boi e às letras de música que ele tinha acesso através dos catálogos dos CDs. Com relação às práticas de escrita, Gilberto também quase não escrevia nas suas

atividades cotidianas. Mas a partir do curso de formação de monitores, esse cenário começa a se modificar. A oferta de textos, a promoção de diálogos e debates nas aulas, a elaboração de projetos e apresentações são apenas alguns aspectos que indicam as transformações que estavam para ocorrer nas práticas de letramento e nos acervos de leitura de Gilberto. Com relação ao acervo de leitura constituído no âmbito do curso, os seguintes temas foram abordados através de textos disponibilizados gratuitamente aos alunos: cidadania, inclusão digital, inclusão social, Sociedade da Informação, letramento e letramento digital, agentes de letramento digital, projetos de letramento, Plano Nacional de Banda Larga e guias de telecentros comunitários rurais. Isso demonstra o quão amplo o universo de leitura dos participantes do curso começava a se tornar. A partir da leitura desses textos, reflexões e debates surgiram, propiciando a participação efetiva dos integrantes na construção do conhecimento e, sobretudo, ampliando suas práticas de letramento. Com relação a esse começo, ou seja, à fase de formação – Gilberto relata que as leituras realizadas no âmbito do curso contribuíram para sua formação, no sentido de aumentar o seu conhecimento sobre o assunto de modo geral e também na sua capacitação para ser um bom agente de letramento digital. Com relação às práticas de escrita motivadas pelo curso, o participante afirma que a experiência de escrever os relatos reflexivos o ensinou que é importante parar e refletir sobre todas as nossas ações e momentos de nossa vida. Para ele, o fato de colocar tais reflexões no papel se tornou uma atividade importante, tal como mostra o fragmento abaixo, extraído do questionário¹⁵:

5. Com relação à prática escrita, qual o desafio em relação à produção dos relatos

reflexivos? Você aprendeu algo com essa prática? O que?

Aprendi que é importante pensar e refletir sobre todas as ações e momentos de nossa vida, também é importante colocar tudo isso no papel.

Quando questionado sobre o que seriam projetos de letramento digital, Gilberto respondeu que são projetos que envolvem a criação de *blogs*, revistas digitais e a divulgação de projetos pessoais e da comunidade. Ele coloca que uma das contribuições desse tipo de projeto para o desenvolvimento pessoal e da comunidade como um todo é proporcionar conhecimento, informação e comunicação.

¹⁵ “Aprendi que é importante pensar e refletir sobre todas as ações e momentos de nossa vida, também é importante colocar tudo isso no papel.”

Os dados até aqui apresentados nos permitiram concluir que Gilberto compreendeu as funções sociais do agente de letramento digital e demonstraram que o curso de formação de monitores foi fundamental não somente para a apreensão de conceitos, como também para a ampliação das práticas e eventos de letramento dos quais Gilberto toma parte.

4.1.9 Práticas no âmbito do 1º Curso de Formação e Capacitação de monitores

Com relação às práticas de letramento em si, podemos afirmar que o curso de formação de monitores ampliou significativamente as práticas de leitura e de escrita do participante, como podemos constatar nos dados revelados sobre Gilberto. Durante o curso, os alunos não somente tiveram acesso substancial a um número expressivo de textos, como também elaboraram projetos de letramento digital, que por sua vez foram apresentados através de seminários durante as aulas (ver TOMO II – Material utilizado no curso de formação de monitores). A seguir, detalhamos as atividades realizadas por Gilberto durante o curso, demonstrando a ampliação de práticas letradas.

Práticas de letramento de Gilberto no âmbito do curso de formação de monitores
☐ Leitura silenciosa ☒ Leitura coletiva em voz alta ☒ Trabalhos em grupos ☒ Jogos ou dramatizações ☒ Discussão e elaboração de regras para o telecentro ☒ Elaboração de projetos para a comunidade visando o uso da leitura e da escrita em ambiente virtual ☐ Provas ☒ Questionários ☒ Debates ☒ Produção de textos ☒ Exercícios escritos ☒ Leitura de documentos e ofícios do telecentro, manuais sobre telecentro e PNBL

Quadro 12. Práticas de letramento no âmbito do curso de formação de monitores

4.1.10 Síntese Parcial

Diante do exposto, responderemos agora a seguinte questão de pesquisa:

Quais as práticas de letramento e acervos de leitura do participante antes da chegada da *internet* e da implantação do telecentro comunitário na vila?

A partir da análise dos dados apresentados, podemos afirmar que as práticas de letramento do participante antes da chegada da *internet* e do telecentro na comunidade eram limitadas pela falta de acesso aos meios de comunicação e informação, principalmente impressos, observada na comunidade de Barra de Mamanguape, o que justifica a tradição predominantemente oral entre seus habitantes. Desse modo, são pouco frequentes as práticas em que a escrita se faz presente na vida de Gilberto, fato que determina o predomínio de práticas de letramento local em detrimento das práticas de letramento dominantes. Na esfera do lar, o participante raramente desenvolve práticas letradas (às vezes anota algo para sua mãe), e com relação à leitura, afirma que só o faz quando precisa ler algum documento. No âmbito de socialização e convivência, como pudemos observar, as práticas também são limitadas: Gilberto normalmente envia e recebe torpedos e, às vezes, escreve e-mails. No âmbito de formação escolar, Gilberto completou os estudos e hoje não se encontra na escola; mas através do mapeamento, constatamos que o participante teve uma educação tradicional, em que o ensino de língua materna ainda se aproximava mais ao conceito de letramento autônomo do que ideológico, sendo as discussões e os debates praticamente ausentes durante as aulas. Com relação às práticas de letramento digital, além de pouco frequentes, associam-se, basicamente, às seguintes atividades: envio e recebimento de torpedos e *e-mails*, jogos *online*, consultas, pesquisas e compras *online*. Além disso, Gilberto teve pouco acesso à rede, já que deixa claro no questionário, que deixou de navegar na *internet* por falta de acesso. A partir do curso de formação de monitores, o participante passa a desenvolver, gradativamente, práticas de letramento mais frequentes. Além da leitura de textos relativos à inclusão e letramento digital, Gilberto começa a frequentar espaços em que a escrita se faz necessária, ampliando e aumentando a frequência dessas práticas. Conforme os dados revelam, durante o curso, o participante realizou diversos trabalhos em grupos, participou de debates e discussões, elaborou projetos, produziu textos, leu documentos e manuais sobre telecentros, enfim, começou a desenvolver cada vez mais práticas letradas em seu ambiente de trabalho e na vida cotidiana como um todo. Desse modo, consideramos respondida a questão inicial que motivou esta etapa da investigação. Passaremos agora para a segunda fase da análise, que diz respeito ao período posterior à chegada do telecentro na comunidade.

4.2 Práticas contrastadas: fase de formação x fase de ação

Nesta sessão, apresentamos os resultados da análise dos dados relativos às práticas de letramento digital do participante, contrastando-as com as práticas registradas na fase de formação. Antes de iniciarmos, consideramos necessário situar o contexto de produção do questionário

utilizado nesta fase.¹⁶

	Lugar de produção	Momento de produção	Emissor	Receptor
MUNDO FÍSICO	Residência do aluno	Três meses após o curso de formação de monitores	Voluntários do telecentro comunitário	Pesquisadora do projeto de extensão
	Lugar social da produção	Objetivo - propósito comunicativo	Papel social do enunciador	Papel social do destinatário
MUNDO SÓCIOSUBJETIVO	Telecentro Comunitário <i>Pescadores Online</i>	Responder um questionário sobre práticas de letramento digital no âmbito do telecentro e dos espaços de socialização e convivência	Monitor do telecentro comunitário	Gestora do Telecentro Comunitário e pesquisadora (UFPB)

Quadro 13. Condições de produção do questionário 2 (fase de ação)

Como é possível observar no quadro 14, o questionário relativo à fase de ação da pesquisa foi respondido na casa do participante após três meses de sua atuação como monitor no telecentro, ou seja, durante o mês de outubro de 2011. É válido destacar que nesta fase o questionário foi respondido *online*, a partir do computador pessoal de Gilberto, o que se mostrou relevante do ponto de vista da nossa investigação, afinal, até pouco tempo, o jovem nem sonhava com essa possibilidade. Gilberto adquiriu seu primeiro computador em meados do mês de julho de 2011, um investimento possibilitado pelo recebimento do Seguro Defeso, benefício concedido aos pescadores entre os meses de proibição da pesca da lagosta.

A seguir, apresentamos os resultados do levantamento das práticas de letramento digital do participante nos âmbitos do telecentro comunitário e dos espaços de socialização e convivência.

4.2.1 Práticas de letramento digital no âmbito do telecentro comunitário

Os dados coletados nesta fase revelaram uma ampliação significativa das práticas de letramento digital do participante, confirmada através da informação prestada por Gilberto quando

¹⁶ O questionário utilizado nesta etapa não é exatamente igual ao utilizado na etapa anterior, pois no primeiro caso não existia telecentro, tampouco *internet* na comunidade. Como nosso objetivo é investigar o impacto das novas TIC nas práticas de leitura e de escrita do participante, julgamos conveniente focar apenas as práticas de letramento digital nesta segunda etapa.

questionado sobre a frequência com a qual ele acessa a rede – diariamente. Com relação às atividades desenvolvidas no telecentro, o quadro abaixo sintetiza as respostas do participante:

Práticas de letramento no âmbito do telecentro comunitário
(x) Escrever relatórios e preencher formulários (x) Organizar tarefas do telecentro (gerenciar arquivos, por exemplo) (x) Enviar e receber e-mails (x) Elaborar e preencher planilhas (x) Montar banco de dados (x) Pesquisar (x) Fazer curso à distância (x) Acessar redes de relacionamento () Entrar em sites de bate-papo (x) Utilizar MSN, Skype e outros meios de comunicação em tempo real () Participar de fóruns (x) Editar e gerenciar arquivos de vídeo (x) Editar e gerenciar arquivos de imagem (x) Postar vídeos (x) Postar no blog do projeto “Pescadores Online” (x) Participação na elaboração de aulas para os cursos do telecentro (x) Twitar pelo projeto de extensão (x) Ler outros blogs. Especifique: _____ (x) Pesquisar editais () Escrever projetos (x) Copiar ou baixar arquivos eletrônicos (x) Auxiliar outros usuários a utilizarem a máquina e acessar a internet (x) Outras. Especifique: <u>ouço músicas</u>.

Quadro 14. Práticas de letramento digital no âmbito do telecentro comunitário

As práticas de letramento digital de Gilberto nesta fase se mostraram bastante amplas em comparação com a fase anterior. Devido ao lugar social que ocupo nesta fase (gestora do telecentro), pude confirmar no dia a dia do telecentro as respostas fornecidas pelo participante. Além de elaborar relatórios e preencher formulários, Gilberto, assim como os outros monitores, tem a responsabilidade de organizar as tarefas do telecentro, tal como gerenciar arquivos, enviar e

receber e-mails, preencher planilhas, montar banco de dados, pesquisar, fazer curso à distância, acessar redes sociais do projeto de extensão, editar e gerenciar arquivos audiovisuais, postá-los, participar do planejamento das aulas, procurar editais de interesse do telecentro e da comunidade, e prestar apoio aos usuários do telecentro.

No que diz respeito ao uso da suíte de escritório, por exemplo (Microsoft Office para o Windows e BOffice para Linux), podemos citar a familiaridade do monitor com o processador de textos e de planilhas, já que os mesmos são utilizados para preenchimento de formulários de inscrição e cadastramento de usuários do telecentro, por exemplo. Com relação à edição de arquivos audiovisuais, o programa normalmente utilizado nos computadores do telecentro e, portanto, utilizado por Gilberto, é o VideoMaker, da Microsoft. Com este programa, o participante editou um vídeo com imagens antigas da comunidade, exibido durante a comemoração da chegada da *internet* em Barra de Mamanguape, em agosto de 2011.

No tocante aos cursos à distância, o participante tem sido estimulado a frequentar as aulas de capacitação para uso de *software* livre, ministrado pelo “Projeto Edux”, em parceria com o projeto “Pescadores Online”. Vale lembrar que o curso de capacitação para uso de *software* livre é semipresencial e compõe o último módulo do curso de formação de monitores.

As redes sociais do telecentro também são alimentadas pelos monitores, sendo cada um responsável por uma rede social diferente. Gilberto é responsável pelo perfil do telecentro no Twitter. Através dessa ferramenta, ele tem divulgado as ações do projeto de extensão, além de pesquisar e buscar editais de interesse da comunidade e do telecentro.

Quando foi questionado sobre o manuseio dos aparelhos eletrônicos do telecentro, Gilberto cita o uso das seguintes máquinas: p.c, máquina fotográfica, data show e impressora multifuncional, o que também está coerente com suas atividades gerais de monitoria, a saber: registros de imagens do dia a dia dos pescadores e da comunidade com vistas ao resgate da cultura local, organização e exibição de sessões de vídeo (cinema) para os moradores e usuários do telecentro com o uso de data show, além dos serviços de impressão, digitalização de documentos e cópias para usuários (ver Anexo D). Ainda, vale mencionar que, ao ser questionado sobre possíveis dificuldades no manuseio desses equipamentos, Gilberto relata que ainda tem dificuldades com a impressora e com o data show. Com relação às práticas de escrita em ambiente virtual, perguntamos se o participante apresentava alguma dificuldade. Gilberto afirma que suas maiores dificuldades são com relação à ortografia e uso de acentos, compreensível do ponto de vista das poucas práticas letradas que

envolviam a vida do participante antes da chegada do telecentro.

4.2.2 Práticas de letramento digital no âmbito de socialização e convivência

Conforme demonstramos no capítulo 3 (quadro 05), as questões que compõem esta seção no questionário utilizado nesta fase são, em sua maioria, subjetivas. O participante foi questionado sobre redes sociais, *sites* mais acessados e uso da *internet* para entretenimento em geral.

Nossos dados revelaram que Gilberto utiliza a rede para comunicar-se com amigos, acessar redes sociais como Facebook e Orkut, assistir vídeos, jogar, acompanhar noticiários como, por exemplo, “Bom dia Paraíba”, citado pelo participante, além de baixar músicas e outros arquivos eletrônicos. Como se percebe, as atividades que Gilberto desenvolve através da *internet* em seus momentos de lazer são variadas e demonstram que o participante está, aos poucos, se inserindo neste novo ambiente virtual que é a rede mundial de computadores (Ver Anexo D).

Vale ressaltar que, durante a fase de ação dos monitores no telecentro, solicitei que fizessem um registro das atividades realizadas *online* no período de uma semana (17/11/11 até 23/11/11). Com isso, busquei fazer um breve levantamento das práticas de letramento digital dos telecentristas durante seus expedientes no telecentro comunitário. Tais dados não compõem o *corpus* oficial desta pesquisa, entretanto serviram de suporte para nossa análise, principalmente no que diz respeito à fase de ação, já que confirmam alguns dos dados apresentados no quadro 15, são eles: pesquisas relacionadas à criação de fundações e Ongs, acesso ao *site* do governo da Paraíba, acesso ao *blog* “Tribuna do Litoral” (jornal virtual do Vale do Mamanguape), acesso às redes sociais do telecentro (*Twitter*, *blog* “Pescadores Online”), acesso à conta de *e-mail* (*Gmail*), consulta ao *site* do DETRAN da Paraíba para usuário do telecentro, consulta ao *site* do SERPRO, “Políticas PB”, pesquisas sobre oficinas de inclusão digital e sobre o PAC (Processo de Aceleração do Crescimento), jornal de notícias, entre outros sites de relacionamento e interesse pessoal. É importante perceber que as práticas de letramento digital do participante também são práticas de letramento local, uma vez que se voltam para assuntos de interesse da comunidade, do projeto de extensão, do telecentro comunitário, ou seja, de seu universo sócio - cultural. Os dados referentes ao registro de acessos do participante estão no TOMO II (Dados complementares ao *corpus*) deste trabalho.

Concluída a análise das práticas de letramento digital do participante nas duas fases investigadas, sintetizamos a seguir os resultados obtidos através do contraste dessas práticas nesses

dois momentos, demonstrando de que maneira as práticas de letramento digital foram ampliadas durante e após o curso de formação de monitores e do projeto de extensão.

4.2.3 Práticas de letramento digital contrastadas: fase de formação x fase de ação

Conforme demonstramos ao longo deste capítulo, na primeira etapa da pesquisa as práticas de letramento digital de Gilberto eram bastante limitadas, sendo que antes do projeto de extensão tais práticas estavam centradas no uso do aparelho celular. Assim, das práticas de letramento digital que apresentamos no questionário 1, o participante assinalou apenas cinco atividades como sendo práticas que ele exerce. Quando comparamos os dados do 1º questionário com os dados do 2º questionário, observamos um aumento significativo nas práticas de letramento digital do jovem monitor na segunda fase: 20 alternativas assinaladas. Isso demonstra que o acesso à *internet* e às novas TIC ampliou consideravelmente as práticas de letramento do participante durante a fase de ação no telecentro comunitário.

Desse modo, podemos afirmar que os dados que apresentaremos a seguir são indicadores de uma mudança significativa nas práticas de letramento digital do participante ao longo do processo de formação e implantação do telecentro na vila. É óbvio que o acesso à *internet*, agora garantido pelo Projeto *Pescadores Online*, por si só motivaria a ampliação das práticas de letramento digital do participante com relação ao período observado anteriormente. Entretanto, nossa análise revelou que o processo de inclusão digital de Gilberto está associado aos aspectos teórico-pedagógicos bem definidos dentro do curso de formação de monitores (ver Apêndice E). Ainda, citamos brevemente o *blog Pescadores Online* como a grande vitrine dessa mudança significativa observada nas práticas de letramento dos monitores. Ao funcionar como uma espécie de jornal virtual sobre a comunidade e o projeto de extensão, o *blog* tem incentivado o desenvolvimento dessas novas práticas de letramento digital e tem sido a ferramenta que dá voz e vez aos participantes. (Conferir excerto extraído do *blog* no TOMO II).

Sintetizamos no quadro a seguir os resultados alcançados através da comparação das práticas de letramento digital do participante nas duas fases investigadas.

Práticas de letramento digital de Gilberto na fase de formação	Práticas de letramento digital de Gilberto na fase de ação
☐ Escrever relatórios e outros textos ☐ Fazer trabalhos escolares/ acadêmicos ☐ Organizar tarefas domésticas ☐ Digitar dados ou informações ☐ Elaborar planilhas e montar bancos de dados ☒ Consultar e pesquisar ☐ Fazer cursos à distância ☐ Pagar contas e movimentar contas bancárias ☒ Enviar e receber <i>e-mails</i> ☒ Comprar pela <i>internet</i> ☒ Jogar ou desenhar ☒ Navegar por diversos <i>sites</i> ☐ Copiar ou baixar músicas em CD ou arquivo eletrônico ☐ Acessar redes de relacionamento ☐ Outros _____	☒ Escrever relatórios e preencher formulários ☒ Organizar tarefas do telecentro (gerenciar arquivos, por exemplo) ☒ Enviar e receber e-mails ☒ Elaborar e preencher planilhas ☒ Montar banco de dados ☒ Pesquisar ☒ Fazer cursos à distância ☒ Acessar redes de relacionamento ☐ Entrar em <i>sites</i> de bate-papo ☒ Utilizar MSN, skype e outros meio de comunicação em tempo real ☐ Participar de fóruns ☒ Editar e gerenciar arquivos de vídeos ☒ Editar e gerenciar arquivos de imagens ☒ Postar vídeos e imagens ☒ Postar no <i>blog</i> do Projeto Pescadores Online ☒ Participação na elaboração de aulas para os cursos do telecentro ☒ Twitar pelo Projeto ☒ Ler outros <i>blogs</i> . Especifique: Trezentos ☒ Pesquisar editais ☐ Escrever projetos ☒ Copiar ou baixar arquivos eletrônicos ☒ Auxiliar outros usuários a utilizarem a máquina e acessar a <i>internet</i> ☒ Outras. Especifique: _ouço musicas

Quadro 15. Práticas de letramento digital comparadas: fase de formação x fase de ação

Como pode ser constatado, as práticas de letramento digital do participante na segunda fase da pesquisa aparecem significativamente ampliadas, o que significa que nossos objetivos foram atingidos, principalmente no que concerne à formação e à capacitação dos monitores do telecentro comunitário de Barra de Mamanguape. Isso posto, passamos para a síntese parcial desta fase da investigação.

4.2.4 Síntese parcial

A fim de concluirmos este capítulo, apresentamos a síntese parcial desta segunda etapa da

investigação, de acordo com a questão de pesquisa que nos orientou nesta fase, a saber:

Quais as práticas de letramento do participante depois da chegada da *internet* na comunidade? Como as práticas se (re) configuram ao longo do projeto de extensão?

Conforme demonstramos ao longo da nossa análise, as práticas de letramento do participante antes da chegada da *internet* na comunidade eram pouco frequentes, devido, principalmente, ao limitado acesso da comunidade à leitura, bem como à pouca necessidade de uso da língua escrita nas práticas sociais de Gilberto. Assim, podemos afirmar que as práticas de letramento do participante são locais, isto é, situadas de acordo com sua realidade sociocultural. Com relação às práticas de letramento digital, identificamos que elas também eram pouco frequentes e estavam basicamente associadas ao uso do aparelho celular. Essa realidade pode ser explicada pelo restrito acesso do participante às novas TIC, bem como a ausência do sinal de *internet* na comunidade, o que, obviamente, o impedia de desenvolver práticas letradas em ambiente virtual.

Ao longo do projeto de extensão, observamos uma ampliação significativa das práticas de letramento do participante em ambiente virtual. Conforme os dados revelam, a partir da implantação do telecentro comunitário, as atividades desenvolvidas no computador passaram a ser frequentes e diversificadas na vida de Gilberto. Além de realizar as tarefas diárias da monitoria, tais como elaboração de planilhas, banco de dados e relatórios, envio e recebimento de *e-mails*, o jovem passa a utilizar a rede também para atender a objetivos pessoais como, por exemplo, manter-se informado das notícias do mundo, pesquisar sobre assuntos de seu interesse, utilizar as redes sociais para interagir com outras pessoas, estudar, ouvir músicas, etc. Dessa maneira, concluímos que as práticas de leitura e de escrita de Gilberto aparecem completamente reconfiguradas na fase de ação da pesquisa, já que nesta etapa o participante não somente tem acesso a um acervo muito maior de leitura, garantido através da *internet*, como também participa de eventos em que são comuns as práticas letradas como, por exemplo, as atividades desenvolvidas no âmbito do telecentro e do projeto de extensão.

Concluída nossa análise sobre as práticas de letramento de Gilberto, passamos agora para a apresentação e discussão dos resultados sobre as avaliações nos relatos reflexivos.

CAPÍTULO 5 – AS MODALIZAÇÕES INSCRITAS NOS RELATOS REFLEXIVOS: *HOJE NÃO SOU MAIS O MESMO, ISSO EU TENHO CERTEZA*

Neste capítulo, apresentamos a análise das modalizações identificadas nos relatos reflexivos do participante tanto na fase inicial, quanto na etapa final da pesquisa, contrastando os resultados obtidos nesses dois momentos, ou seja, no início, e posteriormente à chegada da *internet* e da implantação do telecentro comunitário em Barra de Mamanguape. Com isso, buscamos investigar o olhar avaliativo do participante acerca do projeto de extensão e dos elementos a ele relacionados. Retomamos brevemente nossa questão de pesquisa, a saber:

Quais tipos de modalização ocorrem nos relatos reflexivos do participante e quais elementos do conteúdo temático estão sendo avaliados? De que maneira essas avaliações se (re)configuram ao longo do projeto de extensão?

Vale ressaltar que os dados analisados ao longo deste capítulo foram associados aos resultados apresentados no capítulo anterior. Desse modo, buscamos estabelecer uma relação entre o contexto sócio histórico e cultural do participante, suas práticas de letramento e o modo como ele avalia essas instâncias. Assim, alinhamos as duas linhas de investigação desta pesquisa, ou seja, os postulados dos Estudos de Letramento e as correntes teóricas do ISD.

A fim de melhor situarmos o leitor, apresentamos, inicialmente, o contexto de produção de todos os textos que compõem o *corpus* desta investigação, delineados de acordo com o quadro teórico proposto pelo ISD (BRONCKART, 2006), a saber, o contexto de produção dos relatos na fase inicial da pesquisa (etapa do curso de formação dos monitores) e o contexto de produção do relato na fase final da pesquisa (etapa de ação no telecentro), como pode ser verificado nos dois quadros a seguir.

	Lugar de produção	Momento de produção	Emissor	Receptor
MUNDO FÍSICO	Na residência do aluno	Durante o 1º curso de formação e capacitação de monitores	Aluno do curso de formação de monitores	Prof. ^a Thais (prof. ^a do curso de formação de monitores que desempenha papel de leitora dos relatos)
	Lugar social da produção	Objetivo - propósito comunicativo	Papel social do enunciador	Papel social do destinatário
MUNDO SÓCIO-SUBJETIVO	<i>1º Curso de formação e capacitação de monitores do Telecentro Pescadores Online</i>	Relatar as expectativas com relação ao curso e ao telecentro comunitário e historiar práticas de letramento ao longo do processo de formação acadêmico-profissional. Relatar as primeiras experiências com as novas tecnologias.	Voluntário do telecentro comunitário	Prof. ^a Thais (prof. ^a do curso de formação de monitores que desempenha papel de leitora dos relatos)

Quadro 16. Contexto de produção dos relatos reflexivos na fase de formação

	Lugar de produção	Momento de produção	Emissor	Receptor
MUNDO FÍSICO	Na residência do aluno	Após três meses do curso de formação de monitores	Voluntário do telecentro comunitário	Prof. ^a Thais (no papel de gestora do telecentro)
	Lugar social da produção	Objetivo - propósito comunicativo	Papel social do enunciador	Papel social do destinatário
MUNDO SÓCIO-SUBJETIVO	<i>Telecentro Comunitário Pescadores Online</i>	Refletir e relatar as experiência e práticas de letramento durante a fase de ação no telecentro. Relatar expectativas com relação ao papel desempenhado enquanto monitor e com relação ao telecentro enquanto agência de letramento digital. Refletir sobre o projeto de extensão como um todo.	Monitor do telecentro comunitário	Prof. ^a Thais (no papel de gestora do telecentro)

Quadro 17. Contexto de produção dos relatos reflexivos na fase de ação

Os quatro primeiro relatos foram produzidos na fase inicial da pesquisa e, portanto, seguem o mesmo contexto de produção, apresentado pelo quadro 17. O quadro 18 revela o contexto de produção do último relato, elaborado no final da pesquisa, sobre as avaliações gerais do participante acerca do projeto de extensão. É válido mencionar que, no primeiro relato, a relação

entre o participante da pesquisa e a presente pesquisadora era de aluno-professor, ou seja, a pesquisadora assumia o papel de professora do participante aprendiz. Já na etapa final da pesquisa, esses papéis já não são mais os mesmos: a pesquisadora deixa de ser a professora do curso de formação de monitores e passa a ocupar o papel da gestora do telecentro comunitário. O aluno deixa de ser um aprendiz em formação para construir seu papel de monitor do telecentro comunitário. Essa diferença de papéis assumidos tanto pela pesquisadora, quanto pelo participante ao longo do projeto de extensão é marcada na fala do próprio participante e demonstrou ser relevante, já que, ao longo da investigação, percebemos uma integração maior entre pesquisador e pesquisado, na medida em que se alteram os lugares sociais dos participantes. Isso se dá a partir da fase de ação, momento que marca a união entre a teoria e a prática, e que propicia a experiência do trabalho coletivo no telecentro embrião. Percebemos, assim, que a participação, o trabalho coletivo e o entrosamento entre os membros da equipe se tornaram ingredientes fundamentais nesse processo de pesquisa. A seguir, passamos para a análise dos dados referentes à primeira etapa da investigação, apresentação dos planos globais dos relatos e para a apresentação e discussão dos resultados alcançados.

5.1 Confesso minha dificuldade neste início: as modalidades na fase de formação

Antes de apresentarmos a análise das modalidades, consideramos essencial descrever o Plano Global de cada um dos relatos analisados. Essa descrição foi fundamental no sentido de orientar nossos procedimentos de análise, já que nos permitiu identificar quais elementos do conteúdo temático estão sendo avaliados pelo participante, como veremos no curso da análise.

O Plano Global dos relatos serão apresentados *um a um*, isto é, um plano para cada relato produzido pelo participante. Isso porque os relatos reflexivos constituem um gênero textual em que normalmente são mobilizados elementos linguísticos que marcam o Discurso Interativo e/ou Relato Interativo (implicados), sendo o Plano Global dessas produções textuais muito relativo, já que varia de acordo com o conteúdo temático mobilizado, com as marcas de agentividade e de espaço-tempo da ação de linguagem em curso. Por esse motivo, não foi possível traçar um Plano Global único, que desse conta de descrever a organização temática de todos os textos produzidos pelo participante.¹⁷ Vale lembrar que nosso *corpus* inclui cinco relatos reflexivos, numerados de 1 a 5 (R1, R2, R3, R4 e R5), de acordo com os seguintes temas: trajetória acadêmica e profissional (R1), primeiros contatos com as novas TIC (R2), expectativas iniciais com relação ao curso de formação

¹⁷ Isso seria possível caso estivéssemos lidando com textos em que são mobilizados elementos do Discurso Teórico, como no caso de documentos oficiais, manuais.

de monitores (R3), expectativas após o curso de formação de monitores (R4) e relato reflexivo global acerca do projeto de extensão *Pescadores Online* (R5).

Conforme exposto no início deste capítulo, o período em que os quatro primeiros relatos reflexivos foram produzidos diz respeito à fase de formação dos monitores do telecentro comunitário. Assim, vale destacar que dentre os vários objetivos do curso de formação de monitores (conferir TOMO II), uma de nossas propostas foi investigar a percepção dos alunos com relação ao projeto de extensão, às novas TIC, e, principalmente, descobrir o que os participantes esperavam do curso e como eles se sentiam com relação à escolha de se tornarem monitores. Com base nesses objetivos, solicitamos aos participantes a produção dos textos reflexivos, chamando a atenção para os temas propostos. A seguir, apresentamos o Plano Global dos relatos reflexivos de Gilberto, de acordo com esses temas:

5.1.1 Plano Global dos relatos reflexivos na fase de formação

O primeiro relato de Gilberto sobre sua trajetória acadêmica e profissional não constitui um relato reflexivo propriamente dito. O participante apenas topicalizou pessoas, eventos e experiências que marcaram sua trajetória, explicando o motivo pelo qual essas pessoas/situações foram importantes. É interessante notar que o modo como Gilberto organiza o primeiro “relato”, ou seja, em tópicos, pode estar associado ao fato de que o participante raramente escreve, revelando uma certa dificuldade com essa prática, inclusive com relação à compreensão do gênero *relato reflexivo*. A seguir, apresentamos o conteúdo temático, através dos tópicos apresentados no primeiro texto de Gilberto.

TÓPICO/ CONTEÚDO TEMÁTICO
1. Família
2. Professores
3. Amigos
4. Coordenadora do Projeto Peixe-boi
5. Eventos no âmbito do Projeto Peixe-boi
6. Experiências no âmbito do Projeto Peixe-boi

Quadro 18. Plano Global do relato nº 1- Trajetória acadêmica e profissional

A partir do segundo relato, percebemos que os textos são apresentados de acordo com o

gênero solicitado, configurando textos expositivos e não mais topicalizado como aconteceu com o primeiro. Apresentamos nos 3 quadros a seguir o modo como os relatos estão organizados e o conteúdo temático mobilizado em cada um.

SEÇÃO	CONTEÚDO TEMÁTICO
INTRODUÇÃO	Descrição da experiência do participante quando dos primeiros contatos com as novas TICS – o primeiro celular; Descrição das dificuldades que os moradores da comunidade enfrentavam para realizar uma ligação telefônica até pouco tempo (cinco anos atrás).
DESENVOLVIMENTO	Avaliações sobre as novas TIC; A popularização dos aparelhos celulares na comunidade. Descrição das primeiras experiências do participante com o computador.
CONCLUSÃO	Descrição das finalidades da <i>internet</i> no cotidiano do participante; Opinião do participante sobre o computador e a <i>internet</i> .

Quadro 19. Plano Global do relato nº 2 - Primeiros contatos com as novas TIC

SEÇÃO	CONTEÚDO TEMÁTICO
INTRODUÇÃO	Avaliações do participante sobre si mesmo com relação ao período inicial do curso de formação de monitores; Avaliações sobre o curso de formação de monitores; Avaliações sobre a expectativa dos moradores da comunidade com relação ao projeto de extensão.
DESENVOLVIMENTO	Descrição das responsabilidades do participante enquanto monitor do telecentro.
CONCLUSÃO	Descrição das atividades realizadas no curso de formação de monitores; Declarações sobre as expectativas do participante com relação ao curso e sobre o seu trabalho enquanto monitor.

Quadro 20. Plano Global do relato nº 3 - Expectativas iniciais com relação ao curso de formação de monitores

SEÇÃO	CONTEÚDO TEMÁTICO
INTRODUÇÃO	Avaliações do participante sobre si mesmo após o curso de formação de monitores.
DESENVOLVIMENTO	Descrição da etapa inicial do projeto de extensão.
CONCLUSÃO	Expectativas do participante sobre suas funções enquanto monitor; Avaliação do participante sobre o curso de formação de monitores; Avaliação do participante sobre si mesmo em comparação com a fase inicial do curso; Avaliação sobre a festa de confraternização do curso de formação de monitores e sobre os demais participantes.

Quadro 21. Plano Global do relato nº 4 - Expectativas após o curso de formação de monitores

Com relação aos tipos de discurso mobilizados nos relatos, foram identificados dois, como pode ser visto no quadro abaixo.

TIPOS DE DISCURSO IDENTIFICADOS NOS RELATOS	FRAGMENTO ILUSTRATIVO DOS TIPOS DE DISCURSO
DISCURSO INTERATIVO	<u>Meu conhecimento</u> sobre letramento digital é bem maior <u>agora</u> , <u>espero</u> contribuir para melhorar a comunidade, esse curso é de grande importância, <u>hoje</u> não sou mais o mesmo, isso <u>eu tenho</u> certeza.
RELATO INTERATIVO	<u>Minha vida</u> era trabalhar no projeto peixe-boi, jogar bola com os amigos, sonhar com minha carreira na música, já que sou apaixonado por forró e canto em uma banda. Um curso de computação é caro, e assim como muitos <u>eu não tinha dinheiro para isso</u> .

Quadro 22. Tipos de discurso identificados nos relatos reflexivos

Vale retomar que, nos tipos interativos/implicados, as modalizações são muito comuns, sendo as marcas de agentividade e de espaço-tempo da ação explícitas e bem definidas. No caso dos textos produzidos pelo participante, por serem de caráter também reflexivo, trazem, necessariamente, temas variados, quase sempre passíveis de julgamento, debate e discussão.

Vale ressaltar que, conforme mostramos no quadro a seguir, analisamos apenas as marcas de modalização mais recorrentes nos relatos reflexivos, a saber, as modalizações apreciativas (56% de ocorrência), pragmáticas (26%) e lógicas (16%).

MODALIZAÇÕES	Nº OCORRÊNCIAS NOS RELATOS	OCORRÊNCIAS EM %
APRECIATIVA	28	56%
PRAGMÁTICA	13	26%
LÓGICA	8	16%
DEÔNTICA	1	2%
TOTAL DE MODALIZAÇÕES IDENTIFICADAS	50	100%

Quadro 23. Total de modalizações identificadas nos relatos reflexivos

5.1.2 No meu primeiro contato com o computador, fiquei um pouco assustado, não sabia mexer em nada, mas estava muito curioso...: Modalizações apreciativas na fase de formação

A fim de organizar a apresentação da análise e ilustrar de forma objetiva as unidades linguísticas que caracterizam este tipo de modalização, buscamos sintetizar, no quadro a seguir, os fragmentos em que foram identificadas as marcas das modalizações apreciativas, bem como o elemento do conteúdo temático a que ela se refere, além do relato em que foi encontrada. Os trechos que aparecem destacados no quadro revelam a marca da modalização apreciativa, ou seja, traduzem

a avaliação externa de determinados aspectos do conteúdo temático, “procedente do mundo subjetivo da voz que é a fonte desse julgamento, apresentando-os como benéficos, infelizes, estranhos, etc., do ponto de vista da entidade avaliadora” (BRONCKART, 2009, P. 332).

FRAGMENTO	TEMA/ELEMENTO AVALIADO
(1) <i>Meu primeiro contato (com as TIC) foi com um celular que ganhei de presente do meu pai, foi meu presente de 18 anos. Lembro como se fosse hoje a minha alegria! Não era todo jovem da minha idade que tinha um celular! Isso há uns 5 anos atrás, falar com uma pessoa a quilômetros de distância era uma experiência muito diferente, as pessoas da minha comunidade andavam 5 quilômetros para fazer uma ligação para seus familiares ou amigos na antiga TELPA que tinha em Praia de Campina, na época só tinha telefone fixo. (R2)</i>	O celular: as primeiras experiências com o aparelho.
(2) <i>Hoje todos podem ter um celular, eu já cheguei a ter três de uma vez só, não dá pra ficar sem. (R2)</i>	O celular: sua popularização.
(3) <i>Hoje quero um computador. Não porque tá na moda, mas pela facilidade de comunicação e pesquisa. (R2)</i>	O computador: benefícios.
(4) <i>No meu primeiro contato com o computador, fiquei um pouco assustado, não sabia mexer em nada, mas estava muito curioso. Sentei na frente do computador, coração disparado, era como ter feito algo de errado e ter sido descoberto, essa era minha sensação no momento. (R2)</i>	O computador: o primeiro contato.
(5) <i>Acho que o computador é a superação do homem em termos de tecnologia, você pode fazer quase tudo através dele, gosto muito de pesquisar os site de música, saber quem e qual música tá bombando, ver vídeos de técnica vocal, é tudo muito fácil e rápido, desde que a banda larga seja de qualidade. (R2)</i>	O computador: a qualidade da banda larga.
(6) <i>Nesta data, demos início ao curso de agente de letramento digital. Bom, confesso minha dificuldade neste início. Mesmo assim estou otimista e empolgado. (R3)</i>	A si mesmo.
(7) <i>A comunidade está apreensiva, todos querem ver o telecentro funcionando. (R3)</i>	A comunidade: os moradores.
(8) <i>Terminamos a primeira fase do curso, no início estava meio perdido, cabeça vazia, mas agora deu uma clareada. (R4)</i>	A si mesmo.
(9) <i>Meu conhecimento sobre letramento digital é bem maior agora (...) esse curso é de grande importância, hoje não sou mais o mesmo, isso eu tenho certeza. (R4)</i>	O curso de formação de monitores e a si mesmo.
(10) <i>A festa de confraternização foi legal (...) todos pareciam felizes e otimistas. (R4)</i>	O curso de formação de monitores: a festa de confraternização do curso de formação de monitores e os demais participantes do curso.

Quadro 24. Modalizações apreciativas na fase de formação

No primeiro fragmento, a marca de modalização apreciativa revela a avaliação do participante sobre seus primeiros contatos com as novas TIC, mais especificamente com o celular. Em primeiro lugar, podemos estabelecer aqui uma relação direta entre o elemento avaliado e as condições socioeconômicas e culturais do local onde Gilberto vive, confirmando o que havíamos descoberto através do primeiro questionário sobre as práticas de letramento digital do participante -

suas primeiras experiências com a tecnologia se deram através do uso do aparelho celular, sendo que suas práticas de letramento digital estão basicamente centradas no uso deste aparelho, já que não havia sinal de *internet* disponível na comunidade na época em que esses dados foram coletados. Sobre as primeiras experiências com o celular, o enunciador relata no fragmento (1) que *falar com uma pessoa há quilômetros de distância era uma experiência muito diferente*. Essa avaliação está estritamente relacionada à dificuldade enfrentada pelos moradores de sua comunidade, já que até muito recentemente (cinco anos apenas), eles tinham que caminhar cerca de 5 quilômetros para usar um telefone, que na época era fixo e comunitário. Assim, é correto afirmar que não são os modelos dos aparelhos em si e seus infinitos atrativos que estão sendo avaliados na experiência, mas sim o aparelho enquanto possibilidade de acesso a um meio de comunicação tão comum na zona urbana e tão limitado na zona rural, o telefone. É interessante o fato de que na comunidade de Barra de Mamanguape, os aparelhos mais disputados são os chamados “lanterninhas”, cujas funções se restringem a ligações e envio de mensagens. Esses aparelhos, por terem suas funções limitadas, captam melhor o sinal das operadoras de telefonia móvel. Assim, os aparelhos sofisticados não chamam a atenção dos moradores, já que não oferecem funcionalidade. De modo geral, podemos afirmar que aparelhos celulares com múltiplas funções quase não circulam na comunidade. Entretanto, com a chegada da banda larga na vila, alguns moradores vêm adquirindo aparelhos que permitem conexão wi-fi. Do ponto de vista da inclusão digital, esse fato é bastante positivo, pois além de permitir o acesso à *internet*, esses aparelhos proporcionam o desenvolvimento de outras práticas de letramento digital, tal como o uso de câmeras para registro de imagens, filmagens, entre outras funções mais amplas de uso da tecnologia móvel, que podem impactar significativamente as práticas de letramento digital dos habitantes. Abaixo, reproduzimos o trecho original extraído do relato do participante¹⁸:

¹⁸ Lembro como se fosse hoje a minha alegria! Não era todo jovem da minha idade que tinha um celular! Isso há uns 5 anos atrás, falar com uma pessoa a quilômetros de distância era uma experiência muito diferente, as pessoas da minha comunidade andavam 5 quilômetros para fazer uma ligação para seus familiares ou amigos na antiga TELPA que tinha em Praia de Campina, na época só tinha telefone fixo.

23. LEMBRO COMO SE FOSSE HOJE A MINHA
ALUGRIA. NÃO ERA TODO GENTE DA
MINHA IDADE QUE TINHA UM CELULAR
ISSO A VÍZ 5 ANOS ATRÁS, FALAR
COM UMA PESSOA A QUILOMETROS DE
DISTÂNCIA, ERA UM EXPERIÊNCIA MUITO
DIFERENTE, AS PESSOAS DA MINHA COMU-
NIDADE ANDAVAM 5 QUILOMETROS PARA
FALAR UMA CIGALÃO PARA SEUS FAMÍ-
LARES OU AMIGOS NAS ANTIGAS (RUAS)
QUE TINHA EM PRATO DE CARNEVAL NA
CASA, SÓ TINHA TELEFONE FIXO.

Com a popularização dos aparelhos celulares e os benefícios trazidos para a vida dos moradores da comunidade, o participante afirma¹⁹:

HOJE TODOS PODEM TER UM CELULAR
EU JÁ CHEGUEI A TER 3 DE UMA
SÓ VEZ, NÃO DÁ PRA FICAR SEM.

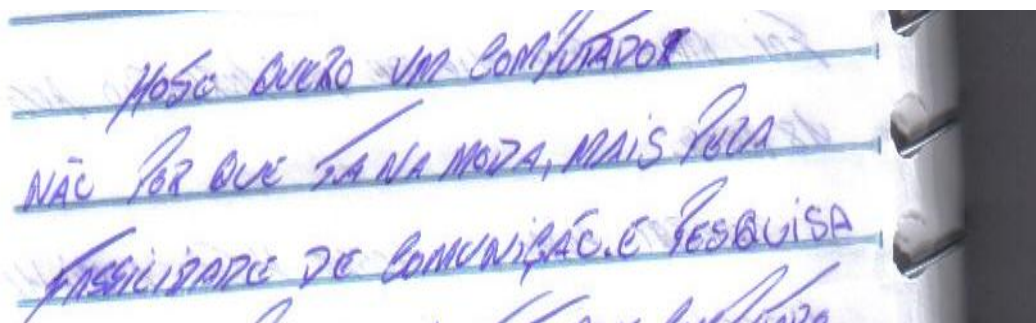
O trecho **não dá pra ficar sem** caracteriza a marca de modalização apreciativa, que em outras palavras, revela que o celular é, na avaliação de Gilberto, um aparelho indispensável²⁰.

Dando continuidade às avaliações que o participante elabora acerca das novas TIC, observamos no relato 2 a presença de modalizadores que marcam comentários sobre a importância da *internet* nos dias atuais. O enunciador deixa evidente, através do modo como mobiliza a sequência dos elementos avaliados, que nessa onda da tecnologia, depois do celular, o que ele quer

¹⁹ Hoje todos podem ter um celular. Eu já cheguei a ter três de uma vez só, não dá pra ficar sem.

²⁰ Por outro lado, a marca de modalização “não dá pra ficar sem” = impossível ficar sem, pode ser entendida como marca de modalização lógica, se o ponto de vista do comentário for aquele dos fatos possíveis, atestados como certos, verdadeiros. Isso demonstra que a construção do mundo subjetivo não pode ser plenamente apreendida pelo pesquisador/analista, já que não é possível adentrarmos completamente o mundo subjetivo que compõe cada ser humano.

agora é um computador²¹:



Novamente, notamos que o elemento julgado não é a máquina em si, tampouco suas configurações avançadas e qualidades, mas sim o acesso que ela pode proporcionar à comunicação e pesquisa, tão limitado no contexto social onde se insere nosso participante. Fazendo referência aos resultados apresentados no capítulo anterior, podemos afirmar que o comentário do participante está em total consonância com sua realidade no que diz respeito ao acesso dos moradores da Barra de Mamanguape aos bens culturais e de comunicação digital. Assim, possuir um computador é muito mais do que estar “na moda”; ter acesso ao computador significa poder ocupar seu lugar social na sociedade pós-moderna, que por sua vez é fundamentalmente marcada pelo avanço tecnológico dos meios de comunicação e informação, sendo o computador, o ícone desta sociedade.

Ao descrever seu primeiro contato com a máquina, o participante confessa ter se sentido **assustado**. O uso desse adjetivo é coerente com a nova situação que o jovem estava prestes a enfrentar. Para um indivíduo da zona rural, que nunca tinha tido acesso ao computador até menos de um ano atrás, a caracterização da experiência como assustadora condiz plenamente com sua realidade social. Se até cerca de cinco anos atrás não havia sequer telefone fixo em sua comunidade, o que dirá computadores com acesso à *internet* – um mundo infinito de conhecimento! Reproduzimos, a seguir, o trecho que descreve a primeira experiência do participante com o computador:²²

²¹ Hoje quero um computador. Não porque tá na moda, mas pela facilidade de comunicação e pesquisa.

²² Meu primeiro contato com o computador, fiquei assustado, não sabia mexer em nada, mas estava muito curioso. Sentei na frente do computador, coração disparado, era como ter feito algo de errado e ter sido descoberto, essa era a minha sensação no momento.

meu primeiro contato com computador
 fiquei um pouco assustado, não sabia
 mexer em nada, mais estava muito
 curioso, sentei na frente do
 computador, coração pisando,
 era como ter feito algo de errado
 e só só descoberto, essa era
 a minha sensação no momento.

Assim, mais uma vez estabelecemos um paralelo entre os dados apresentados no capítulo 4 e as avaliações formuladas pelos participantes em seus relatos. O capítulo anterior revelou que para se ter acesso à biblioteca e à bancas de revista, por exemplo, o jovem tinha que enfrentar 30 quilômetros de estrada de chão, até chegar à cidade mais próxima – Rio Tinto. Com os primeiros contatos com o computador e a proposta de um projeto de inclusão digital para sua comunidade, as coisas parecem começar a tomar novos rumos, como veremos na subseção seguinte.

Por ora, o participante comenta suas primeiras impressões acerca do computador e afirma²³:

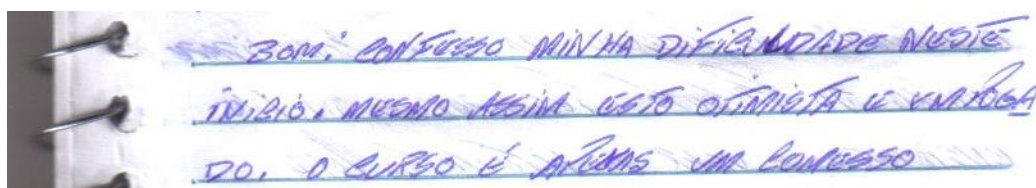
do mundo, acho que o computador é a
 superação do homem em termos de
 tecnologia, você pode fazer quase

tudo através dele, gosto muito de
 pesquisar os sites de músicas,
 saber quem é qual música tá
 bombando, ver vídeos de técnica vocal
 é tudo muito fácil e rápido desde
 que a banda larga seja de
 qualidade, até tenho meu próprio
 Gmail!

²³ Acho que o computador é a superação do homem em termos de tecnologia, você pode fazer quase tudo através dele”, e acrescenta “gosto muito de pesquisar os site de música, saber quem e qual música tá bombando, ver vídeos de técnica vocal, é tudo muito rápido e fácil, desde que a banda larga seja de qualidade.”

Como se pode observar, há várias marcas de modalização apreciativas neste segmento, revelando avaliações procedentes do mundo subjetivo do enunciador. Ainda, com relação ao comentário “desde que a banda larga seja de qualidade”, podemos afirmar que atrás dessa marca de modalização (de qualidade), há indícios de que o participante vem adquirindo novos conhecimentos com relação à *internet*, fato que se associa à chegada do projeto *Pescadores Online* na comunidade, uma vez que um dos pontos mais discutidos com os moradores foi a importância de se ter um sinal de banda larga de alta velocidade, ou seja, de boa qualidade. Portanto, não é por acaso que essa avaliação surge no discurso do participante, o que indica as primeiras influências do projeto de extensão na formação das opiniões de Gilberto.

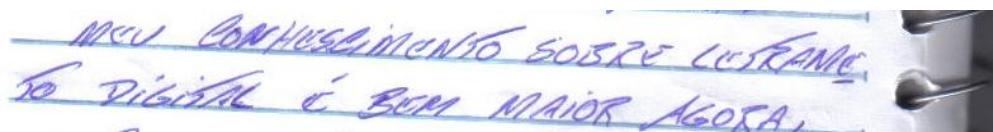
Com relação ao terceiro e ao quarto relato, cujo conteúdo temático se refere às expectativas do participante antes e depois do curso de formação de monitores, podemos afirmar que as marcas de modalização apreciativa que dizem respeito ao próprio participante e à comunidade como um todo revelaram o que nós havíamos previsto: o início é avaliado como dificultoso para o participante²⁴.



Embora ele não explique os motivos das dificuldades, tais razões são inferíveis, principalmente se levarmos em consideração o levantamento das práticas de letramento do participante. Tendo se mostrado tipicamente locais e ancoradas nos limitados eventos de letramento presentes na comunidade, as práticas de letramento do futuro monitor podem ser consideradas limitadas quando comparadas com a “enxurrada de informação” que ele estava prestes a adquirir durante o curso. Além disso, ele estaria sendo capacitado não somente para lidar com a *internet*, mas também para ensinar os moradores de sua comunidade como utilizá-la. Esse motivo, por si só, já seria suficiente para que pudéssemos inferir as razões pelas quais ele sentia dificuldades no início do curso. Assim, por termos previsto que essas dificuldades se fariam presentes, elaboramos um curso exclusivo de formação e capacitação para os monitores do telecentro da Barra de Mamanguape. De acordo com a linguagem popular, pode-se dizer que o curso foi feito “sob medida” para aqueles monitores em especial, tendo em vista todo conhecimento preliminar levantado acerca das práticas de letramento dominantes entre os participantes, bem como as

²⁴ Bom: confesso minha dificuldade neste início, mesmo assim estou otimista e empolgado.

características socioculturais da comunidade. Conhecendo melhor nosso contexto de atuação, certamente iríamos proporcionar uma melhor capacitação aos novos monitores. Parece que alcançamos este objetivo. Confira o trecho extraído do relato de Gilberto²⁵:



Ainda, o trecho *no início estava meio perdido, com a cabeça vazia* confirma a dificuldade inicial do participante, marcada pela modalização “meio perdido, cabeça vazia”. Entretanto, a fala: “mas agora deu uma clareada”, revela que Gilberto está, aos poucos, adquirindo novos conhecimentos e ampliando suas práticas de leitura. Exposta a análise das modalizações apreciativas, passamos agora para o quadro que resume as modalizações pragmáticas identificadas no relato durante a fase inicial da pesquisa.

5.1.3 Hoje ainda fico assustado, mas já consigo fazer pesquisa, ver vídeos, as notícias do Brasil e do mundo...: Modalizações pragmáticas na fase de formação

FRAGMENTO	TEMA/ELEMENTO AVALIADO
(11) <i>Hoje quero um computador. Não porque tá na moda, mas pela facilidade de comunicação e pesquisa.</i> (R2)	O computador.
(12) (...) <i>depois com o tempo fui conhecendo melhor; hoje ainda fico assustado, mas já consigo fazer pesquisa, ver vídeos, ver as notícias do Brasil e do mundo.</i> (R2)	O computador: o primeiro contato com o computador.
(13) <i>Acho que o computador é a superação do homem em termos de tecnologia, você pode fazer quase tudo através dele, gosto muito de pesquisar os sites de música, saber quem e qual música tá bombando, ver vídeos de técnica vocal, é tudo muito fácil e rápido, desde que a banda larga seja de qualidade.</i> (R3)	O computador: atividades que o participante gosta de desenvolver em ambiente virtual.
(14) <i>A comunidade está apreensiva, todos querem ver o telecentro funcionando.</i> (R3)	A comunidade: os moradores.
(15) <i>Espero me tornar um agente de letramento digital e ajudar as pessoas da minha comunidade dentro do projeto Pescadores Online, ensinando a usar a internet para melhorar a sua vida e mudar a história de nossa comunidade.</i> (R4)	A si mesmo.
(16) (...) <i>ainda não me sinto capacitado, mas minhas expectativas aumentaram muito.</i>	A si mesmo.
(17) <i>Espero poder contribuir com meu conhecimento para melhorar a comunidade (...).</i> (R4)	A si mesmo.

Quadro 25. Modalizações pragmáticas na fase de formação

²⁵ Meu conhecimento sobre letramento digital é bem maior agora (...) esse curso é de grande importância, hoje não sou mais o mesmo, isso eu tenho certeza”.

O fragmento 11, que marca a presença da modalização pragmática nos relatos reflexivos de Gilberto não poderia ser mais emblemático - *hoje quero um computador*. Direta e objetiva, a marca de modalização expressa pelo metaverbo “querer” exprime o desejo, a intenção do participante em adquirir um computador. Conforme demonstramos na análise das modalizações apreciativas, esse desejo está associado aos benefícios que a máquina pode trazer à vida do participante, ou seja, a facilidade de comunicação e pesquisa representada pelo computador é o que leva Gilberto a avaliar o objeto de maneira positiva, explicitada pelo desejo dele de adquirir um pc. É importante destacarmos a relevância do projeto de extensão nesse contexto, uma vez que foi através dele que Gilberto passou a utilizar o computador e as novas TIC com mais frequência, o que provocou no jovem monitor, o desejo de adquirir sua própria máquina.

No fragmento seguinte (12), a marca de modalização pragmática é identificada através do verbo, “conseguir”, cujo significado revela capacidade de ação, o *saber fazer*, como podemos notar no trecho reproduzido abaixo:

(...) depois com o tempo fui conhecendo melhor, hoje ainda fico assustado, mas já consigo fazer pesquisa, ver vídeos, ver as notícias do Brasil e do mundo.

Essa fala de Gilberto, em especial, sinaliza uma certa ampliação em suas práticas de letramento, já que, com o tempo, Gilberto foi conhecendo melhor o computador e, por isso, começou a desenvolver práticas que antes não eram comuns em seu cotidiano, a saber: acompanhar as notícias do Brasil e do mundo, por exemplo. Mais uma vez, essa transformação se deve às ações realizadas no âmbito do projeto de extensão, o que acentua ainda mais sua relevância para a vida do participante. Em sua avaliação a respeito do computador, Gilberto afirma o seguinte no fragmento 13:

Acho que o computador é a superação do homem em termos de tecnologia, você pode fazer quase tudo através dele, gosto muito de pesquisar os sites de música, saber quem e qual música tá bombando, ver vídeos de técnica vocal, é tudo muito fácil e rápido, desde que a banda larga seja de qualidade.

O trecho destacado indica a presença da modalização pragmática, expressa pelo verbo “gostar”, cuja ideia indica desejos, inclinações. As atividades introduzidas pelo verbo “gostar” estão estritamente relacionadas ao universo da música, já que este é um tema de grande interesse de Gilberto, como pudemos notar através dos dados apresentados no capítulo anterior.

Ao apresentar sua avaliação com relação aos moradores da comunidade, Gilberto o faz a

partir do uso da modalização pragmática, como podemos constatar no fragmento 14: *a comunidade está apreensiva, todos **querem** ver o telecentro funcionando*, revelando o desejo dos moradores com relação ao telecentro. Esta avaliação revela que esse “querer” é um querer desconfiado, cujo tom parece desafiador, já que aparece logo após uma marca de modalização apreciativa que revela a apreensão da comunidade com relação ao projeto de extensão.

Na conclusão do relato 3 e ao longo do relato 4, as modalizações pragmáticas remetem à avaliações formuladas pelo participante acerca de si mesmo. As marcas de modalização revelam que a expectativa de Gilberto é a de se tornar um agente de letramento capacitado para ajudar as pessoas da sua comunidade, conforme pode ser verificado no trecho a seguir:

Espero me tornar um agente de letramento digital e ajudar as pessoas da minha comunidade dentro do projeto Pescadores Online, ensinando a usar a internet para melhorar a sua vida e mudar a história de nossa comunidade.

Aqui, a marca de modalização pode ser identificada pelo verbo “esperar”, cujo significado revela as intenções e expectativas do participante com relação ao seu trabalho no âmbito do projeto *Pescadores Online*.

O trecho ***ainda não me sinto capacitado***, no fragmento 16, revela uma avaliação do participante acerca de suas capacidades, do *saber fazer* e do *saber ser*, indicando a ocorrência da modalização pragmática.. Essa avaliação indica que, no início, a sensação do participante é aquela também revelada pelas modalizações apreciativas: de insegurança e apreensão, já que afirma não se sentir capacitado. Entretanto, notamos que há sempre uma marca de modalização apreciativa sinalizando que mesmo desconfiado, inseguro e apreensivo, Gilberto encontra-se empolgado, esperançoso e otimista. O fragmento a seguir, caracterizado pela presença da modalização pragmática, ilustra bem esse “paradoxo”: mesmo sem se sentir capacitado, Gilberto demonstra não ter perdido a empolgação, e afirma: ***Espero poder contribuir com meu conhecimento para melhorar a comunidade.***

Concluída a apresentação da análise do dados nesta primeira fase, passamos agora para a síntese parcial desta etapa da investigação. Para tanto, retomaremos nossas questões de pesquisa.

5.1.4 Síntese Parcial

- 1) Quais tipos de modalização ocorrem nos relatos reflexivos do participante e quais elementos do conteúdo temático estão sendo avaliados?
- 2) De que maneira as modalizações configuram os elementos avaliados ao longo da fase inicial de formação?

No plano dos significantes (BRONCKART, 1999), identificamos a ocorrência de todos os tipos de modalização nos quatro primeiros relatos do participante, entretanto, conforme mencionamos, apenas as marcas mais recorrentes foram analisadas, a saber, as marcas de modalização apreciativas e as marcas de modalização pragmática. Conforme demonstramos no quadro 23, ao todo foram identificadas 27 marcas de modalização apreciativa (56% de ocorrência), e 13 marcas de modalização pragmática (26%) nos relatos reflexivos produzidos na fase de formação. Com relação aos demais tipos de modalização, identificamos 8 marcas de modalização lógica (16%) e 1 marcas de modalização deontica (2%). As modalizações apreciativas são, em sua maioria, marcadas por nominalizações, adjetivos e advérbios. Com relação aos elementos do conteúdo temático avaliados nos relatos, através das modalizações apreciativas, podemos citar os seguintes temas gerais: o aparelho celular (2 ocorrências), computador (3 ocorrências), o próprio participante (2 ocorrências), a comunidade (1 ocorrência) e o projeto de extensão/curso de formação de monitores (2 ocorrências). No que diz respeito aos elementos avaliados através de marcas de modalização pragmática, podemos citar o computador (3 ocorrências), o próprio participante (3 ocorrências) e a comunidade (1 ocorrência).

No plano dos significados (BRONCKART, 1999), conforme já assinalamos, as modalizações apreciativas e pragmáticas têm por objetivo traduzir avaliações/comentários e julgamentos procedentes do mundo sóciosubjetivo do participante. Por esse motivo, muitas vezes o analista poderá enfrentar algum desafio durante a investigação das marcas que traduzem essas avaliações, já que nem sempre é possível apreendermos por completo as interpretações do enunciador, isto é, algumas marcas que caracterizam um tipo de modalização podem não ser tão claras, provocando ambiguidade na interpretação. Com o intuito de amenizar essa dificuldade, Bronckart (2009, p. 334) esclarece: “parece que a modalização apreciativa é marcada, preferencialmente, por advérbios ou orações adverbiais e a modalização pragmática, preferencialmente, pelos auxiliares de modo, em sua forma estrita ou ampliada”. No curso de nossa análise, além de advérbios e orações adverbiais, constatamos uma forte presença de nominalizações e adjetivos marcando a modalização apreciativa, conforme demonstramos ao longo da análise.

Além dos resultados linguístico-discursivos apresentados, podemos afirmar que

i) O curso de formação foi fundamental para que o participante pudesse assumir seu lugar social enquanto monitor do telecentro comunitário, já que foi através da capacitação que o participante teve conhecimento acerca de temas que permeiam seu novo universo de trabalho, principalmente a noção do que é letramento digital.

ii) Através do conhecimento prévio sobre a realidade das práticas de letramento digital do participante, apresentado no capítulo anterior, podemos inferir que as dificuldades mencionadas no início do curso estão relacionadas à realidade de suas práticas de letramento digital, ou seja, quanto menos acesso às novas tecnologias, menos frequentes são as práticas de letramento que as envolve. Assim, o susto, a curiosidade e a apreensão, citadas pelo participante são sensações compreensíveis não apenas no que diz respeito a si mesmo - que pouco contato tinha com a tecnologia e quase nenhum com o computador e com a *internet* - como também no que se refere aos demais moradores da comunidade, já que a avaliação de Gilberto revela que “a comunidade está apreensiva”. Por outro lado, porém, o participante avalia a si mesmo como confiante e empolgado - sentimentos que estão, de certa forma, associados à novidade que o projeto de extensão trazia para sua comunidade – a *internet*.

iii) No relato 2, observamos uma quantidade expressiva de modalizações apreciativas que incidem sobre o modo como o enunciador avalia as novas tecnologias. Através da descrição que ele faz sobre suas primeiras experiências com as novas TIC, observamos o papel importante que o celular ocupou em Barra de Mamanguape até pouco tempo atrás. Hoje, é o computador que ocupa o centro das atenções dos moradores dessa comunidade. Com a chegada do projeto de extensão e do telecentro, o participante passa a tomar consciência da importância da máquina e da *internet* enquanto ferramentas que permitem o indivíduo fazer “quase tudo”, para usar as palavras de Gilberto. A avaliação que Gilberto faz sobre a qualidade da banda larga também revela um conhecimento maior do participante acerca do tema “inclusão digital”, já que a relevância da qualidade do *link* para os programas de letramento digital foi bastante enfatizada nas reuniões realizadas pelo projeto de extensão com os moradores da comunidade.

Em suma, podemos afirmar que os dados apresentados no capítulo 4 foram essenciais para que pudéssemos empreender a análise das avaliações do participante acerca dos temas mobilizados em seus relatos. Em outras palavras, o conhecimento acerca de suas práticas de letramento, de suas relações com a leitura e a escrita em diversos âmbitos da vida cotidiana, nos permitiu não somente discorrer com mais propriedade sobre os comentários formulados pelo participante, como também possibilitou que inferíssemos, a partir do conhecimento prévio que possuíamos sobre o contexto

sociocultural de Gilberto, informações que auxiliaram e aprimoraram a análise que acabamos de apresentar. Além disso, diversos comentários puderam ser situados e justificados pelos dados apresentados no capítulo anterior; daí a importância da análise que realizamos sobre as práticas de letramento e acervos de leitura do nosso participante antes e depois da chegada da *internet* na comunidade.

Assim, concluímos esta primeira etapa da investigação e partimos para a análise do relato final, elaborado na fase de ação do monitor, no telecentro comunitário. O objetivo da análise que segue é contrastar as avaliações identificadas na fase inicial com as avaliações da fase final. Dessa forma, poderemos identificar de que maneira as marcas de modalização (re)configuram os diversos elementos mobilizados no conteúdo temático.

5.2 *Hoje tenho meu computador, cara, quando eu iria imaginar que eu compraria um pc, isso nunca passou na minha cabeça...*: Modalizações na fase de ação

Introduzimos a seguir, o Plano Global do relato reflexivo produzido na etapa final da pesquisa, para a partir daí, darmos início à análise das modalizações propriamente ditas.

Como podemos observar no quadro a seguir, o último relato (R5) apresenta um Plano Global mais extenso, adequado com o tema proposto. Diferente dos demais, o participante inicia a produção textual dando um título ao texto – *Antes e depois do Projeto Pescadores Online*, o que acabou contribuindo para a análise, já que de um lado, vimos descrita a vida de Gilberto antes da chegada da *internet* e, de outro, após esse momento.

Assim como na subseção anterior, organizamos esta subseção de modo que o leitor pudesse ter uma visão ampla dos fragmentos em que se encontram as marcas de modalização extraídas do relato de Gilberto, bem como deixar claro o elemento que está sendo avaliado. As modalizações que tiveram maior recorrência neste relato (R5) foram as modalizações lógicas e apreciativas, conforme veremos adiante.

SEÇÃO	CONTEÚDO TEMÁTICO
INTRODUÇÃO	Descrição do cotidiano do participante antes do projeto de extensão.
DESENVOLVIMENTO	Descrição da fase anterior ao projeto de extensão: expectativa do participante e demais moradores da comunidade com relação à um projeto de inclusão digital na comunidade; Crença do participante e dos demais moradores no projeto de extensão; Comentários sobre outros projetos desenvolvidos na comunidade antes do projeto Pescadores Online; Comentários sobre a visão do participante acerca de outros pesquisadores que passaram pela comunidade antes do projeto Pescadores Online; Descrição dos primeiros contatos do participante com o computador; Descrição das atividades que o participante normalmente desenvolve no computador; Descrição e avaliações sobre as primeiras etapas do projeto de extensão (desde as primeiras reuniões até a criação do telecentro embrião);
CONCLUSÃO	Avaliação global do projeto de extensão; Comentários do participante sobre a aquisição de seu primeiro computador; Descrições das atividades do participante enquanto monitor do telecentro; O contato com a leitura em comparação com o período anterior ao projeto de extensão; Avaliação do participante sobre sua participação e dos demais integrantes da equipe no projeto de extensão; Agradecimentos à gestora do projeto de extensão.

Quadro 26. Plano global do relato nº. 5 - relato sobre o projeto de extensão

Exposto o Plano Global, passamos para a análise e discussão dos resultados obtidos na fase de ação.

5.2.1 (...) tem muito ainda pra ser feito, muita gente pra mudar, mas tudo isso vai acontecer se a gente acreditar: Modalizações lógicas na fase de ação

FRAGMENTO	TEMA/ELEMENTO AVALIADO
(18)(...) <i>assim como outros moradores fiquei pensando será que isso vai se tornar realidade um dia, outras pessoas passaram aqui com ideias de trazer projetos também, e até agora não temos nada além de promessas (...).</i> (R5)	O projeto de extensão
(19) <i>Não acreditando que seria verdade que esse projeto traria internet pra barra e, que através do mesmo, os pescadores seriam capacitados para usar um computador; muitos moradores foram contra (...).</i> (R5)	O projeto de extensão
(20)(...) <i>cara, quando iria imaginar que eu compraria um pc, isso nunca passou na minha cabeça, mas é real, tudo graças ao Pescadores Online (...).</i> (R5)	O computador – a possibilidade de aquisição

Quadro 27. Modalizações lógicas na fase de ação

No fragmento 18, a marca de modalização é marcada, principalmente pelo uso do verbo “será” e pela nominalização “realidade”, que confere ao comentário uma avaliação do ponto de vista dos fatos possíveis, atestáveis. Nesse caso, é o projeto de extensão que está sendo colocado à prova: depois de tantas promessas e projetos que passaram pela comunidade, qual seria a probabilidade do projeto *Pescadores Online* se tornar realidade?

O fragmento seguinte (19) confirma o que o anterior já sinalizava: o participante avalia o projeto de extensão do ponto de vista de algo impossível de acontecer, daí o fato do participante não acreditar. É interessante ressaltar que, neste caso, temos uma ambiguidade na interpretação dos fatos apresentados, já que poderíamos entender que o verbo “acreditar” estaria marcando a modalização pragmática. Conforme já foi mencionado, pode ser difícil para o pesquisador afirmar com precisão se uma determinada marca linguística caracteriza esse ou aquele tipo de modalização, principalmente no que diz respeito às modalizações apreciativas e pragmáticas, já que elas se sobrepõem. Neste caso, optamos por classificar a modalização como lógica, já que expressa um comentário do ponto de vista dos fatos prováveis.

No último fragmento (20), a marca de modalização lógica é clara e não apresenta ambiguidade. O trecho *é real*, que se refere ao fato de que o participante adquiriu um computador, revela um comentário do ponto de vista das condições de verdade, de fatos atestados, certos, verdadeiro. O que no início era apenas um desejo, hoje se tornou realidade.

Dessa maneira, ficam evidentes os resultados que nossas análises vinham sinalizando desde o capítulo anterior, ou seja, antes da chegada da *internet* e da implantação do telecentro, o projeto gerava sensação de apreensão, dúvida, insegurança e até uma certa descrença por parte dos moradores. Será que vai dar certo? Essa dúvida que rondava a cabeça dos participantes e da comunidade como um todo aparece relatada no texto final do participante, através das modalizações

lógicas. Daí a ocorrência significativa deste tipo de modalização na parte introdutória do relato final de Gilberto. Ao longo do tempo, porém, esses sentimentos deram lugar a outros bem mais positivos, como vamos demonstrar adiante. Em outras palavras, ele parte da exposição de comentários baseados no mundo objetivo, ou seja, do ponto de vista da realidade e, ao longo do texto, passa a expor avaliações procedentes do mundo subjetivo, reveladas pelas modalizações apreciativas.

Em suma, podemos afirmar que as mudanças provocadas em seu mundo objetivo motivam alterações no modo como ele constrói seu mundo subjetivo, revelando que o projeto Pescadores Online foi a mola propulsora dessa transformação.

5.2.2 *Como monitor, tenho muito orgulho de fazer parte desse projeto...*: Modalizações apreciativas na fase de ação

Sintetizamos no quadro a seguir, os fragmentos em que foram detectadas as modalizações apreciativas no último relato (R5).

FRAGMENTO	TEMA/ELEMENTO AVALIADO
(21) <i>Um curso de computação é caro, e assim como muitos eu não tinha dinheiro para isso. (R5)</i>	O computador: capacitação
(22) <i>Antes de esse projeto ser apresentado pra a comunidade da Barra, eu como morador não imaginava que um dia fosse ter aqui, um projeto de inclusão digital, internet então nem sem sonhos (...) (R5)</i>	O projeto de extensão: a possibilidade de acesso à internet na comunidade
(23) <i>Não acreditando que seria verdade que esse projeto traria internet pra Barra, e que através do mesmo, os pescadores seriam capacitados para usar um computador, muitos moradores foram contra, mais eu assim como poucos, acreditei e acredito que esse é o caminho pra uma vida melhor, onde as pessoas tem direitos iguais aos seus deveres (R5).</i>	O projeto de extensão: Os moradores da comunidade e a possibilidade de acesso à internet
(24) <i>(...) até que conseguimos o nosso primeiro espaço e demos o nome de telecentro embrião. Começava ali uma luta... (R5)</i>	O projeto de extensão: o telecentro embrião
(25) <i>O curso foi muito legal, bem proveitoso, e somos monitores formados, prontos para capacitar os pescadores, que já tem uma visão diferente do que foi no início, tem muito ainda pra ser feito, muita gente ainda pra mudar, mais tudo isso vai acontecer se a gente acreditar. (R5)</i>	O projeto de extensão: o curso de formação de monitores e a visão dos pescadores com relação ao projeto
(26) <i>Como monitor, tenho muito orgulho de fazer parte desse projeto...(R5)</i>	A si mesmo e o projeto
(27) <i>Hoje tenho meu computador, cara quando iria imaginar que eu compraria um pc, isso nunca passou na minha cabeça, mas é real tudo graças ao Pescadores Online (...)</i> (R5)	O projeto de extensão e o computador: a possibilidade de ter um pc
(28) <i>(...) enquanto cidades grandes buscam seu espaço na era digital, no litoral norte da paraíba um vilarejo de pescadores tem um projeto de inclusão digital, é ou não motivo de orgulho fazer parte desta conquista? Eu respondo é sim motivo de orgulho e felicidade (...) (R5)</i>	O projeto de extensão: a conquista, a si mesmo.

Quadro 28. Modalizações apreciativas na fase de ação

No fragmento 21, podemos estabelecer uma relação entre o modo como Gilberto avalia um curso de computação (caro) e as razões pelas quais ele não poderia fazer um (falta de condições financeiras) com os dados apresentados no capítulo 4, principalmente no que se refere ao contexto socioeconômico dos pescadores da Barra de Mamanguape, em especial da família de Gilberto. Filho de pescadores e trabalhador voluntário do Projeto Peixe-boi, sua renda não permite que o jovem saia da comunidade para se qualificar. É interessante notar que o comentário ocorre logo no primeiro parágrafo do texto, após uma breve descrição do cotidiano do participante antes do projeto de extensão. Sem muitas expectativas, Gilberto relata sua vida diária antes da chegada do projeto que iria mudar sua realidade:

*Minha vida era trabalhar no projeto peixe-boi, jogar bola com os amigos, sonhar com minha carreira na musica, já que sou apaixonado por forró, e canto em uma banda. Um curso de computação é **caro**, e assim como muitos eu não tinha dinheiro pra isso.*²⁶

²⁶ O relato final foi produzido no computador e enviado por e-mail para a pesquisadora. Por isso, os trechos

Neste fragmento, constatamos que Gilberto atribui a responsabilidade pela falta de acesso a um curso de computação a sua condição financeira, cuja descrição foi fartamente exposta nos capítulos 3 e 4, e justifica a avaliação do enunciador. Assim, podemos afirmar que no trecho reproduzido acima, fica implícita a importância do projeto *Pescadores Online* para a vida dele e dos ribeirinhos, pelo menos no que diz respeito ao acesso às novas tecnologias.

Tanto Gilberto, quanto os demais moradores da comunidade não acreditavam que algum dia a comunidade seria contemplada com um projeto de inclusão digital. Conforme as próprias palavras do participante, *internet então nem em sonhos!* Esta marca de modalização revela que na avaliação dos moradores o acesso à *internet* na comunidade era algo impossível e inalcançável, como se aquela comunidade estivesse condenada a viver na exclusão informacional para o resto de seus dias. Confira o trecho original:

*Antes de esse projeto ser apresentado pra comunidade da barra, eu como morador não imaginava que um dia fosse ter aqui, um projeto de inclusão digital, **internet então nem em sonhos**, assim como todos os moradores fiquei pensando será que isso vai se torna realidade um dia, outras pessoas passarão aqui com ideias de trazer projetos também, e ate agora não temos nada além de promessa, chegam aqui, fazem suas pesquisas sugam a comunidade, prometem melhoras e nunca deixam nada em troca do que levam.*

Esse comentário/sentimento por parte de Gilberto e de seus conterrâneos também pode ser explicado e justificado pelos dados preliminarmente levantados nesta pesquisa acerca da realidade política na região em que se encontra a comunidade. Tais dados são complementares a este estudo e encontram-se no Tomo II. O que podemos resgatar brevemente sobre esses dados é o fato de que a comunidade convive há décadas com o descaso das autoridades públicas no que diz respeito ao seu desenvolvimento. São tantas as necessidades básicas dos pescadores, que garantir acesso à *internet* parece ser uma das prioridades que a prefeitura e demais órgãos públicos não têm em relação aos ribeirinhos.

No próximo fragmento (23), ilustrado abaixo, verificamos a marca da modalização apreciativa no que se refere à interpretação do participante com relação ao projeto de extensão/inclusão digital: *um caminho para uma **vida melhor***. Ou seja, para Gilberto, ter uma vida melhor significa ter acesso à informação e aos bens culturais, sendo o computador/*internet* a porta de entrada para uma vida de mais oportunidades.

Não acreditando que seria verdade que esse projeto traria pra barra internet, e que

*através do mesmo os pescadores seriam capacitados para usar um computador; muitos moradores foram contra, mais eu assim como poucos, acreditei e acredito **que esse é o caminho pra uma vida melhor**, onde as pessoas têm direito iguais aos seus deveres.*

Após retomar a importância do projeto de extensão para si mesmo e para a comunidade, Gilberto começa a relatar o início da fase de ação, marcada pela implantação do telecentro embrião. Na avaliação do participante, *começava ali uma **luta***, comentário que guarda a modalização apreciativa (uma luta). Observe o fragmento abaixo, extraído do relato original:

*Pensando assim fui me envolvendo no projeto, conhecendo, gostando, e foi aparte desse envolvimento que eu tive meu primeiro contato com um computador; então tratei logo de fazer meu email né, depois fui aprendendo a pesquisar entrar em sites pra ver musicas, pegadinhas, shows de humor , jogar dama, tudo conectado através de um modem , com uma internet lenta, e foi assim também com essa mesma internet que veio as primeiras reuniões , falávamos de como seria, o que iríamos fazer, essas conversas duraram meses, e eram realizadas na casa da coordenadora do projeto , ate que conseguimos o nosso primeiro espaço e dermos o nome de telecentro embrião. **Começava ali uma luta...***

A luta mencionada por Gilberto se traduz pelas dificuldades enfrentadas durante o projeto de extensão: a falta de recursos, de equipamentos, de conexão de qualidade (já que quando implantamos o telecentro embrião ainda não havia banda larga na comunidade), desafios enfrentados não somente pelo participante, como também vivenciados pela presente pesquisadora, moradora na região, em todas as fases do projeto de extensão.

Superados os desafios, Gilberto relata as conquistas da equipe, os benefícios trazidos pelo projeto e comenta: ***cara, quando eu iria imaginar que eu compraria um pc, isso nunca passou na minha cabeça**, mas é real, tudo graças ao Pescadores Online*. As marcas de modalização apreciativas presentes neste fragmento estão destacadas no trecho original reproduzido abaixo e revelam o orgulho do participante em integrar a equipe do projeto, a avaliação de Gilberto sobre a aquisição de seu primeiro computador – algo que até pouco tempo era tido como inatingível, além de remeterem às suas práticas de letramento, que aparecem completamente reconfiguradas nesta etapa. Confira o que o participante afirma no excerto abaixo:

*Como monitor tenho **muito orgulho** de fazer parte desse projeto, sei das **dificuldades** que passamos, da falta de recursos , de não ter certas coisas, mais hoje se pararmos pra pensar em como começamos e colocarmos na balança, veremos tudo que conquistamos, hoje temos nosso telecentro, internet com banda larga de 30M, temos 4 computadores, tudo conquistado com nosso trabalho, através da parceria formada pela coordenadora thais, estamos fazendo outro curso, aprendendo tudo sobre softwtee livre e formamos mais uma parceria, com o projeto edux, hoje tenho meu computador; **cara quando iria imaginar que eu compraria um pc, isso nunca passou na minha cabeça**, mais é real tudo graças ao pescadores online, agora faço pesquisa com frequência, acesso minhas redes sociais, adiministro o twiter do projeto, lendo noticias com frequência, para poder*

*twitalas, postando no blog a indignação de fatos que ocorrem na comunidade, o contato com a leitura é frequente na minha vida hoje, fato que antes não era, só de você saber tudo o que esta acontecendo no brasil e no mundo, acompanhando as noticias em tempo real, enquanto cidades grandes buscam seu espaço na era digital, no litoral norte da paraiba um vilarejo de pescadores tem um projeto de inclusão digital, é ou não motivo de orgulho fazer parte desta conquista? Eu respondo é sim motivo de **orgulho e felicidade***

Este último fragmento que fecha o relato de Gilberto é de extrema relevância para a conclusão da nossa análise, uma vez que resume as avaliações de Gilberto acerca de todo processo de inclusão e letramento digital pelo qual ele e os demais colegas da comunidade passaram através do projeto *Pescadores Online*.

Concluída nossa análise acerca das modalizações inscritas nos relatos reflexivos de Gilberto na fase de ação, passamos agora para a apresentação da síntese parcial dos resultados obtidos.

5.2.3 Síntese parcial

As questões que buscamos responder nesta etapa da investigação foram as seguintes:

Quais tipos de modalização ocorrem nos relatos reflexivos do participante e quais elementos do conteúdo temático estão sendo avaliados?

De que maneira as modalizações (re)configuram os elementos avaliados ao longo do projeto de extensão?

Com relação à primeira questão, foram identificados todos os tipos de modalização no relato do participante, entretanto predominam as modalizações apreciativas e lógicas. No plano do significante, podemos afirmar que as modalizações apreciativas são marcadas, principalmente, por advérbios e adjetivos, além de nominalizações. Com relação às modalizações lógicas, são marcadas por usos de tempos verbais do condicional e advérbios. Foram registradas 13 marcas de modalização apreciativas e 6 marcas de modalização lógica. No que concerne aos elementos avaliados, podemos citar o projeto de extensão como tema de maior ocorrência, seguido das avaliações formuladas acerca de si mesmo.

No plano dos significados, conforme já foi dito, a modalização apreciativa traduz comentários procedentes do mundo subjetivo do enunciador, ao passo que a modalização lógica consiste em uma avaliação apoiada em critérios elaborados e organizados no quadro das coordenadas formais que definem o mundo objetivo. (BRONCKART, 2009, p. 330)

Com relação à segunda questão, concluímos que

i) O projeto *Pescadores Online* surge como algo que pode mudar a vida do participante e dos ribeirinhos. Tanto o participante, quanto os moradores da comunidade aparecem curiosos e apreensivos na fase inicial, sendo que alguns se colocaram contra o projeto, por não acreditarem que ele se tornaria realidade. Na medida em que o tempo ia passando e as coisas iam acontecendo no âmbito do projeto (o curso de monitores, a montagem da torre, o telecentro embrião, as oficinas, etc.), tanto Gilberto como outros moradores começavam a acreditar e trabalhar pelo projeto. No final do processo, após a implantação do telecentro comunitário, Gilberto passa a avaliar sua participação no projeto com orgulho. Compara o sucesso de sua comunidade em ter conquistado um projeto de inclusão digital com outras cidades grandes que ainda lutam para ter seu espaço na era digital e admite-se orgulhoso de fazer parte desta conquista. Essa reconfiguração das avaliações do participante nesta fase final da investigação é observada através das marcas de modalização apreciativas e lógicas deixadas nos discurso de Gilberto.

ii) As práticas de letramento do participante aparecem totalmente reconfiguradas nesta fase: conforme Gilberto relata, hoje a leitura é frequente em sua vida, o que não acontecia antes do projeto de extensão. Isso nós pudemos constatar também através do registro das práticas de letramento digital do participante nos períodos que compreendem as duas etapas desta pesquisa, e que foram apresentados no Capítulo 4.

iii) As marcas de modalização identificadas no início da pesquisa que traduzem a avaliação do participante sobre si mesmo aparece totalmente reconfigurada no final da pesquisa - ele passa de um aluno com dificuldades, otimista e empolgado, a um monitor orgulhoso, que compartilha sua felicidade com outros membros da equipe.

Em suma, podemos afirmar que as modalizações apreciativas deixadas no discurso do enunciador desde a fase inicial até a fase final da pesquisa, não apenas (re)configuram as avaliações/interpretações formuladas por ele ao longo do processo de inclusão e letramento digital, possibilitado pelo projeto de extensão *Pescadores Online*, em Barra de Mamanguape, como também confirmam, justificam, conferem credibilidade aos dados apresentados no Capítulo 4, sobre as práticas de letramento do participante antes e depois da chegada da *internet* e da implantação do telecentro na vila. Dessa maneira, acreditamos ter atingido nossos objetivos gerais e específicos, além de termos respondido as questões que nortearam esta pesquisa. Isso posto, passamos agora

para as Considerações Finais do nosso trabalho, em que apresentaremos a síntese geral dos resultados alcançados nesta investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa buscou investigar de que maneira as novas TIC, em especial o computador e a *internet*, foram capazes de impactar as práticas de letramento de um jovem morador de uma comunidade rural situada no litoral norte paraibano. Além de ser morador nativo da Barra de Mamanguape, Gilberto também se tornou voluntário do projeto de extensão *Pescadores Online* e assumiu um dos cargos de monitor do telecentro comunitário. Assim, participou ativamente de todas as etapas do projeto de extensão e da presente pesquisa, sendo um dos grandes responsáveis pelo sucesso do projeto, junto com demais moradores da comunidade, conselho gestor, membros da equipe de extensionistas e colegas telecentristas.

Partindo disso, acreditamos que as reflexões, os comentários, avaliações e interpretações de Gilberto acerca do processo de inclusão e letramento digital na comunidade de Barra de Mamanguape, possibilitado pelo projeto *Pescadores Online*, não somente refletem sua percepção acerca do projeto e aspectos a ele relacionados, como também nos possibilita (re)orientar nossa prática, já que nossos objetivos ultrapassavam a questão do mapear as práticas de letramento do participante para depois compará-las com o período *pós-internet*/telecentro e, com isso, fechar nossa investigação. Muito pelo contrário, nosso objetivo foi além disso, buscamos compreender as opiniões/julgamentos/avaliações do ponto de vista do próprio participante, para, assim, aperfeiçoar nossa prática enquanto agente de letramento digital.

A partir do momento em que esta pesquisa se caracteriza como pesquisa-ação, ela tem o compromisso não apenas de coletar e analisar dados, mas também de intervir na realidade da situação investigada a fim de provocar mudanças positivas, que vão, a longo prazo, sanar, ou pelo menos, combater os problemas enfrentados pela comunidade/grupo/instituição participante da pesquisa. Desse modo, podemos afirmar que cumprimos nossa meta nesse sentido: diagnosticamos, intervimos, diagnosticamos, intervimos, e assim por diante. Esse processo contínuo e vital de diagnosticar e intervir coletivamente faz da pesquisa-ação um instrumento eficaz para a mudança social. É por esse motivo, também, que não podemos desvincular esta pesquisa do projeto de extensão *Pescadores Online*, uma vez que foi nesse contexto que este estudo se desenvolveu. Todas as etapas da presente pesquisa ocorreram junto/através do projeto de extensão. Conforme explicamos na introdução, esta investigação só pode acontecer devido ao projeto *Pescadores Online*, cujas dimensões são incomensuráveis do ponto de vista do que conseguimos desenvolver a partir dele: elaboramos projetos de letramento digital, implantamos o telecentro, formamos monitores e capacitamos moradores, mobilizamos sociedade civil e acadêmica, enfim, ao mesmo

tempo em que esta pesquisa é apenas um recorte do projeto de extensão, não podemos negar que *um* não existiria sem *o outro*, ou seja, projeto de extensão e pesquisa de mestrado se mesclam, compondo as partes que constroem um só projeto de vida.

Com relação ao suporte teórico que fundamentou nossa análise, podemos afirmar que nossa opção em trabalhar com os pressupostos dos Estudos de Letramento foi fundamental para orientar nosso olhar quando da análise das práticas de letramento do participante. As noções de letramento ideológico, letramentos locais, projetos e agentes de letramento formaram a base para o curso de formação de monitores e para nossas conclusões. No que diz respeito ao Interacionismo Sociodiscursivo, podemos dizer que a escolha contribuiu ao trabalho, isto é, investigar as ações de linguagem enquanto práticas sociosubjetivas nos possibilitou compreender as avaliações acerca de todo processo de pesquisa a partir do ponto de vista do próprio participante. Tanto as teorias dos Estudos de Letramento, quanto o ISD corroboram a ideia de que linguagem e sociedade são interdependentes e, por isso, ambas as teorias percebem o ser humano enquanto ser único, biológico e social. Podemos dizer, portanto, que as bases teóricas deste estudo estão em consonância com nossos objetivos, além de estarem alinhadas aos propósitos da pesquisa qualitativa e da pesquisa-ação, já que uma das mais importantes premissas deste tipo de investigação é a de perceber e analisar os fatos ou situações enquanto construções sócio historicamente situadas, portanto, únicas e estritamente associadas a um contexto sociocultural específico.

No que concerne às questões de pesquisa que nortearam este estudo, consideramos que todas foram satisfatoriamente respondidas. Optamos por retomá-las aqui, a fim de orientar a sistematização das nossas considerações finais acerca dos resultados trazidos por este trabalho:

- 1) Quais as práticas de letramento do participante antes e depois da chegada da *internet* na comunidade? Como as práticas se (re) configuram ao longo do projeto de extensão?
- 2) Quais tipos de modalização ocorrem nos relatos reflexivos do participante e quais elementos do conteúdo temático estão sendo avaliados? De que modo essas avaliações se (re)configuram ao longo do projeto de extensão?

Conforme apresentamos nas sínteses parciais, expostas nos capítulos 4 e 5, referentes às análises das práticas de letramento e das avaliações do participante, tanto a primeira questão, quanto a segunda foram integralmente respondidas. As práticas de letramento levantadas no período de formação dos monitores, indicou a predominância dos letramentos locais em detrimento dos

letramentos dominantes entre as práticas de leitura e de escrita do participante. O uso da língua escrita, na fase anterior à chegada da *internet* na comunidade, era raro e estritamente associado às necessidades mais urgente de Gilberto: o jovem costumava escrever apenas quando sua mãe pedia ajuda para anotar informações de seus clientes (ela é pescadora e vende roupas e cosméticos para complementar a renda da família), ou então, quando copiava letras de música. Com relação à leitura, Gilberto praticamente não tinha acesso a nenhum tipo de acervo. Conforme demonstramos ao longo da dissertação, não existe na Barra de Mamanguape nenhuma biblioteca pública ou banca de revistas, por exemplo. Até antes da chegada do projeto *Pescadores Online*, podemos afirmar que as práticas de letramento de Gilberto eram limitadas pela falta de acesso à informação e aos bens culturais, e profundamente marcadas pelo contexto sociocultural de sua comunidade, que é tipicamente oral.

Ao longo do projeto de extensão e da presente pesquisa, porém, o cenário começa a se modificar. A comunidade ganha seu primeiro telecentro, conexão banda larga de alta velocidade disponível gratuitamente, uma equipe de extensionistas de diversas áreas do conhecimento, uma equipe de monitores formados na própria comunidade para atender os usuários, projetos e oficinas começam a mobilizar e chamar a atenção dos pescadores. É assim que as práticas de letramento de Gilberto também vão se ampliando, já que a partir do momento em que ele assume seu lugar social nesta aventura, um mundo de conhecimento se abre a sua frente. São novas leituras, novas necessidades de uso da escrita, a inclusão das novas TIC, tudo isso contribuindo para que Gilberto desenvolvesse novas habilidades, interesses e capacidades. Desse modo, podemos afirmar, conforme bem explicitado nos capítulos 4 e 5, que as práticas de letramento, especialmente as digitais, passaram por uma reconfiguração significativa se comparadas ao período anterior ao projeto de extensão e da presente investigAÇÃO.

Já no que diz respeito às avaliações/interpretações do participante acerca do processo de inclusão e letramento digital, concluímos que o conhecimento preliminar que levantamos acerca do contexto sociocultural, do perfil do participante, de suas práticas de leitura e de escrita, do seu pouco contato com as novas TIC, foi fundamental para que pudéssemos discorrer com mais propriedade sobre os comentários deixados por Gilberto em seus relatos reflexivos. Assim, os resultados apresentados no capítulo 4 foram essenciais para concluirmos nossa análise sobre as modalizações, já que as avaliações do participante perpassam, inevitavelmente, avaliações de elementos outros, associando-se à realidade individual e social do participante. Conforme nossa segunda questão de pesquisa, as modalizações mais recorrentes identificadas nos discurso de Gilberto foram as modalizações apreciativas, traduzindo julgamentos/avaliações provenientes do

mundo subjetivo do enunciador. A análise das marcas desse tipo de modalização nos relatos nos permite afirmar que Gilberto passa de um aluno/morador apreensivo, desconfiado e curioso, a um monitor formado e capacitado para atender os usuários de sua comunidade. Ao longo de seus relatos, percebemos que o participante se considera orgulhoso à medida em que as ações vão se desenvolvendo no telecentro. Assim, ele passa a “testar” seus conhecimentos, colocar em prática aquilo que até então ele somente tinha discutido no curso e nas reuniões do projeto; o contato com a internet começa a ser frequente, e, finalmente ele consegue avaliar a si mesmo e a comunidade de modo bastante positivo e seguro, diferente das avaliações iniciais. No início, havia otimismo e empolgação, curiosidade e interesse, entretanto, os sentimentos aparecem configurados como confusos, há uma mistura de crença e desconfiança. Com o tempo, esses sentimentos e ações passam por uma reconfiguração. A marca de modalização apreciativa mais relevante que identificamos no relato final foi o uso do adjetivo *orgulhoso* e de substantivos que traduzem a sensação de conquista, de superação e crença numa vida melhor. Além disso, é no relato final que Gilberto marca a influência das novas TIC nas suas práticas de leitura e de escrita, quando afirma: "hoje a leitura é frequente em minha vida".

Finalmente, gostaríamos de mencionar as implicações desta pesquisa tanto para a sociedade civil, quanto para a sociedade acadêmica. Em primeiro lugar, percebemos que para trabalhar com questões de letramento e projetos de letramento, sejam eles digitais ou não, é imprescindível conhecer a realidade sociocultural dos envolvidos no projeto de pesquisa. O panorama cultural dos participantes vai permitir que o pesquisador não somente conheça melhor a realidade desses indivíduos, como também proporcionará conhecimento relevante para a elaboração de ações participativas, que levem em considerações as especificidades socioculturais dos sujeitos envolvidos no processo de investigação. Esse comentário nos parece muito pertinente, afinal, as práticas de letramento estão inseridas em práticas sociais mais amplas de uso da linguagem escrita, ou seja, é preciso conhecer a realidade social e cultural do participante e do local onde essas práticas languageiras se desenvolvem, antes de intervir. Em segundo lugar, acreditamos que para atingir o objetivo maior da pesquisa-ação, que é a mudança social, os pesquisadores precisam estar em campo, participando ativamente das atividades e do cotidiano dos integrantes da investigação. Não se pode fazer pesquisa-ação sem participação, sem intervenção, sem o trabalho coletivo. Também percebemos o quanto é importante que o pesquisador respeite a comunidade pesquisada, seus costumes e suas tradições. Mesmo que seus dados não envolvam as pessoas do local, necessariamente, é importante que se respeite os hábitos e o cotidiano dos moradores. Digo isso porque através da experiência que tive enquanto pesquisadora residente do local onde se deu este estudo, pude observar e “sentir na pele” a reação de muitos moradores locais na presença de

pesquisadores. Não foi apenas uma ou duas as vezes que ouvi: “você pesquisadores chegam aqui, coletam seus dados, fazem suas pesquisas, enriquecem e nada deixam em troca para a comunidade.” Esse é um comentário bastante relevante se consideramos que partiu de quem convive com a presença constantes de pesquisadores em seu território. É o caso dos pescadores da Barra, já que a comunidade abriga a sede do Projeto Peixe-boi, é área de relevante interesse ecológico e está protegida legalmente, o que atrai centenas de pesquisadores do Brasil e do mundo. Por conta dessa avaliação dos moradores com relação à figura do pesquisador, muitas foram às vezes em que procurei mostrar, não somente através de ações, mas com um discurso bastante contundente, o meu posicionamento e compromisso enquanto pesquisadora social.

No que diz respeito à comunidade acadêmica, tanto o projeto de extensão, quanto a presente pesquisa, mobilizou dezenas de alunos, extensionistas, voluntários e professores, contribuindo diretamente para a formação acadêmica e científica dos participantes. Além disso, esse processo de pesquisa colocou os envolvidos em contato direto com a realidade da comunidade de Barra de Mamanguape, o que certamente contribuiu para o desenvolvimento individual e coletivo de todos os membros da equipe. Assim, a intervenção dos estudantes na vida cotidiana dos pescadores foi de grande valia, já que proporcionou a união entre a teoria e a prática, fundamental na experiência acadêmica.

Por último, gostaríamos de deixar registrado que numa pesquisa realizada na plataforma *Lattes* (www.cnpq.br), no dia 03 de março de 2012, encontramos 653 resultados com a palavra-chave *letramento digital*, incluindo doutores, mestres, especialistas, técnicos e demais pesquisadores. A pesquisa por *telecentro rural* apresentou 40 resultados e a palavra-chave *telecentro comunitário rural* encontrou 26 resultados para mestres e doutores. Com relação ao cruzamento das seguintes palavras-chave telecentro(s) comunitário(s) rural(is), letramento digital e Linguística Aplicada não encontramos nenhum resultado. Isso significa que a presente pesquisa pode ser pioneira na temática que envolve telecentros comunitários rurais, Estudos de Letramento e ISD no âmbito da Linguística Aplicada.

Assim, concluo este trabalho com a satisfação de ter cumprido meu trabalho e, com isso, ter incentivado centenas de pessoas a trabalharem coletivamente em prol de um bem comum - o conhecimento. Muitos devem achar que os moradores desta pequena comunidade têm prioridades muito mais urgentes do que o acesso à *internet*, entretanto, para nós, a conversa é outra: “não é dando o peixe que se ensina a pescar”. Além de ter sido incluído nos serviços básicos do bem-estar social, o acesso à *internet* vem se tornando uma das mais importantes ferramentas de intervenção

social, pois através das novas TIC os indivíduos têm tido maior possibilidade de ação na sociedade, além de poderem interagir muito mais entre si, compartilhando e difundindo conhecimento e informação. Por esse motivo, acreditamos ser a *internet* um dos ícones do desenvolvimento em Barra de Mamanguape. Plantamos a semente. Muitos projetos e ações ainda estão por vir, e como diz Gilberto, *tem muito ainda pra ser feito, muita gente ainda pra mudar, mas tudo isso vai acontecer se a gente acreditar...*

Referências

AGUIAR, Vicente Macedo de. **Software livre, cultura hacker e o ecossistema de colaboração**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ALBUQUERQUE, Márcia. **Vozes em diários dialogados de professoras de língua inglesa: um estudo interacionista discursivo**. Dissertação de mestrado, UFPB, 2011.

ALENCAR, Anderson Fernando de. **A pedagogia da migração do software proprietário para o livre: uma perspectiva freiriana**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2007.

ARAÚJO, Júlio César Rosa. **Relendo Metodologias: (REME) 10 anos de pesquisa em linguagem e tecnologia na UFMG e na UFC**. Belo Horizonte, MG: [s.n.], 2010.

ARIZPE, Lourdes (Org.). **As dimensões culturais da transformação global: uma abordagem antropológica**. Brasília: UNESCO, 2001.

BAGNO, Marcos, STUBBS, Michael, GAGNÉ, Gilles. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999 {1929}.

BARBIER, René. **A Pesquisa-Ação**. Tradução: Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2007.

BARTON, D., HAMILTON, M. **Local literacies: Reading and writing in one community**. London: Routledge, 1998.

BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC. **Situated Literacies: reading and writing in context**. New York: Routledge, 2000.

BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social**. 1ª ed. São Paulo: EDITORA CULTRIX LTDA, 1973.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação e da Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, Secretaria de educação Fundamental, 1998.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. MACHADO, Anna Rachel; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (org.). Campinas: Mercado de Letras, 2006.

_____. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Trad.: Anna Rachel Machado; Maria de Lourdes Meirelles Matêncio. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

_____. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 2ª ed. São Paulo: Educ, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - A sociedade em Rede**. v.1. (Tradução MAJER, Roneide Venâncio). São Paulo: Editora Paz e Terra, 9ª ed., 1999.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil: TIC domicílios e TIC empresas 2009**. São Paulo: CGI.br, 2010 (www.cgi.br acesso em 02/02/12)

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

DENZIN, K. Norman; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Tradução: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos**. 2 ed. Brasília: Líber Livro, 2008.

_____. **Inclusão Digital: cada vez mais no centro da inclusão social**. Brasília: Inclusão Social, v. 1, n. 1, p. 36-38, out/mar., 2005.

DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO LITORAL NORTE. **Pavimentação da rede rodoviária básica PB-008 Litorânea Norte**. Departamento de Estradas de Rodagem (D.E.R): Paraíba, setembro de 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FREITAS, Maria Teresa. **Letramento digital e formação de professores**. Educação em Revista, v.26, n.03, p.335-352. Belo Horizonte, dez. 2010.

GOUVEIA, Luis Borges; GAIO, Sofia (orgs.) **Sociedade da Informação: balanço e implicações**. Edições Universidade Fernando Pessoa, 2004.

GRISPUN, Mirian P. S. Zippin (Org.). **Educação Tecnológica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2009.

HABERMAS, J. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Trad. Guido de Almeida. R.J: Tempo Brasileiro, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução SILVA, Tomaz Tadeu; e LOURO, Guacira Lopes. 4 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em www.ibge.gov.br (Acesso em 03/03/12).

KLEIMAN, Ângela. Modelos de Letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____ (org.) **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, p.15-59, 1995.

_____. **Preciso ensinar letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005.

_____. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Santa Cruz

do Sul: Signo, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez., 2007.

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras nas comunidades virtuais. In: **IV Seminário de Línguas Estrangeiras**. Anais do IV Seminário de Línguas Estrangeiras. Goiânia: UFG, 2002. v. 1, p. 95-108.

LEITÃO, Poliana Dayse Vasconcelos. **A apreensão do gênero projeto de pesquisa por alunos do curso de licenciatura em letras**. Dissertação de mestrado. UFPB, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução COSTA, Carlos Irineu. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução: Fabiana Komesu. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. Parábola Editorial, São Paulo, 2008.

_____. A coerência no hipertexto. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento Digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. **O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Linguagem & Ensino (UCPel), Pelotas - RS, v. 4, n. 1, p. 79-112, 2001.

_____. **Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto**. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 3, p. 21-46, 1999.

MEDRADO, Betânia Passos; PÉREZ, Mariana (Orgs.). **Leituras do agir docente: a atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sociodiscursiva**. São Paulo: Pontes Editores, 2011.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; ROJO, R.H.R. Linguagens, códigos e suas tecnologias. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares de Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC/SEB/DPEM, 2004, p.14-56.

_____. Da Aplicação da Linguística a Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Maria del Pilar. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009. pp. 12-23.

_____. **Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. v. 1. 279 p.

_____. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. pp. 101-114.

OBSERVATÓRIO NACIONAL DE INCLUSÃO DIGITAL. Disponível em www.onid.org.br (acesso em 03/03/12).

OLIVEIRA, Maria do Socorro; KLEIMAN, Ângela (Orgs.). **Letramentos múltiplos: agentes, práticas, representações**. Natal: EDUFRN, 2008.

OLIVEIRA, Maria Socorro; RODRIGUES, M.G.S. e VIAN JR., Orlando. Caderno de Programação e Resumos – **VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET)**. Natal, RN: Editora UFRN, 2011.

PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

PÉREZ, Mariana. **Com a palavra, o professor: vozes e representações docentes à luz do interacionismo sociodiscursivo**. Dissertação de mestrado, UFPB, 2009.

PRETTO, Nelson de Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologia do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 12 ed. Petrópolis, 2001.

REICHMANN, Carla Lynn. Constructing communities of practices through memoirs and journals. In: BURTON, J.; QUIRKE, P.; REICHMANN, C.L. PEYTON, J.K (orgs.). **Reflective writing: a way to lifelong teacher learning**. San Francisco: TESL-EJ Publications, pp. 44-62, e-book, 2009a. Disponível em <http://www.tesl-ej.org/wordpress/book>. Acesso em 28/03/2011.

_____. Ensinar, escrever, refazer(-se): um olhar sobre narrativas docentes e identidades. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009b.

RODRIGUES, Maria Anunciada Nery. **As (re)configurações sobre o trabalho docente em relatórios de estágio**. Dissertação de Mestrado, UFPB, 2011.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **O Letramento escolar e os textos da divulgação científica: a apropriação dos gêneros de discurso na escola**. Revista Linguagem em (Dis)curso, v.8, n.3, set/dez. 2008.

SANTOS, Ailton Dias (Org.). **Metodologias Participativas: caminhos para o fortalecimento de espaços públicos socioambientais**. São Paulo: Petrópolis, 2005.

SERVIÇO FEDERAL DE PROCESSAMENTO DE DADOS (SERPRO). Disponível em www.serpro.gov.br (Acesso em 03/03/12).

SIGNORINI, Inês. **Do residual, ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada**. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 99-110.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Inclusão Digital, software livre e globalização contra hegemônica**. Seminários Temáticos para a 3ª Conferência Nacional de C, T & I. Parcerias Estratégicas, n. 20,

jun., 2005.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na cibercultura. Campinas: Educ Soc., vol. 23, n.81, p.143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> (acesso em 29/11/11)

SOUTO, Átila Augusto; CAVALCANTI, Daniel B.; MARTINS, Roberto Pinto (Orgs.). **Um Plano Nacional de Banda Larga:** o Brasil em alta velocidade. Ministério das Comunicações, 2010.

SOUZA, V. V. Soares. **Letramento digital e formação de professores.** Revista Língua Escrita, n. 2, p. 55-69, dez. 2007.

STREET, Brian V. **Cross-cultural approaches to literacy.** New York: Cambridge University Press, 1993.

_____. **Literacy in theory and practice.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TINOCO, Glícia M. Azevedo de M. **Projetos de letramento:** ação e formação de professores de língua materna. Tese de doutorado, UNICAMP, 2008.

TOFFLER, Alvin. **A Terceira Onda.** (Tradução TÁVORA, João). Rio de Janeiro: Editora Record, 22ª ed., 1980.

_____. **O Choque do Futuro.** (Tradução ALVES, Eduardo Francisco). Rio de Janeiro: Editora Record, 4ª ed., 1970.

TOURAINE, Alain. **La société post-industrielle.** Paris: Denoël, 1969.

VALSECHI, Marília Curado. **Alfabetização e letramento:** entrevista com Ângela Del Carmen Bustos Romero de Kleiman. Educação & Docência, Ano 1, n.1, p. 3-5, jan/jun de 2010.

VYGOTSKY, L.S. **Penseé et language.** Paris: La Dispute, 1934.

VÓVIO, Claudia; SITO, Luanda; DE GRANDE, Paula (Orgs.). **Letramentos:** rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

XAVIER, Antonio C.S. **A Era do hipertexto:** linguagem e tecnologia. 1. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009, v. 1, 227 p.

_____. **Hipertexto e Pós-modernidade.** Recife: Investigações, v. 16, n. 02, p. 181-191, 2003.

APÊNDICE

Apêndice A. Questionário (1) sobre práticas de letramento e acervos de leitura (fase de formação)

Projeto: Pescadores Online: pesquisa-ação sobre a formação de agentes de letramento digital de um telecentro comunitário na Barra de Mamanguape.

Base de pesquisa: Letramento e ISD

Pesquisadora: Thais de Abreu Garcia, mestranda PROLING/UFPB

Orientadora: Carla Lynn Reichmann, PROLING/UFPB

Caro participante,

Com este questionário, queremos conhecer um pouco da realidade em que você vive e das práticas de leitura e escrita que você desenvolve em diferentes âmbitos de sua vida. Descobrir o que lê e o que escreve, como, por que e para quê nos dará o suporte necessário para que possamos responder às perguntas formuladas no projeto de pesquisa em desenvolvimento.

Obrigada,

Prof. ^a: Thais Garcia

INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO

- Primeiramente, folheie todo o questionário e veja como ele está organizado;
- Leia todas as alternativas e escolha a resposta mais adequada assinalando a alternativa desejada;
- Nas respostas subjetivas, procure abranger ao máximo a questão abordada;
- Procure responder a todas as perguntas.
- Responda todas as questões à caneta.

A. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

1.Qual a sua idade?

2.Onde você nasceu?

3.Onde você mora?

4.Quantas pessoas moram com você?

5.Em sua residência, quantas pessoas exercem trabalho remunerado? Marque com um x o setor de atividade dos seus pais ou responsáveis:

pesca

agricultura

indústria

serviço

órgão municipal

órgão estadual

órgão federal

artesão

profissional liberal

outros. Especifique: _____

6. Sua família está cadastrada em programas oficiais de auxílio (bolsa-escola, seguro desemprego, etc.)? sim não Qual(is)?

7. Qual a situação de trabalho dos seus pais ou responsáveis?

8. Qual a sua situação de trabalho fora do projeto “Pescadores Online”?

9. Qual o seu grau de escolaridade?

Ensino Fundamental completo

Ensino Médio completo

Ensino Superior em andamento

Ensino Superior Completo

Pós-graduação

10. Qual o grau de escolaridade dos seus pais

não frequentaram a escola

Ensino Fundamental completo

Ensino Médio completo

Ensino Superior em andamento

Ensino Superior Completo

Pós-graduação

11. Onde você realizou seus estudos? escolas públicas escolas particulares

12. Você cursou algum tipo de supletivo? sim não

13. Marque com um x os itens e serviços que você possui em sua residência:

TV

Rádio

DVD

Telefone fixo

Telefone celular

Câmera digital

Computador

Impressora

Acesso à *internet*. Tipo de acesso: _____

Geladeira/ Freezer

Máquina de lavar roupas

Fogão

Água encanada

Energia elétrica

Coleta de lixo

Tratamento de esgoto

B. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E ACERVOS NO ÂMBITO DOMÉSTICO

1. Marque com um x os materiais que você tem em sua casa:

Álbuns de fotografia

Bíblia ou livros religiosos

Livros escolares

Livros de literatura

Enciclopédias

Dicionários

Folhetos ou livretos de movimentos sociais, de partidos políticos ou de grupos religiosos

Folhinha, calendários

Guias de ruas e serviços

Catálogos e listas telefônicas

Jornais e revistas Por exemplo:

Livros de receitas

Livros infantis

Livros técnicos ou especializados

Manuais de instrução

Outros. Quais? _____

2. Que tipo de leitura você normalmente faz em casa?

3. Você costuma ler para alguém em sua casa? sim não O quê? Para quem? Com que finalidade? Com que frequência?

4. Quando era criança, alguém lia para você em seu ambiente familiar? sim não O que liam? Quem lia para você?

5. Você costuma ler com alguém em seu ambiente familiar? sim não Com quem? O que vocês leem? Para quê?

6. Em casa, o que você normalmente escreve?

7. Você costuma escrever por alguém em sua casa? sim não O quê? Para quê? Com que frequência?

8. Você tem acesso à internet em casa? sim não Em caso afirmativo, o que costuma acessar?

9. Com relação ao uso do celular, além de ligações, para quê você usa seu celular?

10. Você costuma ouvir músicas em casa? sim não Que tipo de música você costuma ouvir?

11. Você ouve o rádio? O que costuma ouvir?

12. Você assiste TV em casa? O que costuma assistir?

C. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E ACERVOS EM DIVERSOS ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO E CONVIVÊNCIA

1. De modo geral, você diria que gosta de ler? Em caso afirmativo, o que você gosta de ler?
2. De modo geral, você diria que gosta de escrever? Em caso afirmativo, o que você gosta de escrever?
3. Você acha que alguém da sua família influenciou seu gosto pela leitura e pela escrita? Em caso afirmativo, quem?
4. Quem mais pode ter influenciado seu gosto pela leitura e pela escrita?
5. Se você não gosta de ler e de escrever, quais os motivos?
5. Você costuma ir a bibliotecas públicas, ou a algum lugar que empresta livros?

sim não Com que frequência?

6. Você costuma ler jornal impresso? sim não Qual (is) Com que frequência? Como você obtém os jornais que lê?

7. Marque com um x as partes do jornal que você mais gosta de ler. (Caso não leia jornal, pule para a próxima questão)

A primeira página: manchetes, resumos das notícias mais importantes

Noticiário local ou notícias do cotidiano da cidade

Noticiário nacional

Noticiário internacional

Noticiário policial

Política

Economia e negócios

Esportes

Programação de TV, cinema, teatro, *shows* e exposições

Humor, quadrinhos, passatempos, palavras-cruzadas

Classificados

Horóscopo

8. Você costuma ler livros? sim não Que tipo de livro você costuma ler? Como você obtém os livros que lê? Quantos livros você leu nos últimos seis meses?

9. Caso já tenha lido algum livro, qual chamou mais sua atenção? Por quê?

10. Caso nunca tenha lido um livro, qual o motivo? Gostaria de começar a ler? Por que e que tipo de livros gostaria de ler?

11. Você costuma ler revistas? sim não Qual (is)? Como você obtém as revistas que lê? Com que frequência costuma ler revistas

12. Em sua comunidade, você tem acesso a jornais? sim não Onde?

13. Em sua comunidade, você tem acesso a livros? sim não Onde?

14. Em sua comunidade, você tem acesso a revistas? sim não Onde?

15. Em seu convívio social, há práticas de leitura? Quais?

16. Em seu convívio social, há práticas de escrita? Quais?

D. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E ACERVOS NO ÂMBITO DE FORMAÇÃO

1. Atualmente, você está estudando? sim não Onde?

2. Marque com um x as atitudes que você costuma (ou costumava) tomar quando lê (ou lia) para estudar:

Escreve comentários nas margens do texto

Sublinha partes do texto

Anota as ideias mais importantes

Copia partes do texto

Faz resumos do que leu

Faz esquemas com as ideias principais do texto

Outras. Especifique: _____

Nenhuma das opções acima

3. Marque com um x os textos que você costuma (ou costumava) ler ou consultar para estudar:

Livros didáticos

Ensaaios, artigos ou livros teóricos

Livros de literatura

Jornais

Revistas

Dicionários

Enciclopédias

Apostilas

Textos ou exercícios em folhas avulsas

Notas, esquemas, textos ou exercícios no caderno

Outras. Especifique: _____

Você costuma (ou costumava) tomar notas das aulas? sim não

4. Marque com um x as atividades que você costuma (ou costumava) realizar dentro e/ ou fora da sala de aula:

Trabalhos em grupos

Exercícios escritos

Leitura de textos

Produção de textos ou redação

Debates e discussão em grupos

Seminários

Jogos ou dramatizações com finalidade de estudo

Provas

Leitura em voz alta

Leitura silenciosa e interpretação de textos

Reescrita de textos próprios

6. Você tem (ou tinha) acesso ao computador na escola/ universidade? **sim não** Onde? Com que frequência utiliza (ou utilizava) o computador na escola/universidade?
7. Você tem (ou tinha) acesso a *internet* na escola/universidade? **sim não** Onde? Com que frequência costuma (ou costumava acessar)? Que tipo de atividades você desenvolve (ou desenvolvia) na *internet*?

E. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E ACERVOS EM AMBIENTE VIRTUAL

1. Quando, onde e com quem foi seu primeiro contato com o computador? Como se sentiu? Como se sente hoje?
2. Quando, onde e com quem foi seu primeiro acesso à *internet*? Como se sentiu? Como se sente hoje?

3. Com que frequência você acessa a *internet*? De onde você normalmente acessa?

4. Marque com um x as atividades que você costuma realizar no computador:

Escrever relatórios e outros textos

Fazer trabalhos escolares/ acadêmicos

Organizar tarefas domésticas

Digitar dados ou informações

Elaborar planilhas e montar bancos de dados

Consultar e pesquisar

Fazer cursos à distância

Pagar contas e movimentar contas bancárias

Enviar e receber e-mails

Comprar pela *internet*

Jogar ou desenhar

Navegar por diversos *sites*

Copiar ou baixar músicas em CD ou arquivo eletrônico

Entrar em *sites* de bate-papo e discussão

Acessar redes de relacionamento

Outras. Especifique: _____

5. Com relação às práticas de leitura em ambiente virtual, o que você normalmente lê?
6. Com relação às práticas de escrita em ambiente virtual, o que você normalmente escreve?
7. Quais são os sites que você acessa com mais frequência e para quê você os acessa?
8. Você possui algum *blog* pessoal? **sim não** Em caso afirmativo, para que o utiliza?
9. Descreva, de modo geral, o seu cotidiano com relação à tecnologia.

F. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E ACERVOS NO ÂMBITO DO CURSO DE

FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO DE MONITORES DO TELECENTRO COMUNITÁRIO DA BARRA DE MAMANGUAPE

1. Dos textos que você leu, qual (is) chamou mais a sua atenção? Por quê

2. Marque com um x as atividades realizadas durante o curso:

Leitura silenciosa

Leitura coletiva em voz alta

Trabalhos em grupos

Jogos ou dramatizações

Apresentações de trabalhos em grupos

Discussão e elaboração de regras para o telecentro

Elaboração de projetos para a comunidade visando o uso da leitura e da escrita em ambiente virtual

Provas

Questionários

Debates

Produção de textos

Exercícios escritos

Leitura de documentos oficiais do telecentro

Leitura de manuais sobre telecentros e banda larga. Especifique:

3. Marque com um x os temas abordados nos textos que você leu durante o curso:

Cidadania

Inclusão social

Sociedade da Informação

Inclusão digital

Letramento

Letramento digital

Monitores

Plano Nacional de Banda Larga (PNBL)

Telecentros Comunitários

4. Com relação às leituras, de que maneira eles contribuíram para a sua formação? 5. Com relação à prática escrita, qual o desafio em relação à produção dos relatos reflexivos? Você aprendeu algo com essa prática? O que?

5.. Na sua concepção, o que são práticas de letramento?

6. O que significa a perspectiva do ‘telecentro como agência de letramento’?

7. Quais seus desafios enquanto agente de letramento digital do telecentro comunitário da Barra de Mamanguape?

8. De que maneira você acha que pode continuar sua formação enquanto agente de letramento

digital?

9.O que seriam projetos de letramento digital? Cite alguns possíveis exemplos e como eles podem contribuir para o desenvolvimento pessoal dos pescadores e da comunidade como um todo.

10.Quais as suas expectativas com relação ao telecentro comunitário da Barra de Mamanguape?

11.Em sua opinião, quais fatores são essenciais para que você se constitua como agente de letramento digital do telecentro comunitário da Barra de Mamanguape?

12.Qual o momento do curso que mais marcou você? Por quê?

13.De que maneira as práticas de leitura e escrita estarão presentes no seu dia-a-dia no telecentro comunitário?

14.Em sua opinião, você se sente preparado para atuar no telecentro como agente de letramento digital? Justifique e trace algumas metas para atingir esse objetivo.

Apêndice B. Orientações para os relatos reflexivos (fase de formação)

Caro participante, você está recebendo orientações para a produção de quatro relatos reflexivos. Leia atentamente as sugestões abaixo.

O “relato reflexivo” é um gênero autobiográfico e, segundo Signorini, incorpora duas funções:

A primeira dessas funções é a de dar voz ao professor enquanto profissional. Através do “relato reflexivo”, são desencadeados processos de articulação e legitimação de posições, papéis e identidades auto referenciadas, ou seja, construídas pelo narrador/autor para si mesmo. A segunda função é a de através da interlocução mediada pela escrita, criar mecanismos e espaços de reflexão sobre teorias e práticas que constituem os modos individuais e coletivos de compreensão e de produção/reprodução desse campo de trabalho, bem como das identidades profissionais, individuais e de grupo. (Signorini, 2006:55).

- I. Relato reflexivo sobre sua formação acadêmico-profissional: Faça uma reflexão em torno das suas experiências de formação acadêmico-profissional. Através da linha da vida, procure colocar em ordem cronológica os textos, eventos, pessoas e experiências mais marcantes durante sua trajetória. De que maneira eles marcaram sua vida enquanto aluno e profissional que você foi/é?
- II. Relato reflexivo sobre seus primeiros contatos com as novas tecnologias de informação e comunicação: como foram as suas experiências, quais eram suas expectativas, como você se sentiu ao usar o aparelho celular, o computador, a máquina digital, entre outros aparelhos pela primeira vez?
- III. Relato reflexivo sobre suas expectativas iniciais com relação ao Curso de Formação e Capacitação de Monitores de Letramento e ao telecentro: você deve escrever esse relato logo no início do curso de modo a relatar suas expectativas com relação ao mesmo. O que você espera deste curso? De que modo este curso irá contribuir para o desenvolvimento das suas atividades enquanto agente de letramento digital do telecentro da sua comunidade onde você mora? O que você espera do Projeto “Pescadores Online” e de que modo o telecentro irá contribuir para o desenvolvimento sustentável da comunidade? Como você irá contribuir para o sucesso das atividades realizadas no âmbito do telecentro?
- IV. Relato reflexivo sobre suas percepções e expectativas ao final do curso. O curso superou suas expectativas iniciais? Quais suas impressões sobre o mesmo? Como você entrou? Como saiu?

Apêndice C. Questionário (2) sobre práticas de letramento digital (fase de atuação)

Projeto: Pescadores Online: pesquisa-ação sobre a formação de agentes de letramento digital de um telecentro comunitário na Barra de Mamanguape.

Base de pesquisa: Letramento e ISD

Pesquisadora: Thais de Abreu Garcia, mestranda PROLING/UFPB

Orientadora: Carla Lynn Reichmann, PROLING/UFPB

Caro participante,

Com este questionário, queremos conhecer um pouco da realidade em que você vive e das práticas de leitura e escrita que você desenvolve em ambiente virtual em diversos âmbitos da vida, desde o início de sua atuação enquanto agente de letramento digital no telecentro embrião. Descobrir o que lê e o que escreve em ambiente virtual, como, por que e para quê nos dará o suporte necessário para que possamos responder às perguntas formuladas no projeto de pesquisa em desenvolvimento.

Obrigada,

Prof. ^a: Thais Garcia

INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO

- Primeiramente, salve este documento no seu computador;
- Leia todo o questionário e veja como ele está organizado;
- Procure abranger ao máximo a questão abordada;
- Procure responder a todas as perguntas (Fonte: Times New Roman, Tamanho 11, espaçamento entre linhas: 1,5cm)
- Salve o documento respondido no seu computador e envie anexado para thaisgarciaabr@gmail.com

A. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE VIRTUAL NO ÂMBITO DO TELECENTRO EMBRIÃO

1. Com que frequência você acessa a *internet* no telecentro embrião?

2. Marque com um x as atividades que você costuma realizar no computador e na *internet*:

Escrever relatórios e ofícios

Organizar tarefas do telecentro

Enviar e receber e-mails

Elaborar planilhas

Montar banco de dados

Pesquisar

Fazer cursos à distância

Acessar redes de relacionamento

Entrar em *sites* de bate-papo e discussão

Editar vídeos

Editar imagens

Postar vídeos e imagens

Postar no *blog* do Projeto Pescadores Online

Ler outros *blogs*. Especifique: _____

Pesquisar editais

Escrever projetos

Copiar ou baixar arquivos eletrônicos

Outras. Especifique: _____

3. Com quais aparelhos relacionados às novas TIC você costuma lidar? Para que você os utiliza?

Você tem alguma dificuldade em operá-los? Quais?

4. Quais são os sites que você acessa com mais frequência? Para quê você os acessa?

5. Com relação às atividades que você desenvolve no telecentro embrião, pelas quais você mais se interessa? Fale das atividades com as quais você lida melhor e com as quais você têm mais dificuldades.

6. Com relação às práticas de leitura e escrita, você sente alguma dificuldade? Quais são elas e que fatores você associam a elas?

B. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE VIRTUAL NO ÂMBITO DA SOCIALIZAÇÃO E CONVÍVÊNCIA

1. Você possui algum *blog* pessoal? sim não Em caso afirmativo, para quê você o utiliza?

2. Você utiliza ferramentas como MSN, Skype, entre outras para se comunicar com amigos ou familiares? Com que frequência?

3. Você possui perfis em redes de relacionamento? Quais? O que mais lhe atrai nessas redes?

4. Você utiliza o computador e a internet para entretenimento? De que forma?

5. Quais são os sites que você mais acessa?

6. Você gosta de acessar jornais, revistas e rádios online? Quais?

7. Você costuma baixar músicas, vídeos e outros arquivos eletrônico.

Apêndice D. Orientações para o relato reflexivo (fase de atuação)

Caro participante,

Você está recebendo orientações para a produção de um relato reflexivo sobre a fase que compreende às suas ações enquanto agente de letramento digital. Conhecer um pouco mais sobre suas expectativas nesta fase nos ajudará no desenvolvimento da nossa pesquisa.

Reflita sobre suas práticas no telecentro embrião nos últimos três meses: como você se sente hoje em comparação com a maneira como você se sentia na fase de formação? O que mudou? O que você tem aprendido com as suas atividades de agente de letramento digital e de que modo esta nova função vem influenciando os vários âmbitos da sua vida no tocante ao uso da língua escrita, principalmente em ambiente virtual? Alguma coisa mudou na forma como você se relaciona com a leitura e a escrita em casa; no âmbito de sua formação profissional; nos diversos espaços de socialização e convivência e, no âmbito do Projeto *Pescadores Online* como um todo? Em outras palavras, explique o que mudou com relação às suas experiências de letramento, especialmente o digital, desde o início de sua formação até o momento atual?

Finalmente, com relação à sua prática enquanto agente de letramento digital, como você a descreveria nesta fase de atuação propriamente dita?

Orientações gerais: Digitar em fonte Times New Roman, tamanho 11, com espaçamento de 1,5cm entre linhas; salve o documento no seu computador e, em seguida, envie anexado para thaisgarciabr@gmail.com

Apêndice E. Objetivos do curso de formação de monitores do telecentro “Pescadores Online”



OBJETIVOS DO CURSO DE FORMAÇÃO DE MONITORES DO TELECENTRO COMUNITÁRIO PESCADORES ONLINE – BARRA DE MAMANGUAPE

- a) formar e capacitar monitores dentro da própria comunidade para atuarem diretamente no telecentro comunitário;
- b) promover o acesso dos monitores à informação, principalmente através da *internet*, e proporcionar suporte teórico através de textos sobre temas relacionados à inclusão e letramento digital;
- c) sensibilizar e mobilizar os monitores com relação aos problemas enfrentados pela comunidade (tendo em vista o levantamento do Diagnóstico Rural Participativo – DRP - realizado em fevereiro/2011);
- d) dar suporte para o desenvolvimento de projetos de letramento digital que visem ao desenvolvimento sustentável da comunidade (tendo em vista as potencialidades da comunidade, levantadas no Mapa Falado (DRP);
- e) desenvolver ações participativas com vistas ao desenvolvimento pessoal e coletivo dos pescadores da Barra de Mamanguape;
- f) promover seções reflexivas visando o desenvolvimento da prática docente dos agentes em formação e,
- g) contribuir para a prática reflexiva dos mesmos através do incentivo à produção de relatos reflexivos sobre a formação acadêmica e profissional deles, suas relações com as novas tecnologias e suas expectativas iniciais e finais com relação ao curso e ao telecentro; conhecer as práticas de letramento dos participantes do curso.

ANEXOS

Anexo A: Declaração de concordância com o projeto de pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA



DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O PROJETO DE PESQUISA

REGINA CELI MENDES PEREIRA DA SILVA, Professora Adjunta do Quadro Permanente da UFPB, Coordenadora do programa de Pós-Graduação em Linguística – PROLING, da Universidade Federal da Paraíba – Campus I – João Pessoa/PB, portadora do RG 786-650-SSP/PB, declaro que estou ciente do referido projeto de pesquisa intitulado: **“Uma escola, um cinema, uma passagem”: um estudo sobre letramento digital num telecentro comunitário rural à luz da Linguística Aplicada**, desenvolvido pela aluna do Mestrado THAIS DE ABREU GARCIA, Mat. 110100426, sob orientação da Professora Doutora Carla Lynn Reichmann, e comprometo-me em verificar eu desenvolvimento para que possa cumprir integralmente os itens da Resolução 196/96, que dispões sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

João Pessoa, 25 de novembro de 2011.

Anexo B: Certidão do Comitê de Ética em Pesquisa

Anexo 2: Certidão do Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa, do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 7ª Reunião realizada no dia 25/10/2011, o projeto de pesquisa intitulado: "PESCADORES ONLINE: UM ESTUDO SOBRE A FORAÇÃO DE MONITORES DE UM TELECENTRO COMUNITÁRIO EM BARRA DE MAMANGUAPE, PB À LUZ DO INTERACIONANISMO SOCIODISCURSIVO E DAS TEORIAS SOBRE MÚLTIPLOS LETRAMENTOS", da Pesquisadora Thaís de Abreu Garcia. Protocolo nº. 0259/11.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionado à apresentação do resumo do estudo proposto à apresentação do Comitê.


Thaís de Abreu Garcia
Pesquisadora - CEP-CCS-UFPA

Anexo C: Termo de consentimento livre e esclarecido do participante da pesquisa

Prezado Senhor

Esta pesquisa é sobre a formação de monitores do Telecentro Comunitário *Pescadores Online* e está sendo desenvolvida por Thais de Abreu Garcia, aluna do Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof.^a(a) Carla Lynn Reichmann. O objetivo deste estudo é mapear, investigar e historiar as experiências de letramento dos monitores em formação e identificar as modalidades que revelam a avaliação dos participantes acerca do projeto de extensão *Pescadores Online*. A finalidade deste trabalho é contribuir para o avanço nas pesquisas sobre múltiplos letramentos e sobre o Interacionismo Sociodiscursivo. Além disso, procuramos contribuir para a discussão acerca da inclusão e do letramento digital em contextos não formais. Os participantes serão beneficiados a partir do momento que estarão contribuindo para seu desenvolvimento profissional e pessoal através de suas próprias práticas e atitudes reflexivas. Solicitamos a sua colaboração para responder a 02 questionários sobre suas experiências de letramento e produzir 05 relatos reflexivos acerca do histórico de suas experiências de letramento; como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Linguística. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos para a saúde, tampouco risco de danos morais ou de qualquer natureza. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o senhor não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

_____(em sigilo)_____
Assinatura do Participante da Pesquisa

_____(em sigilo)_____
Assinatura da Testemunha

Contato com a Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora:

Thais de Abreu Garcia: (83) 8873-5792

Endereço (Setor de Trabalho: Estrada da Barra de Mamanguape, s/n - Telecentro Comunitário
Pescadores Online

Contato com o Comitê em Ética e Pesquisa da UFPB:

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – Campus I –
Cidade Universitária/ CEP: 58.051-900/ bloco: Arnaldo Tavares, sala 812. Telefone: (83) 3216-7791/ e-mail:
eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Anexo D: *Corpus* da pesquisa

Relato I: Formação acadêmica e profissional:

Família: minha mãe e meu pai que me deram a vida e tudo que precisei até hoje, mostrando o caminho certo.

Professores: Por ter ensinado a ver o mundo através da leitura. Sem estudo não seria possível ser alguém.

Ba (Colega): que me convidou para trabalhar no Projeto Peixe-Boi onde ele trabalhava como guia recepcionista.

Thalma: coordenadora do Projeto Peixe-Boi. Foi quem me fez aprimorar meu conhecimento sobre os peixe-boi.

Eventos: solturas dos animais (peixe-boi) em ambiente natural.

Experiências: resgates de peixe-boi encalhados, biometria aonde você tem um contato maior com a espécie. Conhecer pessoas na parte relacionada ao turismo.

Relato II: Primeiro contato com as novas tecnologias:

Meu primeiro contato foi com um celular que ganhei do meu pai, foi meu presente de aniversário aos 18 anos. Lembro como se fosse hoje a minha alegria. Não era todo jovem da minha idade que tinha um celular. Isso há uns 5 anos atrás, falar com uma pessoa a quilômetros de distância era uma experiência muito diferente, as pessoas da minha comunidade andavam 5 quilômetros para fazer uma ligação para seus familiares ou amigos na antiga (TELPA) que tinha em Praia de Campina, na época só tinha telefone fixo. O meu celular caiu na água e não prestou mais. Fiquei muito triste, meu celular, meu presente! Hoje todos podem ter um celular eu já cheguei a ter 3 de uma só vez, não da pra ficar sem. Hoje quero um computador. Não por que tá na moda, mais pela facilidade de comunicação e pesquisa. No meu primeiro contato com computador fiquei um pouco assustado, não sabia mexer em nada, mais estava muito curioso. Sentei na frente do computador, coração disparado, era como algo ter feito algo de errado e te sido descoberto, essa era a minha sensação no momento, depois com tempo fui conhecendo melhor, hoje ainda fico assustado, mas já consigo fazer pesquisa, ver vídeos, ver as notícias do Brasil e do mundo, acho que o computador é a superação do homem em termos de tecnologia, você pode fazer quase tudo através dele, gosto muito de pesquisar os site de musicas, saber quem e qual musica ta bombando, ver vídeos de técnica vocal, é tudo muito fácil e rápido desde que a banda larga seja de qualidade, ate tenho meu próprio email!

Relato III – Expectativas com relação ao curso

Nesta data 28/05/2011 demos início ao curso de agente de letramento digital, ministrado pela prof.^a Thais. Bom, confesso minha dificuldade neste inicio. Mesmo assim estou otimista e empolgado. O curso é apenas um começo, muita coisa ainda vai acontecer. A comunidade está apreensiva, todos querem ver o telecentro funcionando. Estou sendo capacitado para ajudar as pessoas da comunidade. Também tenho a responsabilidade de criar projetos e buscar melhorar os que já existem na comunidade. Neste curso dado pela prof.^a Thais, estou aprendendo como fazer isso.

Nesta data 29/05/2011 nos encontramos novamente para mais um dia de curso, falamos de

banda larga, as novas TIC e elaboramos projetos, discutimos direitos deveres de um cidadão. Espero com esse curso me tornar um agente de letramento digital capacitado e ajudar as pessoas da minha comunidade dentro do Projeto Pescadores Online, ensinando a usar a internet para melhorar a sua vida e mudar a história de nossa comunidade. Com esse curso terei a oportunidade de me capacitar como agente de letramento digital.

Relato IV: Expectativas após o curso

Nesta data 04/06/2011, às 11h terminamos o curso de agente de letramento digital. Ainda não me sinto capacitado, mais as minhas expectativas aumentaram muito, terminamos a primeira fase do curso, no início estava perdido, a cabeça vazia, mas agora deu uma clareada. A antena já foi montada as coisas estão andando agora. Meu conhecimento sobre letramento digital é bem maior agora, espero contribuir com meu conhecimento para melhorar a comunidade, esse curso é de grande importância, hoje não sou mais o mesmo, isso eu tenho certeza. A festa de confraternização foi legal, comida, bebida, todos que fizeram o curso pareciam felizes e estavam otimistas.

Relato V: Relato final sobre o projeto de extensão

Antes e depois do projeto pescadores online

Minha vida era trabalhar no projeto peixe-boi, jogar bola com os amigos, sonhar com minha carreira na musica, já que sou apaixonado por forró, e canto em uma banda. Um curso de computação é caro, e assim como muitos eu não tinha dinheiro pra isso.

Antes de esse projeto ser apresentado pra comunidade da barra, eu como morador não imaginava que um dia fosse ter aqui, um projeto de inclusão digital, internet então nem em sonhos, assim como todos os moradores fiquei pensando será que isso vai se torna realidade um dia, outras pessoas passarão aqui com ideias de trazer projetos também, e ate agora não temos nada além de promessa, chegam aqui, fazem suas pesquisas sugam a comunidade, prometem melhoras e nunca deixam nada em troca do que levam.

Não acreditando que seria verdade que esse projeto traria pra barra internet, e que através do mesmo , os pescadores seriam capacitados para usar um computador, muitos moradores foram contra, mais eu assim como poucos , acreditei e acredito que esse é o caminho pra uma vida melhor, onde as pessoas tem direito iguais aos seus deveres.

Pensando assim fui me envolvendo no projeto, conhecendo, gostando, e foi aparte desse envolvimento que eu tive meu primeiro contato com um computador, então tratei logo de fazer meu email né, depois fui aprendendo a pesquisar entrar em sites pra ver musicas, pegadinhas, shows de humor , jogar dama, tudo conectado através de um modem , com uma internet lenta, e foi assim também com essa mesma internet que veio as primeiras reuniões , falávamos de como seria, o que iríamos fazer, essas conversas duraram meses, e eram realizadas na casa da cordenadora do projeto , ate que conseguimos o nosso primeiro espaço e dermos o nome de telecentro embrião. Começava ale uma luta, e me tornei junto com outros amigos um agente de letramento digital, fisemos um curso ministrado pela cordenadora thais, apredemos entre outras coisas, a elaborar um projetos, o curso foi muito legal, bem proveitoso, e somos monitores formados, prontos para capacitar os pescadores, que já tem uma visão diferente do que foi no inicio, tem muito ainda pra ser feito, muita gente ainda pra mudar, mais tudo isso vai acontecer se agente acreditar.

Como monitor tenho muito orgulho de fazer parte desse projeto, sei das dificuldades que passamos, da falta de recursos , de não ter certas coisas, mais hoje se pararmos pra pensar em como começamos e colocarmos na balança, veremos tudo que conquistamos, hoje temos nosso telecentro, internet com banda larga de 30 mg, temos 4 computadores, tudo conquistado com nosso trabalho, através da parceria formada pela cordenadora thais, estamos fazendo outro curso,

aprendendo tudo sobre softwares livre e formamos mais uma parceria, com o projeto edux, hoje tenho meu computador, cara quando iria imaginar que eu compraria um pc, isso nunca passou na minha cabeça, mais é real tudo graças aos pescadores online, agora faço pesquisa com frequência, acesso minhas redes sociais, administro o twitter do projeto, lendo notícias com frequência, para poder twitalas, postando no blog a indignação de fatos que ocorrem na comunidade, o contato com a leitura é frequente na minha vida hoje, fato que antes não era, só de você saber tudo o que esta acontecendo no brasil e no mundo, acompanhando as notícias em tempo real, enquanto cidades grandes buscam seu espaço na era digital, no litoral norte da paraíba um vilarejo de pescadores tem um projeto de inclusão digital, é ou não motivo de orgulho fazer parte desta conquista? Eu respondo é sim motivo de orgulho e felicidade, espero que todos sintam-se assim, monitores, conselho gestor, pescadores e todos os usuários do telecentro, para que juntos possamos dizer tudo que sentimos em uma só palavra, a uma só pessoa. Thais Garcia, muito obrigado por tudo isso que você fez por nós

Questionário 1

(A primeira página do questionário foi apagada para preservar a identidade do participante).

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

A. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

1. Qual a sua idade? 23.
2. Onde você nasceu? NA BARRA
3. Onde você mora? NA BARRA
4. Quantas pessoas moram com você? 3 PESSOAS
5. Em sua residência, quantas pessoas exercem trabalho remunerado? 0

Marque com um x o setor de atividade dos seus pais ou responsáveis:

- ☒ pesca
- ☐ agricultura
- ☐ indústria
- ☐ serviço
- ☐ órgão municipal
- ☐ órgão estadual
- ☐ órgão federal
- ☐ artesanato
- ☐ profissional liberal
- ☐ outros. Especifique: _____

6. Sua família está cadastrada em programas oficiais de auxílio (bolsa-escola, seguro desemprego, etc)? ☒ sim ☐ não Qual(is)? BOLSA-FAMÍLIA (SEGURO-DETE

JO

7. Qual a situação de trabalho dos seus pais ou responsáveis? PESCADORES

8. Qual a sua situação de trabalho fora do projeto "Pescadores Online"? GUIA

ASSISTENTE (PROJETO PEIXE-RO)

9. Qual o seu grau de escolaridade?

- ☐ Ensino Fundamental completo
- ☒ Ensino Médio completo
- ☐ Ensino Superior em andamento
- ☐ Ensino Superior Completo
- ☐ Pós-graduação

10. Qual o grau de escolaridade dos seus pais

- ☒ não frequentaram a escola
- ☐ Ensino Fundamental completo
- ☐ Ensino Médio completo

☐ Ensino Superior em andamento

☐ Ensino Superior Completo

☐ Pós-graduação

11. Onde você realizou seus estudos? ☒ escolas públicas ☐ escolas particulares

12. Você cursou algum tipo de supletivo? ☒ sim ☐ não

13. Marque com um x os itens e serviços que você possui em sua residência:

☒ TV

☒ Rádio

☒ DVD

☐ Telefone fixo

☒ Telefone celular

☐ Câmera digital

☐ Computador

☐ Impressora

☐ Acesso à internet. Tipo de acesso: _____

☒ Geladeira/ Freezer

☐ Máquina de lavar roupas

☒ Fogão

☒ Água encanada

☒ Energia elétrica

☐ Coleta de lixo

☐ Tratamento de esgoto

B. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E ACERVOS NO ÂMBITO DOMÉSTICO

1. Marque com um x os materiais que você tem em sua casa:

☒ Álbuns de fotografia

☐ Bíblia ou livros religiosos

☒ Livros escolares

☐ Livros de literatura

☐ Enciclopédias

☒ Dicionários

☐ Folhetos ou livretos de movimentos sociais, de partidos políticos ou de grupos religiosos

☒ Folhinha, calendários

☐ Guias de ruas e serviços

☐ Catálogos e listas telefônicas

☐ Jornais e revistas Por exemplo:

☐ Livros de receitas

☒ Livros infantis

☐ Livros técnicos ou especializados

☐ Manuais de instrução

☐ Outros. Quais? _____

2. Que tipo de leitura você normalmente faz em casa?

DOCUMENTOS, NOME DE FILMES EM DVD

3. Você costuma ler para alguém em sua casa? ☐ sim ☒ não O quê? _____

Para quem? _____

Com que finalidade? _____

Com que frequência? _____

4. Quando era criança, alguém lia para você em seu ambiente familiar? ☐ sim ☒ não O que liam? _____

Quem lia para você? _____

5. Você costuma ler com alguém em seu ambiente familiar? ☐ sim ☒ não Com quem? _____

O que vocês lêem? _____

Para quê? _____

6. Em casa, o que você normalmente escreve? MUSICA

7. Você costuma escrever por alguém em sua casa? ☒ sim ☐ não O quê? NOMES

DE PESSOAS SÃO ANOTAÇÕES Para quê? MINHA MÃE VENDA PRODUTOS (ROUPAS E COSMÉTICOS)

Com que frequência? _____

8. Você tem acesso à internet em casa? ☐ sim ☒ não Em caso afirmativo, o que costuma acessar? _____

9. Com relação ao uso do celular, além de ligações, para quê você usa seu celular? _____

7. Para enviar mensagens, ouvir música - tira fotos
fazer vídeos

10. Você costuma ouvir músicas em casa? ☒ sim ☐ não Que tipo de música você costuma ouvir? FORRÓ, Brega, SERESTA, MPB, RAP, ETC.

11. Você ouve o rádio? O que costuma ouvir? SIM

NOTÍCIAS, MÚSICAS, NA BORRÊDO DO VALE, NA MIX

12. Você assiste TV em casa? O que costuma assistir?

SIM - NOVELA, FILMES, ESPORTES, SÉRIAS, DESUNH
E PROGRAMAS HUMORÍSTICOS

C. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E ACERVOS EM DIVERSOS ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO E CONVIVÊNCIA

1. De modo geral, você diria que gosta de ler? Em caso afirmativo, o que você gosta de ler? SIM

LETRAS DE MÚSICAS, FIGURAS DE BOMISSON
BRASAS DE INFORMATICA

2. De modo geral, você diria que gosta de escrever? Em caso afirmativo, o que você gosta de escrever? SIM, LETRAS DE MÚSICAS, REBADIINHOS

3. Você acha que alguém da sua família influenciou seu gosto pela leitura e pela escrita? Em caso afirmativo, quem? NÃO

4. Quem mais pode ter influenciado seu gosto pela leitura e pela escrita? NINGUÉM

5. Se você não gosta de ler e de escrever, quais os motivos?

SIM, MIN MANEIR INFORMADO
E NO CASO DE LETRA DE MUSICA, DEBORALAS
BOM MAIS RAPIDES

6. Você costuma ir a bibliotecas públicas, ou a algum lugar que empresta livros?

☐ sim ☒ não Com que frequência? _____

7. Você costuma ler jornal impresso? ☐ sim ☒ não Qual (is)? _____

_____ Com que frequência? _____ Como você obtém os jornais que lê? _____

8. Marque com um x as partes do jornal que você mais gosta de ler. (Caso não leia jornal, pule para a próxima questão)

- ☐ A primeira página: manchetes, resumos das notícias mais importantes
- ☐ Noticiário local ou notícias do cotidiano da cidade
- ☐ Noticiário nacional
- ☐ Noticiário internacional
- ☐ Noticiário policial
- ☐ Política
- ☐ Economia e negócios
- ☐ Esportes
- ☐ Programação de TV, cinema, teatro, *shows* e exposições
- ☐ Humor, quadrinhos, passatempos, palavras-cruzadas
- ☐ Classificados
- ☐ Horóscopo

9. Você costuma ler livros? ☐ sim ☒ não Que tipo de livro você costuma ler? Como você obtém os livros que lê? _____

_____ Quantos livros você leu nos últimos seis meses? _____

10. Caso já tenha lido algum livro, qual chamou mais sua atenção? Por quê?

UM LIVRO QUE CHAMOU MINHA ATENÇÃO
FALA SOBRE BAHIA DE SÃO SALVADOR

11. Caso nunca tenha lido um livro, qual o motivo? Gostaria de começar a ler? Por que e que tipo de livros gostaria de ler? _____

12. Você costuma ler revistas? ☐ sim ☒ não Qual (is)? _____

_____ Como você obtém as revistas que lê? _____

_____ Com que frequência costuma ler revistas? _____

13. Em sua comunidade, você tem acesso a jornais? ☐ sim ☒ não Onde? _____

14. Em sua comunidade, você tem acesso a livros? ☐ sim ☒ não Onde? _____

15. Em sua comunidade, você tem acesso a revistas? ☐ sim ☒ não Onde? _____

16. Em seu convívio social, há práticas de leitura? Quais?

SIM, TORPELOS, EMAIL, PALAS

17. Em seu convívio social, há práticas de escrita? Quais?

SIM, TORPELO

D. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E ACERVOS NO ÂMBITO DE FORMAÇÃO

1. Atualmente, você está estudando? ☐ sim ☒ não Onde? _____

2. Marque com um x as atitudes que você costuma (ou costumava) tomar quando lê (ou lia) para estudar:

☒ Escreve comentários nas margens do texto

☒ Sublinha partes do texto

☐ Anota as idéias mais importantes

☒ Copia partes do texto

☒ Faz resumos do que leu

☐ Faz esquemas com as idéias principais do texto

☐ Outras. Especifique: _____

☐ Nenhuma das opções acima

3. Marque com um x os textos que você costuma (ou costumava) ler ou consultar para estudar:

☒ Livros didáticos

☐ Ensaios, artigos ou livros teóricos

☒ Livros de literatura

☐ Jornais

☐ Revistas

☒ Dicionários

☐ Enciclopédias

☐ Apostilas

☐ Textos ou exercícios em folhas avulsas

☒ Notas, esquemas, textos ou exercícios no caderno

☐ Outras. Especifique: _____

4. Você costuma (ou costumava) tomar notas das aulas? ☐ sim ☒ não

5. Marque com um x as atividades que você costuma (ou costumava) realizar dentro e/ ou fora da sala de aula:

☒ Trabalhos em grupos

☒ Exercícios escritos

☒ Leitura de textos

☒ Produção de textos ou redação

☐ Debates e discussão em grupos

☒ Seminários

☐ Jogos ou dramatizações com finalidade de estudo

☒ Provas

☒ Leitura em voz alta

☒ Leitura silenciosa e interpretação de textos

☐ Reescrita de textos próprios

6. Você tem (ou tinha) acesso ao computador na escola/ universidade? ☐ sim ☒ não

Onde? _____ Com que frequência utiliza (ou utilizava) o computador na escola/universidade? _____

Comentários:

7. Você tem (ou tinha) acesso a *internet* na escola/universidade? ☐ sim ☒ não

_____ Com que frequência costuma (ou

costumava acessar?) _____ Que tipo de
atividades você desenvolve (ou desenvolvia) na internet?

Comentários: _____

E. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E ACERVOS EM AMBIENTE VIRTUAL

1. Quando, onde e com quem foi seu primeiro contato com o computador? Como se sentiu? Como se sente hoje?

NA SETE MESIS ATRAS, NA CASA DA MINHA NAMORADA,
COM ELA MESMA.

➤ FIQUEI NERVOSO PORQUE DA EXPERIÊNCIA NOVA
QUE ESTAVA TENDO.

➤ HOJE MAIS TRANQUILIZADO E USANDO O COMPUTADOR
SEMPRE QUE POSSO.

2. Quando, onde e com quem foi seu primeiro acesso à internet? Como se sentiu? Como se sente hoje?

RESPOSTA DA UNP

3. Com que frequência você acessa a internet? De onde você normalmente acessa?

PARANENTE, DA CASA DA MINHA NAMORADA

4. Marque com um x as atividades que você costuma realizar no computador:

- ☐ Escrever relatórios e outros textos
- ☐ Fazer trabalhos escolares/ acadêmicos
- ☐ Organizar tarefas domésticas
- ☐ Digitar dados ou informações
- ☐ Elaborar planilhas e montar bancos de dados
- ☒ Consultar e pesquisar
- ☐ Fazer cursos à distância
- ☐ Pagar contas e movimentar contas bancárias
- ☒ Enviar e receber e-mails
- ☒ Comprar pela *internet*
- ☒ Jogar ou desenhar
- ☒ Navegar por diversos *sites*
- ☐ Copiar ou baixar músicas em CD ou arquivo eletrônico
- ☐ Entrar em *sites* de bate-papo e discussão
- ☐ Acessar redes de relacionamento
- ☐ Outras. Especifique: _____

Comentários: COSTUMAVA APRESSA, MAE HOJE NÃO
TENHO ~~NA~~ INTERNET

5. Com relação às práticas de leitura em ambiente virtual, o que você normalmente lê?

EMAIL, PROPAGANDAS, LETRAS DE MÚSICAS

6. Com relação às práticas de escrita em ambiente virtual, o que você normalmente escreve?

EMAIL

7. Quais são os sites que você acessa com mais frequência e para quê você os acessa?

YOU TUBE.COM , VAGALUMIS.COM
SITES SOBRE PESCA , CABELEIREIRO E TÉCNICA
VOCAL

8. Você possui algum blog pessoal? ☐ sim ☒ não Em caso afirmativo, para que o utiliza?

9. Descreva, de modo geral, o seu cotidiano com relação à tecnologia.

CELULA , COMPUTADOR , CAMERA FOTOGRAFICA

F. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA E ACERVOS NO ÂMBITO DO CURSO DE FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO DE AGENTES DE LETRAMENTO DIGITAL DO TELECENTRO COMUNITÁRIO DA BARRA DE MAMANGUAPE

1. Dos textos que você leu, qual (is) chamou mais a sua atenção? Por quê?

GUIA DO TELECENTROS RURAIS
A FORÇA DE LIGAR É A UNIÃO DE ALGUMAS
PESSOAS PARA MONTAR UM TELECENTRO

2. Marque com um x as atividades realizadas durante o curso:

- ☒ Leitura silenciosa
- ☒ Leitura coletiva em voz alta
- ☒ Trabalhos em grupos

- ☒ Jogos ou dramatizações
- ☒ Apresentações de trabalhos em grupos
- ☒ Discussão e elaboração de regras para o telecentro
- ☒ Elaboração de projetos para a comunidade visando o uso da leitura e da escrita em ambiente virtual
- ☐ Provas
- ☒ Questionários
- ☒ Debates
- ☒ Produção de textos
- ☒ Exercícios escritos
- ☒ Leitura de documentos oficiais do telecentro

☒ Leitura de manuais sobre telecentros e banda larga. Especifique:

PNBL, GUIA DE TELECENTROS RURAIS SEMA DA
TERRA

3. Marque com um x os temas abordados nos textos que você leu durante o curso:

- ☒ Cidadania
- ☒ Inclusão social
- ☒ Sociedade da Informação
- ☒ Inclusão digital
- ☒ Letramento
- ☒ Letramento digital
- ☒ Agentes de letramento digital
- ☒ Plano Nacional de Banda Larga (PNBL)
- ☒ Telecentros Comunitários

4. Com relação às leituras, de que maneira eles contribuíram para a sua formação?

AUMENTANDO O MEU CONHECIMENTO NO ASSUNTO
DE MODO GERAL E MEU CAPACITANDO PARA
SER UM BOM AGENTE DE LETRAMENTO
DIGITAL

5. Com relação à prática escrita, qual o desafio em relação à produção dos relatos

reflexivos? Você aprendeu algo com essa prática? O que?

APRENDE QUE É IMPORTANTE PENSAR E REFLETIR
SOBRE TODAS AS AÇÕES E MOMENTOS DE
NOSSA VIDA, TAMBÉM É IMPORTANTE COLOCAR
TUDO ISSO NO PAPEL.

6. Na sua concepção, o que são práticas de letramento?

QUALQUER PRÁTICA OU AÇÃO QUE
ENVOLVA A LEITURA E A ESCRITA NO
ÂMBITO SOCIAL

7. O que significa a perspectiva do 'telecentro como agência de letramento'?

DIFUNDIR A COMUNIDADE, MELHORA A VIDA DAS
PESSOAS, OFERECENDO OPORTUNIDADES DE
SOLUCIONAR PROBLEMAS DA COMUNIDADE

8. Quais seus desafios enquanto agente de letramento digital do telecentro
comunitário da Barra de Mamanguape?

TRABALHAR COM PESSOAS DIRETAMENTE

9. De que maneira você acha que pode continuar sua formação enquanto agente de letramento digital?

LENDO SOBRE O ASSUNTO, ADQUIRINDO CONHECIMENTO E PRATICANDO

10. O que seriam projetos de letramento digital? Cite alguns possíveis exemplos e como eles podem contribuir para o desenvolvimento pessoal dos pescadores e da comunidade como um todo.

CRIA BLOG, REVISTAS DIGITAIS, EMAIL
DIFUSÃO DE PROJETOS PESSOAIS, E DA COMU-
NIDADE, ADQUIRIR CONHECIMENTO E SE MANTER
INFORMADO, SE COMUNICAR.

11. Quais as suas expectativas com relação ao telecentro comunitário da Barra de Mamanguape?

QUE ELE MUDA A COMUNIDADE E A VIDA DAS
PESSOAS QUE ESTÃO ENVOLVIDO COM O MESMO

12. Em sua opinião, quais fatores são essenciais para que você se constitua como agente de letramento digital do telecentro comunitário da Barra de Mamanguape?

TER COMPROMISSO, CONHECIMENTO NO ASSUNTO,
PAZÍFICA E DISPONIBILIDADE

13. Qual o momento do curso que mais marcou você? Por quê?

SER O SOLADO BATALHA NAVAL
A MINHA COVITE FOI CAMPIA

14. De que maneira as práticas de leitura e escrita estarão presentes no seu dia-a-dia no telecentro comunitário?

ESCREVENDO E LENDO EMAIL, PESQUISANDO
EM SAITES.

15. Em sua opinião, você se sente preparado para atuar no telecentro como agente de letramento digital? Justifique e trace algumas metas para atingir esse objetivo.

NÃO FALTA PRATICAR MAIS E CONHECER MELHOR
O COMPUTADOR

SER UM BOM ARGUMENTO, FAZER UM BOM TRABALHO
E AJUDAR AS PESSOAS QUE PRECISAREM
DE MIM.

MUITO OBRIGADA!

Questionário 2

Projeto: Um estudo sobre a formação e o letramento digital de monitores de um telecentro comunitário na Barra de Mamanguape à luz do Interacionismo Sociodiscursivo.

Base de pesquisa: Letramento e ISD

Pesquisadora: Thais de Abreu Garcia, mestranda PROLING/UFPB

Orientadora: Carla Lynn Reichmann, PROLING/UFPB

NOME:

E-MAIL:

TELEFONE:

DATA: 14 /11/2011.

Caro participante,

Com este questionário, queremos conhecer um pouco da realidade em que você vive e das práticas de leitura e escrita que você desenvolve em ambiente virtual em dois âmbitos da sua vida: o do telecentro e o de socialização e convivência. Descobrir o que lê e o que escreve em ambiente virtual, por que e para quê nos dará o suporte necessário para que possamos concluir nossa pesquisa.

Obrigada,

Prof. ^a: Thais Garcia

INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO

- Primeiramente, salve este documento no seu computador;
- Leia todo o questionário e veja como ele está organizado;
- Procure abranger ao máximo a questão abordada;
- Procure responder a todas as perguntas (Fonte: Times New Roman, Tamanho 11, espaçamento entre linhas: 1,5cm)
- Salve o documento respondido no seu computador e envie anexado para thaisgarciaabr@gmail.com

A. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE VIRTUAL NO ÂMBITO DO TELECENTRO

1. Com que frequência você vai ao telecentro? Costuma acessar a internet todas as vezes que vai

para lá? Todos os dias. sim

2. Marque com um x as atividades que você normalmente realiza no computador e na *internet*:

- ☒ Escrever relatórios e preencher formulários
- ☒ Organizar tarefas do telecentro (gerenciar arquivos, por exemplo)
- ☒ Enviar e receber e-mails
- ☒ Elaborar e preencher planilhas
- ☒ Montar banco de dados
- ☒ Pesquisar
- ☒ Fazer cursos à distância
- ☒ Acessar redes de relacionamento
- ☐ Entrar em *sites* de bate-papo
- ☒ Utilizar MSN, skype e outros meio de comunicação em tempo real
- ☐ Participar de fóruns
- ☒ Editar e gerenciar arquivos de vídeos
- ☒ Editar e gerenciar arquivos de imagens
- ☒ Postar vídeos e imagens
- ☒ Postar no *blog* do Projeto Pescadores Online
- ☒ Participação na elaboração de aulas para os cursos do telecentro
- ☒ Twitar pelo Projeto
- ☒ Ler outros *blogs*. Especifique: _____
- ☒ Pesquisar editais
- ☐ Escrever projetos
- ☒ Copiar ou baixar arquivos eletrônicos
- ☒ Auxiliar outros usuários a utilizarem a máquina e acessar a *internet*
- ☒ Outras. Especifique: *_ouço musicas*

3. Com quais aparelhos relacionados às novas TIC você costuma lidar? Para que você os utiliza? Você tem alguma dificuldade em operá-los? Quais? PC, maquina fotográfica, data show, impressora multifuncional. PC: tudo que foi selecionado na questão 2. maquina fotográfica: resistrar todos os acontecimento dentro do projeto e da comunidade. Data show: para mostrar videos e fotos. Impressora: para imprimir e xerocar.

4. Quais são os sites que você acessa com mais freqüência? Para quê você os acessa? G1.com: para twitar, pescadores online: para twitar e postar, globo esport.com: pra ver os reutados dos jogos

5. Com relação às atividades que você desenvolve no telecentro embrião, pelas quais você mais se interessa? Fale das atividades com as quais você lida melhor e com as quais você têm mais dificuldades. Pelo twiter, pelo blog, por resistrar com fotos. Tenho dificuldade com a impressora e data show

6. Com relação às práticas de leitura e escrita, você sente alguma dificuldade? Quais são elas e que fatores você associam a elas? Sim, na escrita, tenho dificuldade com algumas palavras e com

B. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE VIRTUAL NO ÂMBITO DA SOCIALIZAÇÃO E CONVIVÊNCIA

1. Você possui algum *blog* pessoal? ☐ sim x ☒ não Em caso afirmativo, para quê você o utiliza?
2. Você utiliza ferramentas como MSN, Skype, entre outras para se comunicar com amigos ou familiares? Com que frequência? Sim, MSN nem sempre
1. Você possui perfis em redes de relacionamento? Quais? O que mais lhe atrai nessas redes? Sim, facebook, orkut
2. Você utiliza o computador e a internet para entretenimento? De que forma? Sim ver vídeos, lutas, jogos etc...
3. Quais são os sites que você mais acessa? You tube, g1.com, vagalume.com etc...
4. Você gosta de acessar jornais, revistas e rádios online? Quais? sim bom dia pb
5. Você costuma baixar músicas, vídeos e outros arquivos eletrônicos? sim